L 2-42

A CARIDADE,

POEMA HEROICO

EM SEIS CANTOS.

A CARIDADE,

POEMA HEROICO

EM SEIS CANTOS

POR

Manuel Pessoa da Silva,

NATURAL DA BAHIA.

BAHIA

TYPOGRAPHIA DE CAMILLO DE LELLIS MASSON & C.

Largo de Santa Barbara n. 2.

1855

OF
B869.981
S586C

Na mente, como c'um impeto invencivel,
Me dava abalo o altivo pensamento.
Grande é o arrojo, desmedida a altura,
Onde me affouta de subir a ideia.
.....
.....
.....
.....
Emprendi, persev'rei no ousado intento.

(CAMÕES—*poema do V. d'A. Garrett*).

96
96-53
IPHAN
313/11
24/05/2011

Duas são as vidas n'este mundo, para onde pela Mão do Eterno poz a natureza ao homem :—uns vivem uma somente, em quanto outros talhados para a segunda, a procuram por tendencia, á cuja fôrça com isso obedecem :— a vida ephemera—e a vida da realidade.

Na rotação continua do planeta, que habitamos, as cousas parecem que todas vão com esse principio—nada firme, e somente constantes a ideia e a realidade de Deos— o valor e apreciação da virtude.—Os homens que vemos

com satisfação afogar-se em o vasto e insondavel oceano de illusões, e que os notamos nunca surdirem em bôa ora á tona d'esse mar sempre agitado, e se arreceiarem de lá tornar a cahir—culpal-os, é não conhecer para o que elles vieram cá:—são esses os da vida ephemera.—Encurtando-a pelo seu estragado systema de existir, os que assim fazem; e á despeito de todos os exemplos de proficuo ensino—e bellas normas de elogiavel comportamento, proseguem com estranha renitencia na estrada perigosa de todos os vicios, servem ao principio de desencaminhada existencia, para que nasceram.

Se o pae, que amando intranhavelmente ao filho, e imaginando-se um futuro, em o qual embriague-se de jubilo, vendo-o entre as sumidades sociaes—leva á rigoroso capricho a educação e estudo d'esse filho—e ao cabo frustram-se todos os seus esforços e desvellos para com elle—e vê-se que á esse individuo não lhe ficou a menor cousa de tudo que leccionou-se-lhe, e mostra uma completa abnegação ás lettras—é que nem uma culpa tem d'isso elle:—a sua vida é a vida ephemera—hade obedecêl-a.—

Para ella igualmente foi que nasceo todo aquelle, que sem pertencer á certa ordem na sociedade, n'esta emprega os seos dias, nutrindo unicamente costumes de particular especialidade.

A gelada indifferença com que o usurario fita a lagrima resplandecente expressiva da angustia da miseria sobre o rosto macerado de quem a soffre—esse abandono inexplicavel para com sigo mesmo, e que leva-o ao extremo de reduzir a sua propria, e ainda pessima alimentação—mirrando-se pouco á pouco sob esse quasi imperio que nelle

exerce a fome;—esse inqualificavel systema de deixar-se mesquinhamente assim maltratado sobre o seo proprio oiro—e o errado principio de assim proceder para ficar ao inteiro proveito de outros todo o thesoiro, que não soube gosar—presumindo-se do alarde enganoso de se lhe fallar sobre o cabedal que deixa—tudo isto são elementos irrecusaveis d'aquella vida, á que cede o usurario.—

A vida da realidade—aquella, em que o homem lega de si uma lembrança, que não se acaba, conforme sempre o que praticou por virtude, por armas, ou por lettras; essa vida, que é como a semente em bem escolhido torrão, que sem receio lançando-a a mão cuidosa, não espera vêl-a senão despontar, e, viçando, desenvolver-se no crescimento, robustecida vingar, e produzir—essa vida é a que o individuo, que fadado para ella nasceo, hade procural-a, e segui-la, vá elle ao principio por onde fôr.

Isto não é desconhecido :—dos paizes do mundo—o, sem duvida, mais estremado em toda a ordem de lettras e sciencias—e em tudo o mais, que perfeitamente constitúe a civilisação de um povo—a França, por onde bato—offerece um exemplo cabal n'esse sentido :—quero referir-me á um dos seos primeiros homens.

O famoso Lafontaine até um certo numero de annos, em idade alem da, em que n'aquelle berço de genios tem havido escriptor de lançar os primeiros e seguros fundamentos de sua celebridade—n'aquelles annos de Lafontaine—o homem dos chistosos contos—e soberbas fabulas, de si não dava cousa, nem mesmo minima, que valesse á esperançar d'elle o genio que foi:—era mesmo de ver que n'aquelle ho-

mem parecia que lhe ouvera completamente negado a naturesa o derradeiro fôro de intelligente:—Lafontaine não sabia o que era.—

Nascido porém para a vida da realidade—o fabulista sublime—voltou-se á ella, como o devia ser—e no grande horisonte, em que lusiram, e lusem os Corneiles, Raccines, Boileaus e Voltaires—Lafontaine é o astro de igual brilho ao de todos elles—e com todos elles—e mais os seos notavelmente celebres poetas e prosadores, forma esse diadema de immortal fulgor, que guarnece á fronte egregia da rival da antiga e memoranda Athenas—a terra fecunda dos Fenelons, Bossuets e Bordalus.—

Então a mina preciosa, que a occultava a naturesa no animo d'aquelle a quem lh'havia ella dado—pendendo por uma força, á que em seo tempo cedeo, para á vida da realidade, e entrando nesta—chegou o praso de escaval-a; fêl-o—e a riqueza que aurio d'ella—deo-a Lafontaine na collecção magnifica de suas deleitaveis e riccas fabulas de moralidade preciosissima.—

Patenteado assim o mais valioso monumento para a verdadeira immortalidade do seu grande nome—Lafontaine é uma admiração da optima, e, portanto, aproveitavel litteratura.—

Eu que assim dei entrada á este prologo, ou como melhor seja—quando ao guarda avançada de todos os livros outro nome lhe caiba em substituição á esse, que já de antiquado enfastia—com essas verdades alguma cousa devo inferir, e dizer de mim—que em assumpto o mais remontado do mundo soltei-me temerariamente ás regiões, á que não pensei nunca de subir, e por onde venturosamente

pairaram genios, que bem longe estando de os imitar, ainda mais estive de com elles medir-me na composição do poema, que emprehendi—e acabo de executar.—

Se á Deos apraz a verdade, como é certo—a verdade como um raio do seo esplendor, que brilha no espirito do homem—sempre que de si a confesse o homem, tem cumprido um dever sagrado para com a Providencia:—está bem com o Céo, nada se lhe dá com o mundo:—a modestia é a chrisma impia da mentira;—esperar que lhe julguem sem julgar-se, reservando-se de fazer cabedal do talento que tem—isto é uma imposição da decencia sobre o homem reflectido.—

Antecedendo assim o que devêra—importa confessar o que de mim devo.—

Eu tenho mais de uma vez desconhecido a mim mesmo;—parece-me que uma voz interior interroga-me sobre o que fui—e que d'ahi procede admirar-me o que sou.—

Nascido n'este chão bençoado e ameno da encantadora Bahia—quando eu conheci, já em annos para isto, aos auctores de meos dias—meo pae já havia sido opulento no commercio, aonde matriculado, tinha feito um feliz papel entre os respeitaveis negociantes do seu tempo: eu não respirei mais sob as scenas da sua fortuna—meos olhos viam apenas um homem de honra—de uma vez por outra annuviado do semblante por essa pesada sombra de entristecimento, que assaltêa a quem depois d'ella querido tornou-se victima da sorte nos seos inesperados caprichos:—tudo quanto eu sabia dos seos venturosos tempos dava-m'o apenas a tradicção.—

Homem não d'esses, que ainda presumem que o amor é

a licença, elle comprehendia que a amisade paternal está immediatamente ligada ao dever, e que á um filho ama-se pelo bem, e que não solta-se para a perda. Chegado pois á idade do primeiro ensino, elle poz-me em uma escola de um mestre particular, aonde comecei a aprender, continuando ao depois em uma aula publica de ensino mutuo. Aqui já eu tinha uma predilecção pelo meu livro de ensino—que d'elle me não descuidei nunca—era em minhas mãos o que é nos enfeites o—Mico—em mãos de uma moça—o livro trasia-o eu todo cheio de fitas de varias cores; eram sem precisão muitas marcas pela precisão do muito adôrno: era o livro o—*Epithome da Historia Sagrada*—: lia-o soffrivelmente—meo pae quiz ouvir-me um dia em uma lição; vio-o com isto satisfeito—e satisfiz-me.—

Quando n'essa escola eu proseguia—nos lares da pobresa de minha honrada familia uma enfermidade rebelde aos esforços da medicina arrebatou-me o arrimo que eu tinha depois de Deos na minha idade ainda tão verde:—meo pae, depois de cumprir os seos deveres de perfeito Christão—entre Deos e a sua consciencia pura, em companhia dos seos—acabou os seos dias sem que eu e ninguem o visse:—foi uma alma, que apartou-se das enganosas prisões do mundo, poupando lagrimas, que no instante de voar ao Ceo lhe podiam tornar angustiosissimo o apartamento, que lhe fôra tão suave sem ellas.—

Entre as lagrimas, e copiosas, que pulavam-me dos olhos—vi-me; e o que restava era o orfão de nove annos sob o ampáro de Deos—e os desvélos de minha mãy, que dolorosamente carpia-se por ver em um momento quebra-

dos os laços de tanto tempo—e que ficava entregue aos tenuissimos restos de uma fortuna, que se havia toda extraviado para nunca mais ser o que foi.

Discorrido pouco tempo da morte de meo pae—fui para o estudo de latim:—ensinava-o em aula nacional quem perfeitamente entendeo-o—o fallecido Sr. João Gualberto Ferreira Sanctos Reis—insigne poeta traductor da mesma lingoa, e não menos insigne em muitas composições originaes suas, e a quem a Bahia não soube recompensar, pagando-lhe na morte o que lhe devera na vida como um dos primeiros cantores das suas glorias pelo triumpho na famosa lucta da independencia do Brasil.

Durante esse estudo—e do qual passei para o de igual lingua, que tambem em aula publica leccionava o já finado Sr. Lôbo—eu continuava em companhia de minha mãy, que tinha a virtude de querer-me em extremo, e de em extremo desejar-me todo bem no futuro, guiando-me o espirito e o coração como de principio era.

Minha mãy foi uma senhora de talento; se ella nascesse em um d'esses paizes, que sabem animar a mulher intelligente, e com esse animo, que infundem-lhe, fazem-na cultivar com escolhidas lettras á razão—minha mãy, se aproveitada fosse em bôa licção, podia ser uma gloria para o seu sexo, como o foi uma honra pela virtude.

Tinha o systema da bôa mãy do grande Sr. Lamartine—este conta da sua que depois de ouvir-lhe a sua licção da Historia Sancta—explicava-lhe a estampa correspondente—eu ouvia com satisfação indisivel e animo attento pela quaresma as explicações que ella fazia-me de todos os paços da Paixão do Redemptor, que os sabia perfeitamente

de cor—e como resultado da bem escolhida educação que teve.

Sempre em sua companhia—acudido sempre pelas suas orações—eu, depois de frequentar outras aulas, vim, sem o esperar, a conhecer que a naturesa havia-me prendado com o dom da—poesia.—

Era de ver quanto lh'a comprasiam vôos tão froxos, quaes os meos foram—ensaios tenuissimos de Cysne por vigorar ás plumas—porém que ella, que tinha sua paixão pela poesia—achava—amor de mãy!—que o filho já attingia ás alturas da Aguia.

De então por diante dobrou em mim a dedicação por livros:—em publico eu não me animava a apparecer ainda;—porém eu já conhecia que Deos me havia dado em sorte a—vida da realidade:—Elle destinou-m'a—eu devia chegar-me para ella—e assim foi.

Já pelo tempo em que perdi cortado de dores agudissimas a bôa e virtuosa mãi, que amou-me, e que tão extremosamente me quiz, eu era empregado publico—já os meus patricios, e mesmo estrangeiros, haviam-me conferido o beneplacito de fadado ás Musas—porém já a politica havia começado a complicar a minha bôa situação—mas proseguia a consciencia em me avaliar como de principio, embóra as desafeições, que accenderam-se ás chammas d'essa, tentação, que tem aquelle nome.

Iniciado no grande templo de Apollo—neophito desconhecedor ainda dos seos importantes mysterios, cabia-me esforçar em penetral-os na licção escolhida de notaveis poetas—e n'estes—e em prosadores classicos da lingua lucrar-me nas limpidas vertentes do portuguez como se o

deve saber, e fosse-me possivel.—Afóra outros—confesso que o novo Alexandre na *conquista* da lingua como a fallou, e poetou-a Camoens—o eximio Filinto Elysio—uma das grandes glorias d'aquelle Tejo, que tanto quiz—e aonde fez soarem os accentos de Pindaro—os sons de Horacio em muitas de suas odes, em que poz-lhe a boa fortuna o sello da immortalidade,—Filinto Elysio foi o poeta—por onde me soltava todo em apurada leitura. Mas eu conhecia que em mim confiar somente era imperdoavel temeridade, e, então—não abandonei o preceito á carta X do philosofo e poeta *Bernardes*—

> Mil vezes cahe quem se não precata :
> Quem a tudo o, que cuida, solta a penna
> Muitas cousas enfeixa, poucas ata.—

Precatado busquei ser, e bem feliz com isto pela pessoa de quem amparei-me para assegurar-me na senda, que principiava de trilhar como cultor da poesia.

Não me esquecerei nunca d'aquelle caboclo, que lá na ladeira da Misericordia morava, e aonde exercia, como soe, o seo professorado publico de lingua latina:—ôje quando o vejo alvejante de cans, ainda com elle, ás vezes, recreio-me de recordar d'aquelle bom tempo.

Foi, o confesso, e honro-me de o fazer—o meo exclusivo guia e mestre em a minha mal-segura carreira de poeta aprendiz o respeitavel Sr. Professor—Guilherme Balduino Embyrussú Camacan.—Lá subia eu á sua residencia—affavel, como é, elle recebia-me, e tractava:—ouvia-me em os meos ensaios de méro versista, que então era, com atten-

ção e bôa vontade, que denotavam a generosa retribuição á inteira fé com que eu o buscava para meo mestre.

Depois que elle com sinceridade dizia-me o que de bom tinha eu feito, e de notar-me no, em que de máo eu havia cahido—de me fazer ouvir, e de acceitar-lhe as bem proveitosas emendas—batia-me sobre o hombro—e dizia-me —*continúe, que hade ser poeta.*—

Palavras de animação, ditas com a consciencia de quem todos os requisitos tinha, e tem para avaliar e conhecer o que poderá ser o talento escudado por quem com precisão o dirija—essas palavras foram para mim o incentivo de uma efficacia, que nunca pude rebellar-me á predicção feliz do meo respeitavel mestre.

Já como seo amigo—já como seo discipulo—via-me o Sr. Guilherme Balduino Embyrussú Camacan repetidas vezes em sua companhia:—liga feliz com um dos primeiros poetas, que por ventura conheço—em talento, illustração e gosto apuradissimo :—se alguma cousa dizem que sou como poeta—eu devo á escolha que fiz da amisade d'aquelle importantissimo litterato—seos conselhos foram sobre o meo fraco talento o orvalho saudavel, que o nutrio e desenvolveo—e deo-lhe o arrojo de tentar o que jamais poderia, se um tal mestre eu não tivesse.

Já de ha tempo haviam em Portugal vertido os primeiros clarões da poesia romantica o immortal Sr. Visconde de Almeida Garret, e o eximio Sr. Antonio Feliciano de Castilho : —Dona Branca—do primeiro,—as—Noites do Castello—do segundo, eram poemas famosos muito conhecidos aqui.

Mas a escola, que no Brasil predominava ainda era a escola—classica:—provectos nesta escola conheci eu ao

mesmo Sr. Balduino—ao Sr. Francisco Muniz Barretto, incontestavelmente um genio superior—ao Sr. João Gualberto—e outros, figurando ao depois nella, como quem é, o Sr. Gualberto de Passos.—N'essa escola fiz-me abrir matricula, que ainda ôje preso, porque as primeiras fontes, que me saciaram no grande desejo de saber jamais nunca as poderei esquecer—e porque ninguem, que ôje notavelmente poete, que ali não fo[illegible]bar n'aquellas veias puras, e o que ôje seja não deva ao que n'ellas aproveitou.

Não me deixarei atar ao cepo dos seus rigorosos preceitos, porque a poesia quero-a livre, e dita como a sentir o coração—mas sempre que o titulo de—*ode*—vier-me a bem com elle poetar, eu heide usar d'elle.

Reparto-me sem abuso pelas duas escolas:—acceito a romantica pela forma porque n'ella mostrou-se, e escreveo o Sr. Garret—e o fez o Sr. Castilho:—preso-me de o dizer que esses dous poetas eu os leio como a dous oraculos do Pindo.

Quanto á escola classica, á escola a quem devo esse mesmo quasi nada que sou:—não serei com ella o que assentam que devem ser outros—abandonal-a completamente, não:—Camoens—uma escola inteira, e que baste a fazer poetas á todos que nasceram com esse dom preciosissimo—Garção, Filinto, Ferreira, Diniz, Bernardes, Antonio Ribeiro dos Santos e outros serão sempre gigantes no estilo e gosto:—a abnegação completa d'essa escola eu não a devo crer senão possivel á aquelles, que fazem do romantismo o que nunca elle foi, e nem é.—Muitos presumem, porque a não entendem, que a escola romantica é para o ampáro do muito e muito que desenxabidamente, por ahi

se escreve; e que deve ella descahir no excesso do ridiculo, trajando de gallas á um monstro para o fazer passar como o bello.

Tudo perde de seu legitimo valor, quando é abusado:—sem abandonar o classico, usem do romantico pela forma e gosto que o fazem outros.—Estou convencido de que a frugalidade da fabula é ôje um fastio—porém sei que aonde sem excesso ella bem vier, hade agradar sempre:—pouca differença vai este meo do dizer do Sr. Castilho:—abandonal-a isto nunca:—nunca tambem sacrificar a idéa á melodia; porém despresar esta, quando com ella envolva-se inteira a idéa, só o fará quem absolutamente sem posses de genio, queira dar prosa por verso.

Tomara-me eu ver com alguns d'esses moços da poesia nascente, e que ahi os ha de bem aproveitados serem, pela muita habilidade, de que são prendados, e alguns já com illustração soffrivel—tomara-me, digo, com elles ver sob esse verdadeiro systema de seguir á escola romantica sem a injustiça de abandonar á escola classica.

Filho pois alimentado pelo succolento leite da minha velha mãi em poesia—aproveitado na estima que faço da escola romantica—eu abracei a tentativa de uma ordem, que não presumi nunca o fazer.

Depois de empregar quasi todo o meu tempo n'esses debates jornalisticos—em razão de partido, tomei-me do receio de poder isso pecar-me o germen productor, que em poesia me podesse valer em dar cousa, que ao nome ganhasse-me no mundo uma admiração, e que aos meos filhos no futuro gloriasse:—meu paiz é tudo para mim n'este universo;—e elle para o meu coração está só depois de

Deos: a demonstração do muito que lhe eu quero, andou tambem como sentimento grande para uma nova empresa, que devesse eu tomar. De tudo arredei-me, e a minha idéa unicamente reverteo-se para a composição de um poema, cujo assumpto fizesse digna a minha tenção.

Eu calculava toda a força do meo arrojo—mas eu lembrava-me do que dice o que melhor comprehendeo o sacerdocio das Musas Portuguezas—

> . . . . . As cousas arduas e lustrosas
> Se alcançam com trabalho e com fadiga.—

Superados por mim todos os receios pelo preceito que no seo poema consignára o divino Camoens—a empresa que sobre mim tomei não descahio da vontade com que o fiz—e o assumpto a—Caridade—, teve de ser o que, primeiro dos assumptos do mundo—bem aproveitasse, e melhor que tudo, o meo tempo na composição do poema, que em ora feliz ahi o entrego ao mundo.

A—Caridade—, a maravilhosa missão do Filho de Deos sobre a terra—a palavra, que em si diz tudo—sendo o mesmo que dizer o resgate feliz do genero humano; o germen fecundissimo de tudo de mais sancto, que ha para o pensamento, e que abona a realidade—tem sido o objecto de diversos escriptos—poeticos e em prosa:—independente de outros, como o grande Chateaubriand e o igualmente grande—Lamartine, d'ella trataram Silvio Pelico e Kempis, cada um d'elles em sua applicação diversa.

Porém que um poema tenha sido no mundo especialmente sobre a—Caridade—feito, é o de que nem uma

noticia tenho.—Legauvet escreveo um poema—porém foi o seo exclusivo assumpto a—incredulidade:—a gloria da escolha—essa é que ninguem m'a poderá jamais tirar.

Se escrevi-o como o devêra, é o que não me attrevo a dizer;—que fiz o que pude—é do que posso dar um seguro abono.

Li o que foi-me possivel, e com o que podesse resistir á força de minha temeridade—que outra cousa não foi para mim essa empresa, certamente cabida á esphera outra, que não á minha.

Reservar-me para depois de sufficientemente sasonado publicar esse fructo do meo honroso trabalho—eu o quizera—porém venceo o muito desejo de o dar á estampa tal qual da lavra acabou elle de sahir-me ao preceito, que impõe Horacio—o grande mestre.—

O poema a—Caridade—concebi-o, e o executei em tempo, de que me basta a consciencia:—eu sempre tive a sua inspiração como uma inspiração, que me déra o Filho de Deos, uma vez que sendo ella para cantar a primeira de suas virtudes, isto venci em tempo que jamais cuidei.

N'esta composição, pois, em que tivéra muita gloria de seguir á—*Milton*—aonde isto bem me cahisse; eu confesso que não o fiz; e dando-se no poema a—Caridade—como no—Paraizo perdido—o apparecimento do máo espirito para a perda dos primeiros paes—nisto mesmo andei diverso de *Milton* na concepção—e aqui estampo os periodos respectivos do Homero Inglez—porque melhor, e facilmente infira-se o que digo.—

Now to th'ascent of that steep savage hill
Satan had journey'd on; pensive and slow;
But further way found none, so thick intwin'd,
As one continued brake, the undergrowth
Of shrubs and tangling bushes had perplex'd
All path of man or beast that pass'd that way:
One gate there only was, and that look'd east
On th'other side: which when th'arch-felon saw,
Due entrance he disdain'd; and in contempt,
At one flight bound high over leap'd all bound
Of hill or highest wall, and sheer within
Lights on his feet. . . . . ,

. . . . . As when a prowling wolf,
Whom hunger drives to seek new haunt for prey,
Watching where shepherds pen their flocks at eve
In hurdled cotes amid the field secure,
Leapes o'er the fence with ease into the fold:
Or as a thief bent to unhord the cash
Of som rich burgher, whose substantial doors,
Cross-barr'd and bolted fast, fear no assault,
In at the window climbs, or o'er the tiles:
So clomb this first grand thief into God's fold;
So since into his church lewd hire ings climb.

Thence up he flew, and on the tree of life,
The middle tree and highest there that grew,
Sta like a cormorant; yet not true life
Thereby regain'd, but sat devising death
To them who liv'd; nor on the virtue thought
Of that life-giving plant, but only us'd
For prospect, what well us'd had been the pledge
Of immortality. So little knows
Any, but God alone, to value right
The good before him, but peorverts best things
To worst abuse, or to their meanest use.

These hell'd by inghtingales embrocing slept,
And on their naked limbs the flow'ry roof
Shower'd Roses, which the morn repair'd. Sleep on
Blest pair; and Oyet happiest, if ye seek
No happier state, and know to know no more. (*)

And as I wond'ring look'd, bind it stood
One shap'd and wing'd like ond of those from Heaven
By us oft seen; his dewy locks distill'd
Ambrosia; on that tree he also gaz'd.— (**)

Já é muito—prologo—: não deleita, e nem utilisa quando enfastia:—basta por tanto. O mundo que avalie o que fiz pelos votos de suas legitimas illustrações.

Bahia 18 de Setembro de 1855.

(*) Paraizo perdido—Livro IV.—
(**) Ibid.—Liv. V.

ARGUMENTO.

Podera dispensar, como havia-me proposto—esta formalidade mais—o—argumento—ao poema: cedi porém ao uso;—vá feito.

Poema sem acção equivale á corpo sem cabeça: é a cousa informe—ou, então, méra collecção de versos. Procurei salvar-me á tão sensivel defeito—e concebi, como devêra, o plano e desenvolvimento do meo poema.

Assumpto da philosophia unica e real—que é a verdade da religião—o poema a—Caridade—devêra-o eu compôr, auctorisando a vinda d'Aquelle, que essa virtude veio ensinar ao genero humano, e por ella salva-lo do captiveiro da culpa e dos homens.

Depois da indispensavel abnegação da fabula, pela realidade e sagrado do assumpto—dá-se o apparecimento da *Musa da verdade*:— invocação á ella:—irrecusavelmente, depois dos principios estabelecidos—o mundo não é senão a obra de uma Omnipotencia Eterna—cuja Bondade Summa não foi senão pela perpetuidade da geração humana, puramente conservada, occupando toda essa immensidade de orbes creados.

A quéda do anjo, pela sua soberba, degradou-o em uma condemnação eterna com os demais anjos rebellados:—elle

traça no abysmo desafrontar-se do seo opprobrio e eterna sentença, perdendo a obra magnifica de Deos na innocencia dos primeiros paes pela violação do preceito.

Quéda do homem.

A geração—partindo então de impuros troncos pelo peccado—prosegue o poema—com a reacção continua do máo espirito contra o Poder Supremo do Eterno:—differentes quadros.

Diluvio universal :—Noé e sua familia:—nova geração:—scena feliz do mundo :—depois continúa a reacção de Lucifer.

A Divina Providencia começa a desenvolver a obra sublime da redempção :—apparecimento de Moysés:—discripção do mesmo:—a lei escripta no Synay.—Moysés é o preludio famoso e evidente da vinda do—Messias—: Moysés fenece; Josué succede-o :—depois de Josué—apparecimento dos—Profetas:—diversos quadros até a realisação do nascimento do Redemptor na gruta de Belem.—Jesus Christo funda, e ensina a virtude da—Caridade—: o máo espirito prosegue em reacção contra essa divina virtude—desenvolvendo todos os casos, que lhe são absolutamente oppostos; mas ella vai sempre em vencimento contra todas as tramas do inferno.

O absurdo e iniquidade da conquista.

O menino engeitado.

O escravo.

O condemnado á morte.

Morte do avâro.

Morte do homem—caridoso—; sua recompensa na Gloria Eterna—fim do—poema.—

ADVERTENCIA.

Não posso, embóra todo o esmero houvesse de minha parte, quanto mesmo o empregasse o Sr. Masson—abonar, como desejára, que sai o poema—a CARIDADE—estreme de todo o descuido typographico.—

Em tanto, afóra o que devidamente supprirá a esclarecida intelligencia dos leitores—releva que lhes eu aqui note alguns descuidos realmente sensiveis, para os quaes eu empenho toda a sua attenção.

Ao canto 1., á pag. respectiva—o verso, que diz—

Que importa o esplendor dos reis, que obrigam?—

lêa-se—

Que importa o esplendor dos reis, que abrigam?

Ao mesmo canto, á pag. 28, vers. 21, que diz—

Assim, se, á pino posto, o so miramos.—

lêa-se—

Assim, se, á pino posto, o sol miramos.—

Ao canto 2.—pag. 36, vers. 23, em vez de lêr-se—

Toda quanta pisou torva tristesa—

lêa-se—

Toda quanta pesou torva tristesa.—

A' mesma pag., vers. 26—em vez de ler-se—

Não lhe é dado despir-se, em quanto pisem—

lêa-se—

Não lhe é dado despir-se, em quanto pise.—

Ao mesmo canto 2., á pag. 47, vers. 26, em vez de ler-se—

De tão remoto vir ao tempo nosso—

lêa-se—

De tão remota vir ao tempo nosso.—

A' mesma pag., vers. 27, que diz—

Essa mudar perniciosa origem—

lêa-se—

Essa medrar perniciosa origem.—

A' nota do canto 5., pag. 150—aonde diz—e como é razão—lêa-se —e como á razão—&c.

CANTO I.

Profano assumpto não me empenha o Genio:—
Divindades, que fabulas crearam
Quando em tempo gentilico á verdade
Do homem a razão deo preferencia
Ao falso brilho de mentidos quadros—
Hoje em Musas não creio:—ellas, Parnaso,
Ficções risonhas de remotas eras—
É cabido lembrar, se ao Estro accende
Amôr ao ponto, em que patente á alma—
Á sedusil-a, poem rôsto de virgem,
Em qu' entre o mimo de brincadas graças
Vertem vivida luz dois lindos olhos,
Que o não apercebido peito ferem,
E n'elle inteiro o coração abrasão.—

De Genios immortaes a mãy fecunda,
Grecia—ouvio disferir os sons primeiros
Á poesia—e d'ella o bêrço fôra:—
Traçou-lhe a phantasia amena origem

N'um elevado guarnecido monte
De frondosos Loureiros;—dera ao Pindo
Deos, em quem aurea coma esparsa brilha:—
De Mnemosine encantadôras filhas
Igualmente traçou pelas colinas
Aprasiveis folgando d'esse monte
Na doirada illusão apenas visto.—
Chamou-se á Apollo d'harmonia fonte,
Potestades ás Musas, qu'almos hymnos
Veem de tão alto á inspirar beni'nas.—
Dos preciosos dons, de que fecunda
Á mente humana a sabia Naturesa,
Foi-me partilha o Estro;—mas, Poeta—
Dá que á ti não me dobre illuso culto;
Que dos Vates jamais enganadôra
Religião tú caies ao, que me inspira—
Objecto magestoso:—os teus mysterios
Eu para elle de invocar dispenso;—
Nem d'almas Gregas credito aos delirios
Dou, como a fé retraio á alegorias
Divertidas e vans do Paganismo:—
Pelos vales de Tempe não discôrro;
De ungir-me os labios de Hypocrene a limpha
Ao desejo me forro.—Hymnos agora
Não pede que nas aureas cordas fira
A candida amisade;—sonorosas
Canções da Paphia Deosa o filho vario
Não me requer solicito, que exalcem

Paixão, que no fervôr intenso irmane
Co'á qu' abrasára de Sorrento o Cysne,
Quando de olhos reaes avassalado
Na Lyra eterna disferio prodigios
Aos encantos d'aquella, em cujos labios
Um ternissimo osculo furtando,
Soou-lhe a perdição no som de um beijo;
E condoida contemplou Ferrára
Da Naturesa a culpa, e não do homem
Penar o Genio em carcere mettido.—
Lavrar-me igual furôr nos seios d'alma
Ao que em Delphos fatidico se via
Á de Delio tomar Sacerdotisa,
Quando co'a pelle de Python cingida
Sobre a trypode oraculos soava—
Não—que não sinto:—destemidos feitos
De espada, que fumêa em sangue tincta,
A lança de conquistas deshumanas,
Que novo sopesando heróe valente
Intrepido venceo contrario Marte,
Não excitão-me ao Estro altivos carmes,
Em qu' ao postero os sagre, os sagre á fama.—

Embóra a Deosa do Heliconeo invoque,
Chame em soccôrro seo o Vate egregio,
Á quem de o bêrço dar se ufana Chio,
E Messenia erigio altar e templo:—
Com arrojados sons o vacuo enchendo

Á audaciosa tuba—ao mundo mostre
Iras dos olhos dardejando Achilles;—
Do vingativo ardôr corada a face,
Ao carro do seo barbaro tryumpho,
Feroce—por Heitor tirar jungido;
E, no sangue á pensar, que golpha impune
Do seo famoso heróe—esmorecida,
Pelo caso fatal beber angustias
Aquella, cujos muros alterosos
Outr'ora o pae de Hesione fundára.—
Do grão Cantôr avisinhado, o Cysne,
Cujo altiloquo vôo hão de no mundo
Eternas reflectir agoas do Tejo—
Erga na lyra sonorosa e pura
O denodado Gama em fragil lenho
Arando de Neptuno êrmos dominios:—
Aqui Adamastôr magoado ainda
Entôe, quando narra o duro engano,
Que armou-lhe de Pelêo a linda espôsa:—
Ali a bella suspirosa Castro
Entre os córos de aligeros amôres
Nos filhos afagar ao pae, que adóra;—
Logo, pela paixão, que a tanto illude—
Manar-lhe á fio do mimoso seio
O sangue ás impias mãos de algoses feros.—

Em cambio de mortiferos combates,
Do quadro de conquistas horrorosas,

De amôr ora em tryumpho, ora em desdita—
Tú, só tú—Charidade—agora, ao Genio
És que rebate dais-me: —alvoroçado.
Qual o nunca eu senti, tornas-me o Estro,
Á qu'em canóros brote egregios hymnos,
De qu'és credôra perennal Virtude,
Primeira entre as demais:—tú, que nos atrios
Da Igreja Christan o véro brilho
Do Ser Eterno unica reflectes;—
Tu, que do Seio seo ao mundo foste
Pelo Divino Anho trasladada
Tão pura como a pomba, quando á sombra
De amplo, florido laranjal festeja
Em dôce arrulho do consorte á vinda,
Que por longe se andava o nutritivo
Alimento buscando aos tenros filhos,
Que em prêso ninho da pendente rama
Em soccorro da fome aos paes pipilão.—

Que prodigio, porém, subito, os olhos
Do mundo me desvia, e n'esse espaço,
De qu'outros mundos pendem, m'os empenha!
Mimoso e brando anil ao céo decóra;
De argenteas nuvens, que o recamão, facil—
Desenreda-se um Genio, e á mim disfere
O compassado adêjo.—Sem que as plantas
Pouse no chão purissimas, que a culpa
Dos primitivos paes negra manchára—

Fronte a fronte commigo eil-o suspenso.—
Seo rôsto iguala á candida assucena
Do matinal orvalho rociada;—
As duas asas na brancura vencem
Á delicada pluma, de qu'ornára
A Naturesa á magestosa ave,
Que discanta inda em vida hymnos da morte:—
De um alvo transparente são, que splende
Como a neve, que os pincaros corôa
Das montanhas, ferida aos primos raios
Do sol, que se ergue.—Es tú, por caso, o Anjo
Custodio do homem cá na vida, ou guarda,
Que Deos me envia da Sion celeste
Á qu'em mim vele attento n'esta terra
Outr'ora de Virtude—hoje de crimes?
Oh—que, estendendo a dextra, c'o alvo dêdo,
Do poder do Altissimo refeito,
Toca-me n'alma—e rapido, e divino
Fôgo o inteiro cerebro assaltando-me,
Já do engano desvendado, vejo
A sacro-sancta Musa da verdade.—
Sim, és tú, que n'esta hora ao Christão Vate
Assistir vens na gloriosa emprêsa.—
Assim, depois que no Thabôr teu solio
Sentaste, e d'elle teos clarões verteste—
Nas cordas d'arpa os dêdos ajustaste
Do Rei Cantôr: —assim no Tybre outr'ora
Inflammaste de Tasso á mente illustre

No fôgo de altos hymnos sonorosos,
Em que descaptivada egregio entôa
Jerusalem: —no Tamisa tú fôste
Guia nos vôos de arrojado Estro,
Quando patente pôz Milton sublime
Os quadros do perdido Paraiso: —
Da Fé ao grão Cantôr, que ao Sena exalta
Inda mais que os trophéos de mil batalhas,
Ergueste no engenho aguda chamma,
Que por elle correndo-lhe divina,
Nos Martyres, que entôa, e em que parece
Arrebatar voz d'anjo á lingoa d'homem,
Presenta Eudóro do congresso em meio
Ao Cinnôr atesando as frôxas cordas,
Ás graças da pagan furtar os olhos,
E cravando-os no vasto firmamento,
Alem do que discanta—a voz canóra
Inteira franqueiar de Abraham ás eras; —
Como a Palmeira—modular os lindos
Rosaes de Jericó—de Hermon os picos,
De Idúme as palmas, de Cadés Cyprestes. —

Na gravidade aquem dos, que os ouveram
Inspirado, não stá meo nobre assumpto; —
Qual em regêl-os te apraseste n'elles,
Igualmente no meo rege-me: —á Clio
Missão unica seja, assidua, as flôres
Do Olympo colhêr, com qu'esta fronte

Magestosa te cinja ao som dos hymnos,
Que disferir vens dar-me ás aurias cordas
Do Cinnôr, que me pende em vez de Lyra.—

Quando o circulo cheio a meiga Phebe
De maviosa luz ao mundo ostente—
Sentado á vêrde relva em noite amena,
Contempladôr esp'rito attentos olhos
Ponde em tudo creado.—Á superficie
Do Orbe, lá do céo prateia a lua: —
Do vastissimo céo o asul enfeitão
Esses, que d'ella não encobrem raios
Astros, que vertem buliçoso brilho
Quaes preciosas nitidas saphiras: —
Como os que a sua luz offusca argentea,
Mundos, que d'este não differem nosso—
Á leis sugeitos o espaço occupão.—
Alem o mar em negra penedia
Da vaga, que se empóla—a furia quebra;—
Na branca e ampla areia aqui em alvos
Aljofares se estende: —d'um prefixo
Limite, por mais forte—alem não passa:—
Ali de um bosque espêsso o verde tópe
Se alça affrontando á habitação dos Numes:—
Co'a limpha relusindo á lua, á beira
Vai-se d'elle quebrando um manso arrôio:
Os ares embalsama activo aroma
Das varias flôres, qu'arvores adornão;—

Do maior vegetal, e planta humilde
Move-se a rama brandamente ao sôpro
Da brisa, que murmura bella e dôce,
Como em labios carmim da casta virgem
Soão do coração singellas voses,
Com que, co'a mão diaphana envolvida
Do ministro de Deos na benta estóla—
Confirma os votos da festiva bôda.—
D'aqui os olhos arredando—a mente
Levai á Grecia dos soberbos tempos,
Quando unindo ao valôr esmêros d'artes
Co'as artes e valor deo brado ao mundo.—
Homem não na de hoje, n'essas eras
Nascido imaginai-vos: —n'essa fôrça
Do mais bello ideial, afigurai-vos
Vendo em Athenas immortaes prodigios.—
Garbosa Chypre em marmore talhada,
Ao gesto, e á postura, ás delicadas
Perfeições, que lhe deo cinzel divino—
Dirieis que respira, e falla, e sente,
Se alem do quanto póde a arte fizesse
Respirar, e sentir, fallar á pedra.—
Que outra em frente da mimosa estatua
Ideia dispontar houvera n'alma
Sobre o artista, que a obrára? — O feito,
Por grande—um Genio altivo recordára;
E d'esse extremo de bellesa e graças
Em Praxitéles recahira a gloria.—

O mesmo ali, se o Parthenon se ostenta
De primorosos quadros adornado: —
Das tinctas a mistura, o vivo d'ellas,
A sublime harmonia em quanto mostrão,
Da gente, que se apinha—os olhos prendem; —
D'ella aos applausos fervidos, famoso,
E de tanto capaz, nos grandes rasgos
De Zeuxis o pincel é que respira.—
Assim, na que de Roma antiga herdára
De brios Marciaes rica abastança—
Do sublime David á mente a ideia
Surdira prompta, ao ver-se entre as contrarias
Phalanges as Sabinas atiradas—
Leonidas egregio moribundo
Nos passos das Termopylas guerreiras.—

Que é grande tudo isto, ao certo, nunca
Negal-o se ousará do Genio aos fóros,
Nem da arte ao poder.—Porém de Genios
Transcendentes quaes forão esses, d'arte,
Que famosa os guiára—esses prodigios
Que montão, contemplando-se a sobêrba
Maravilhosa creação d'este Orbe,
O firmamento asul, que estrêllas ornão?

Tirar da pedra perfeições extremes,
Sonhadas graças insculpir-lhe, e dar-lhe
Galanteio á postura;—se de um quadro

O completo dos traços, vivo e sombras
É que um engenho primoroso attestem,
Que, raro—o que ideiou altivo obrára : —
Oh—que do mundo a magestosa scena,
Em que, sem que o espirito bandeie-se
Em o crer, e não crer qual d'esses varios
Tempos o certo que até hoje conta—
Um feito os olhos veem recente sempre;—
E quanto n'elle mais curiosos fitão-se
Mais encantando-os vão novas bellezas:—
Agora uma só côr, logo diversas
Lindas galas trajando o céo—á mente
Diz, como falla ao coração—que o quadro,
Que assim immenso, e seductor comporta-os
Conceber, e crear só Deos podia.—
Mire o marmore Phidias;—quanto poz-lhe
De sublime a Natura ajuste ás regras—
Tudo empenhe á lhe dar fórmas, que attraião:
Largo tempo medita antes que o talhe—
Té que a obra remate outro se escôa.—
Assim o immortal Corregio, o grande
Murillo, e afamado Tissiano,
Egregio Raphael, quando arrojados
D'arte, e do Genio ás perfeições tocando—
Tiravão do pincel ditosas lavras.

Aso embalde, porém, d'estes teria
A vocação á se exalçar pasmosa

Ás regiões do ideial sublime—
E d'aquelle á brotar talento vasto
Em riquesas, padrões de antigas eras—
Se as finas tinctas, e pincel falhassem,
Falhasse a regra em combinar as côres,
Fôsse o cinzel não atinado invento.—
Mas tudo que nos cerca, e quanto vemos,
Do qu'é, o que antes foi?—Um mixto informe!
Um artifice, pois, não é que surde
Segurando o pincel, e soccorrido
Das tinctas para um quadro; ou qu'uma estatua
Moldar querendo do cinzel se ampare,
Co'á arte o Genio alie:—é Deos que assoma,
E co'a palavra á confusão fecunda,
E o mundo apparece—o mar se ostenta—
Para logo resplende a luz creada;—
Obra sobêrba—o céo de milhões de astros
Tachonado alardeia extreme pompa:—
Da esmeralda a côr os bosques tinge,
Rebentão flôres de matises varios,
Mimoso cada qual, e vivo e bello:—
Tortuosas da terra nas entranhas
Do oiro as veias abastadas fulgem,
Outras brilhão argenteas:—sob as crôstas
Avultão ricos mineraes diversos.—
Quaes erguidas columnas, que sobêrbas
Á asul celeste abobada sustentão,
Nas giradôras nuvens a arrogante

Fronte embebem os Alpes magestosos:—
Garboso entre a folhagem doces notas
Terno disfere o Roxinol canóro:—
Sobre a mole vergontea sonoroso
Modúla o Curió;—o canto ameno
Verte, e varia o Sabiá; saudando
Da creação os quadros—no gorgeio
Requebrado blasona airoso a linda
Purpura o Cardeal, de que se adorna:—
O escamoso bruto nas profundas
Agoas respira do Oceano:—a rama
Preciosa o coral rubido estende:—
Encerra a concha as perolas custosas.—
Ali do Ládon serpeando estampa
A formosura, que lhe coube rara
A transparente limpha:—aos mais excede
Na dôce fresquidão almo Gortinio:—
Aqui gigante o Amasonas corre,
De magestoso se alardeia o Prata.—

Structura e bellesa—essa harmonia,
Que, pasmando, revella essa obra immensa,
De que preceito dimanaram?—Fôra
Mesmo o Eterno esse preceito—o Genio,
Que produsira maravilhas tantas—
A sua Omnisciencia:—Elle as traçára—
Quiz—e eil-as.—Das sacras plantas suas
Do mundo pende a machina soberba;—

Da sua mão suspenso o sol fulgura,
Da outra verte a luz suspensa a lua: —
Com seo poder os elementos rege;—
D'elles c'o choque movimento ao Orbe
Presta—e se agita o mar sem que o alague
Sobre nossa cabeça.—As varias scenas
Tão lindas sempre do Universo importão
Para o talento originaes sublimes.—
Quem tudo isto nascer do cháos fiséra—
De quem origem teve, onde existia,
Em quanto o ser á confusão não desse—
É pensal-o um arrojo—examinal-o
Temeridade—e de animo cegueira: —
Insondavel aqui se ostenta um pégo,
Em qu'a rasão fluctúa embalde sempre;
E se ella, audaz, em devassal-o insiste,
Para mais não surdir—n'elle se perde.—
Deos, dos tempos senhor—antes que os tempos
Apparecessem por vontade sua,
Já existia n'elles: dependencia
De motôr não tivéra quem tirára
Co'este de um embrião milhões de mundos;
Quem do salso elemento origem fôra,
E ao primeiro humano origem déra.—

Então que o feito lh'o contemple immenso,
E porqu'o gose—o Arbitro Supremo
Debuxa o homem na divina ideia

Á sacra imagem sua: —é Deos, e d'Elle
Só bastando o querer p'ra o quanto intente,
Toma de barro uma porção, co'um sôpro
Parte do seo lhe infunde Eterno Esp'rito;
E d'entre as suas mãos o homem surge: —
Ante o seo Creadôr a fronte humilha;
Seo Creadôr adóra: —pasma, os olhos
Pondo em tudo, que o cerca—em posse entra
De almas delicias que o seo Deos formára. —
Das obras todas singular feitura,
Tal da Infinita Sapiencia o homem
Outro mundo sahio, que almeja, e sente.—
Na superficie vagueando, o Summo
Deos o observa: —embevecido agora
Do seo querer nos divinaes prodigios
Elle o vê—logo ao céo olhos erguendo,
Juntas as mãos á elle alçando, fita-o
Aquelle bem-diser Arbitrio Immenso,
Que tão varios brotou, tão seductôres
Encantos; que o moidou—que dêo-lhe vida.—

Não porqu'á Deos o coração commôva
O homem solitario; que do Eden
Era p'ra elle a solidão ventura: —
Cheio, porém, do infinito o plano
Não stava:—á creação inda o remate
Pôrto não tinha ao seo poder conforme: —
Em sua augusta mente o derradeiro

Dos seus mysterios por cumprir guardava,
E da vontade lhe pendia immensa.—
Embóra já formado houvesse o homem;—
Para o que feito estava era elle pouco,
Pouco um só coração para adoral-o,
Mesquinha uma só mente á conhecêl-o:—
Dispontar, e cubrir ao mundo havia
Então do homem primitivo a raça.—

Do alto descende ao Paraizo o Eterno: —
Do homem, que outra vez a fronte curva
Para o Deos de seo bem—tira uma costa;
Porção d'elle, a mulher d'ella plasmára:—
Surgindo o novo ser, ouvira o homem
De Deos a voz, que diz-lhe—é tua espôsa.—

Primôr, com que fecunda a Sapiencia
Do Infinito á creação ornára,
E co'elle á concluira—obra sublime,
Que do seo emanou ultimo esfôrço:—
De qu'attractivos, de que mimos, graças,
E encantos colmada não seria—
Praser dôce de Adam, essa primeira
Mulher, que o chão pisou ditoso do Eden! —
Quaes astros fulgurando em estiva noite
Lusem no rôsto seo rasgados olhos;—
De Uriel, que o Eterno igual com ella
Formou, á pôr-lhe em guarda do amôr casto,

O rôsto pelo rôsto lhe fundira
Na esmerada bellesa:—o trasparente
Realça-lhe da neve a côr da rosa:
No mimoso rubim da breve bôcca
O alvo sobre-sae de unidas perlas:—
Rompe-lhe d'ella a voz suave como
Balsamo, que dissenta á chaga, e pura
Como o lindo cristal de manso arroio,
Que deslisa lambendo á molle relva:—
Sobre largas espaduas de polido
Jaspe lhe ondeia esparsa negra coma;
Da espaçosa fronte dispartida
Trementes pomos debruçada beija:—
Do pescôço o roliço, qual dos braços,
E das pernas condiz c'o quanto pôde
Dar-lhes de perfeição divino tôrno:—
O mais..... de almas delicias almo encêrro.
Se á phantasia praz, mais vale ao gôso.—

No ente seductôr embalde o homem
Do Eterno abranger mysterios summos
Na sua profundez co'a mente busca—
Excedem-lhe á rasão.—Levão-lhe os olhos
Os mimos da creada formosura:—
Continuo, sem que os farte, embebe-os n'ella:—
D'ella outro Eden lhe importa o meigo riso;—
Ella, depois de Deos, lhe importa a dita.—

E co'esse ultimo ser, que em delicado,
Como na perfeição tudo excedêra
Do que havia creado—e com qu'o feixe
Sublimado poz Deos á obra sua—
Qual o que ostentão os mais seres, como
O deferir, que á um vai d'outro sexo,
Em que da producção a lei se libra—
Ordem revella, que sobêrba, quanto
Sublime se apresenta essa harmonia
Em tudo, de que, immenso, este universo
Quadro compoem-se—attesta qu'uma Eterna,
Omnisciente Fôrça é que podéra
Ter d'ella, qual do mais motôra sido!
E quem, sem da rasão manchar os fóros,
N'essa Fôrça motôra um Deos extranhe?!

Innata fé no coração do homem
Do seo Deos lavrou sempre—e n'elle sempre
Credulo o coração por Deos batêra.—
Do horisonte da sciencia a nevoa,
Que o encobria, dissipada apenas—
Quando a sciencia resplendêra, e n'esse
Illustre chão mettêo da grande Grecia
Pé a Phylosophia—entrada ao senso
De um Infinito Creador principio
Anaxagoras dêo á tão famosa
Ideia—e do Orbe a inclyta feitura
Pôde-a somente crer de um Deos possivel.—

D'essa maravilhosa Eterna Essencia
Socrates foi que da verdade cheio
Á mente ennobrecêra; e que seguro
Primeiro o véo rasgára á Naturesa;
A rasão elevando ao gráo supremo,
De que fóra jasia:—foi na crença
De um Ser, que, justo, o merito premeia—
Que impassivel libou cruel cicúta.—
O vasto engenho de Platão divino
De um Deos Immenso a evidencia abrange:
Em sua Essencia tão sublime o crêra,
Que modelar traçou por elle os homens,
Tornal-os Numes, que o Universo habitem:—
Quem a fé lhe recuse impio julgára—
Impio o qu'Elle intervir em tudo negue.—
Da soffrida Virtude a inteira copia
Do egregio Zenon n'alma famosa
Do Infinito translusio co'a ideia.—

N'este, que alçaram resplendente culto.
Genios summos á Deos—perdem-se innuteis
Os caprichos de Pyrrhon; vans se quebrão
Scholares contendas—com que n'esses
Ditosos sitios, que eternára aquelle,
Qu'alma explanára eterna em livro d'oiro—
Sacra á paz violando das jasidas
Perennaes dos irmãos trez, que briosos
Vidas c'o sangue em lide á Patria derão,

Do facundo Pericles—se envestião
As seitas.—Qual de Antisthenes eleva
Discipulo os principios, que degradão
Na sordidez o homem;—qu'elle triste
Querem que imitte até no instincto ao bruto!
Qual de Epicúro enthusiasta, os fóros
Do sublime franqueia ás crenças, qu'almo
E véro bem da vida n'esses fundão
Deleitosos praseres dos sentidos.—
Em tanto qu'estes, condoido, nóta
Desvios da rasão—firme nas, qu'ama—
Platonicas doctrinas—o Platonico
D'essas doctrinas apurar-se o oiro
Vê—como ás suas o sevéro Stoico
Remontar-se á valia.—Assim no d'este
Sec'lo juiso luminoso aquellas
Resvalão subtilêsas de arrojado
Sophista;—que, a rasão embóra alçada
Á uma veja Creadôra Essencia—
Contesta ser um Deos auctor de tudo!
Quanto, oh misero! está do alcance fóra
Do que o Eterno fez o accaso vosso!
Vosso Deos—esse accaso—que debalde
Em um pégo vos traz de escuros êrros—
O quanto, cégo, presumis que libra
Orça por impossivel: —espontanea
Fôrça, que os orgãos distinguio nos seres,
Esses seres formando—regalia

É summa, que á poder outro pertence,
Que em raças propagar poséra o fito.—
É para vós um Dedalo o Eterno,
Em que vos confundis sem penetral-o;
E de abêrro em abêrro, á que sahida
Á confusão vos deis—ao Infinito
Esse oppondes acaso! —Tal, se pago
Da bella, por quem arde—nos extremos
É com agros desdens—no desengano
De ao seo rendêl-a apaixonado affecto—
Doído o amante do cruel desprêso,
N'ella fallando lhe amortece o mimo,
E prefere á quem d'ella em graças dista.—

É facil conceber quanto excedêra
Ás mais a dita d'esses paes primeiros,
Quando do mundo amplissimo na posse
Irmanavão na paz co' á paz celeste.—
Sanctuario a mulher de almas delicias,
Felice, o coração lhe não mordia
A hydra do ciume—acerbos zêlos
Jamais, lhe o esp'rito envenenando, ao rôsto
Turbar lhe ousavão divinaes encantos :—
Paixão mesquinha e vil de animo baixo,
Com afiadas settas não rompia
A iniqua vingança o peito ao homem;—
Tôrpe lh'o não desmerecia a inveja—
Do Orbe inteiro senhor—d'elle o dominio
Ninguem lh'o disputava em parte, ou todo.

Entre-tanto que assim da humana raça
Vivião docemente os dois motôres—
Do mundo a obra consumada, o Eterno
Do céo, á que sublime se remonta,
Pelo chão de christal pisa em triumpho:—
Dos qu'Elle esp'ritos á Mansão celeste
Gloriosos creou—longas fileiras
Por vitreos arcos recamados d'oiro
Guião á voz de sonorosos hymnos
Ao seo immenso throno o Ser dos seres.—

Quatro aureas columnas, que, feridas
Pelos de um sol perenne raios puros—
Magestosas resplendem—sobre os ricos
Seos capiteis á Cherubins mimosos
Banhados de almo riso assentos prestão:—
De eterno viço variadas flôres
D'ellas ao alto em lisongeiro enrêdo
D'elles prêsas lhes dão divino adôrno.—
D'essas columnas no espaço erguido
Fulgúra um throno de maciço oiro,
Onde cravadas esmeraldas lusem
No afan do grandôr, afan do brilho:—
D'elle no fim um espaldar se ostenta
Sobêrbo no raiar de finas pedras;—
Famoso um semi-circulo do largo
Encôsto acima fica-lhe formado
De Seraſins, que d'alvas mãos se tomão

Dos lindos rôstos ressumbrando encantos.—
D'aqui o Eterno Padre á Naturesa
Regúla as sabias leis:—d'essas diversas,
Excelsas jerarchias o respeito
Aqui c'o amôr acolhe.—Então, sobêrbo—
Do Infinito predilécto—Lucifer
C'os dons, de qu'o enchêra o Ser Supremo,
Esse respeito recusando ao Eterno,
Á esse amôr faltando-lhe; com outros,
Que aliado ouve á si p'ra o feio crime—
Contra Elle rebella-se:—a divina
Côrte, em que tinha a paz seo dôce abrigo—
Enorme desacato!—arde em discordia!—
Celestes hostes á seo Deos votadas
Amotinão-se—e d'ellas, qual valido
Leal do Creadôr, e d'elle amado
Summo, heroico Miguel rege o commando:—
Lampeja-lhe na dextra um gladio d'oiro;—
No afan da batalha ao monstro abate,
Aos mais abate reprobos com elle:—
Nos dominios do céo a paz renasce:—
De Deos, áquem, na lide, a fé aprouve
Conhecer dos que á Elle amavão puros—
Cria-se á voz um tenebroso abysmo,
Onde, em sevéra punição—p'ra sempre,
C'os seos sequases Lucifer despenha.—

Vós, que o sensivel coração rendestes

Ao, qu'incruentas privações soffria; —
Que, abroquelando-o da miseria aos tiros—
Condoído—o vestistes; mas que em largos
Tragos depois o amargo acerbo á taça
Da crúa ingratidão fez que esgotasseis:—
Vós, que—em famosos lances—d'amisade
Depois que o templo honrastes—no infortunio
Fender-vos o desdem alma sentistes,
Com que vos estranhou o falso amigo:—
Vós, que ao hypocrita affeições votastes,
E d'elle a infamia tarde conhecestes:—
Vós, que colhestes miseros accintes
No fado avêsso do que amôr, agrado,
De estima abonos vos fingio na dita—
Consolai-vos aqui.—Este, que attesta
O céo de ingratidão funesto exemplo,
Com que os dons, de qu'o colmára o Eterno—
Desconhecido, Lucifer pagára,
Vos cerre ás chagas, que o desprêso abrir-vos.—

Que montão pompas, que alardeião paços
No seo custoso alcatifado—n'essas
Brilhantes tellas, sumptuosos vasos,
De que se espalha recendente aroma?
Que importa o esplendor dos reis, que obrigão?
Que prêço tem a purpura, que os cinge,
O deadema, que lhes orna ás frontes,
Quando em seu alvedrio o povo o quebra,

E pelo pó que pisa a purp'ra roja?
Oh—que assim como subito se perde
No espaço o lusente meteóro,
Todo esse quadro desparece n'essa
Immensa ideia da celeste côrte,
Dos titulos, que lá confere o Eterno! —
Pelo que d'ella no lusir gosava
Pode-se avaliar do Anjo a quéda.—

E todo d'essa quéda o horrôr na mente
Revolve no horrôr Satan do Orco. —
Grão Dynasta dos seos, um throno occupa
N'elle, á que sóbe, e lavra eterno fôgo: —
Quaes os, que á base reprobos lhe ficão,
D'elle os, que distão seo dominio acatão.—
Tinge-lhe o rôsto a negridão do abysmo:—
Olhos, que ante Deos de Anjo brilhavão,
Já em Demonio horridos chammeijão:—
Vertêo-se a coma em pavoroso enrêdo
De serpes, que se assanhão, que sybillão: —
Trinca-lhe o peito corpolenta hydra.—
Assim—do throno, em qu'é—qual do abysmo
Rouco trovão, que no espaço róle,
Tal, na colera, em qu'arde, a voz disprende,
Vibrando contra Deos crús ameaços.—
—O que vale á vingar tão grande opprobrio,
—Que o tormento amacie eterno á pena?
—Os Orbes desfazer qu'Elle creára?

—Como!..... Aonde o poder, que ao poder vença
—De quem por este horror os dons trocou-me?
—Se d'esse Deos no céo não tryumphára,
—Querer no Averno tryumphar é baldo.—
—Desengano cruel, que excede á pena,
—Que lucrou-me fatal a rebeldia!
—Impossivel, porém, quando esse esfôrço
—É, que importe á delir-me inteira á affronta;
—Se á Deos os Orbes desfazer não posso—
—Se d'Elle tryumphar monta á cegueira;—
—Meio senão recuse outro, que assoma,
—Que, em parte, o intenso me atenúe á ira,
—E a pena, que soffro—em parte, vingue.—
—Veja um dia esse Deos perdida raça
—Humana, qu'elle pura á quer—o vasto
—Mundo seo habitar de paes perdidos;
—Qu'hão de, como eu, rebeldes recusar-lhe
—Obediencia.—Então creados Orbes
—Fitará tantos outros êrmos d'ella;
—Qu'essa, que hade brotar peccado tôrpe—
—Morte, de quem nascer um têrmo aos dias
—Incruenta porá.—D'aqui d'este Orco
—Hade ella surdir:—d'aqui tyranna
—Irá superstição lavrar na terra,
—Fatalmente medrar feia volupia:—
—O fanatismo irá—co'a dextra armada
—De agudo ferro descoser entranhas
—Á miseros irá duro homicidio.—

—Isto esse Deos verá—como em altares
—Pela manchada raça humana á Elle
—Preferidos vãos idolos—e ella
—Em cambio d'Elle adorações render-lhes.—

Um tão impio dizer Satan remata;—
Iniqua approvação dos seos retumba.—
Qual, por elle impellido, veloz parte
Do arcabuz mortifero pelouro,
Tal em serpe Satan d'essa, que Orco
Bôcca, em qu'o fôgo ondeia—lhe escancára
No negro intuito se arremessa ao Eden.—

Primor d'esse ditoso Paraiso,
Em os varios matises, que a bellesa
Extremão-lhe da cópa—á que sustenta
Polido tronco de esplendente oiro;—
Nos, qu'ao cristal, no transparente, vencem,
Pomos, que d'ella pendem, do preceito
De Deos, e d'Elle a arvore querida
Do par felice conquistava os olhos.—
Assim a serpe o vê:—d'arvore posta
Do tronco á base, lhe attrahindo a vista
Ás, que d'ella o lusir cores lhe dava—
N'este rompe theor.—Como tégóra
—Negai-vos á, que Deos real ventura
—Vos aqui encerrou?—Aggravo á Elle
—É que vos recuseis ao bem supremo

—Que n'estes pomos poz:—quanto creára
—Comprasêo-se o Eterno em gôso dar-vos;—
—E d'elle o só preceito é que de tudo
—Na doce fruição zeleis constante.—
No puro estado de innocencia extranhos
Ao rebellado espirito vivião
Da humana raça os primitivos troncos.—
Do dizer de Satan subtil veneno
N'alma côa de Eva;—e como n'essa
Porção, de qu'a mulher formou o Eterno,
Parece que tambem do homem parte
Fôra do coração ao d'ella unir-se,
Que á tudo ao grado seo o move, e arrastra—
Ao anhêlo de Eva Adam assente:—
Á arvore mimosa um fructo colhe
Do Divino preceito—orrido riso
Do orrido Satan soou sinistro:—
Satan p'ra o Orco subito se torna.—
Que espanto ao homem quando o pomo fita,
E lhe os olhos enturva escura nuvem!—
Assim, se á pino posto, o so miramos.—
De Eva nos labios esse fructo é fôgo!
Despe turbado o céo o asul adorno!
Todos do Eden são tristesa os quadros!—
Qual no deserto o caminheiro ouvindo
Ruidoso trovão immovel fica,
E duvidoso em proseguir se deixa,

Temendo que ao diante o raio o fira—
Tal co'esta scena lugubre tornou-se
Adam á Eva junto.—Então no alto
Escuta do Eterno a voz tremenda;
Voz de offendido Deos, que assim resôa.—
—Mulher, pisaste á, que te dei—ventura;—
—Da minha Excelsa Graça, homem—cahiste.—

Fim do Canto primeiro.

NOTAS DO CANTO PRIMEIRO.

Pagina 3. *vers.* 2.—*de Sorrento o Cysne.*

Tasso:—um dos maiores poetas, que teem por ventura devidamente gloriado o mundo—occupando á fama. É quasi de geral alcance a origem do seu immerecido infortunio—um beijo na duqueza de Ferrára, á quem amava estremecidamente—custou-lhe o desespero de um carcere estreitissimo.

Ibid. vers. 24, *e* 25.—*o Vate egregio*
Á quem de o berço dar se ufana Chio.

Homero:—ninguem, que lhe podesse até ôje marcar a epocha tanto de nascimento como de duração—uma e outra lá se perderam na immensidade dos seculos:—do seu verdadeiro berço, porém, a tradicção historica dá o grande brasão á Chio—que não menos d'elle ufana-se, como de tanta veneração honrou-se em tributar-lhe Messenia á memoria.

Pag. 4, *vers.* 9, *e* 10.—*Aquella, cujos muros alterosos*
Outr'ora o pae de Hesione fundára.

Troya:—suas muralhas fundou-as Laomedonte, cuja filha Hesione, consultando Laomedonte o oraculo sobre certos males—e o meio de removel-os, foi sorteada para sacrificio—de que salvou-se ao depois, pagando o pae com a vida uma perfidia, que commetteu com a salvação da filha.

Pag. 6, *vers.* 27.—*Do Rei Cantor.*

David:—seus impagaveis psalmos.

Pag. 7, *vers.* 2.—*descaptivada egregio entôa*
Jerusalem, &c.

Tasso:—o seu famoso poema—Jerusalem libertada.

Pag. 7, *vers.* 6.—*Os quadros do perdido Paraiso.*

O immortal poema de Milton—Paraiso Perdido.

Ibid. vers. 7.—*Da fé ao grão Cantor, que ao Sena exalta.*

Chateaubriand:—seu magnifico poema os—Martyres,—ou —Triumpho da Religião Christan.

Pag. 8, *vers.* 3.—*Do Cinnor, que me pende em vez de Lyra.*

Instrumento, que parecendo-se com a Lyra—é do que ella mais encorpado.

Pag. 9, *vers.* 28.—*Em Praxiteles,* &c.

Celebre artista Grego na esculptura.

Pag. 10, *vers.* 8.—*De Zeuxis o pincel,* &c.

Outro artista Grego—igualmente celebre no genero de pintura.

Ibid. vers. 11.—*Do sublime David,* &c.

Famoso artista Francez na pintura.

Ibid. vers. 15.—*Nos passos das Termopylas guerreiras.*

Memorandos lugares da Grecia, em que toda sobre-sahio a gloria guerreira de seus immensos filhos.

Pag. 11, *vers.* 16.—*Mire o marmore Phidias,* &c.

Outro famoso artista Grego na esculptura.

Ibid. vers. 21.—*Corregio—vers.* 22.—*Murillo—Tissiano—vers.* 23.—*Raphael.*

Todos celebres artistas Italianos na pintura.

Pag. 13, *vers.* 14.—*Ladon.—vers.* 17.—*Gorthinio.*

Rios, destinados á celebridade pela natureza com os impagaveis attributos que lhes deo.

Pag. 18, *vers.* 25.—*Anaxagoras*

Philosopho Grego:—foi mestre de Pericles—attribuia—e ensinava como doctrina—a obra do mundo á um Poder Infinito. Comtudo o tiverão os Athenienses como impio pelo principio de dizer que é o sol *uma materia inflammada.* Taes são as estravagantes preocupações dos homens!

Pag. 19, *vers.* 21.—*Pyrrhon.*

Philosopho Grego:—fundador da seita dos Pyrrhonnicos: um e outros tocaram ao extremo de negar tudo quanto era verdade.—Que escusado capricho!

Ibid. vers. 22 *até* 27—*e pag.* 20, *vers.* 1, *e* 2.—

com que n'esses
Ditosos sitios, que eternára aquelle,
Qu'alma explanára eterna em livro d'oiro—
Sacra á paz violando das jasidas
Perennaes dos irmãos tres, que briosos
Vidas co'o sangue em lide á Patria derão,
Do facundo Pericles—se investião
As seitas.—

Lugares, em que Platão dava toda a sua grandiosa mente ás solemnes verdades da Phylosophia:—esses lugares, cuja entrada era assignalada pelas sepulturas do eximio Pericles e dos tres irmãos, e aonde derramou-se a palavra magnifica do auctor—Platão—do famoso livro da immortalidade d'alma—erão depois invadidos por scholares, que os atordoavão com a grita de vans contendas.

Pag. 20, *vers.* 2.—*Antisthenes.*

Philosopho Grego, fundador da seita dos Cynicos.

CANTO II.

No dispenho cruel da mór ventura
Apura-se o sentir da mór desdita.—
Não pensára a mulher, nem crêra o homem
Na, que ambos, tarde, arrependidos soffrem
Angustiada dôr, que a tôrpe offensa
De rebeldes á Deos lhes dobra n'alma.—
De seres todos innocencia, qu'erão,
Puras feições descaeem um tanto ao homem:—
Então diverge do que foi seo rôsto
Do crime ao pêso; e a mulher—formosa
Se ostente embóra ainda—n'esse mimo
De graças, que extremou-lhe a Mão do Eterno—
Já não é no, que dêo-lhe—encanto a Eva,
Que todo um ceo roubava antes da culpa:—
Ambos distinguem já virtude e vicio;
De um máo esp'rito co'a existencia atinão:—
Quanto do Eden deleitosos quadros
Stão-lhe, do qu'erão—diferindo á vista!
Então p'ra elles de praser e riso,

De um Deos desacatado agora a magoa
No pendôr da tristesa em si retractão,
E do rebelde par de ôrror se cobrem.—
Querer mais a rasão do que podia
Do Infinito devassar mysterios,
Anhêlo por Satan accêso ao homem
Foi, que lhe o brilho da rasão turbando,
D'essa harmonia o homem separára
Do mais tudo creado—prescrevêra,
Acerbo—da mulher limite á sorte:—
Entes, que á não ter fim formára o Eterno,
De perennaes cahindo da nobresa—
Do barro origem sua frageis vasos
Tornarão-se, que a morte quebra-os facil:—
Tem, qual d'elle porção, co'a magoa sua
A mulher de augmentar a magoa ao homem:—
Para á de ambos geração culpada
Este Orbe é quanto basta—os mais vasios
Hão de aos olhos fulgir; em vão ental-os
Hade o humano desmedido arrôjo;
Qu'esta prevendo audacia, o Eterno entre elles
E o homem fundou barreira ingente.—
Toda quanta pisou tôrva tristesa
No Paraiso em oras do delicto,
Ainda o Paraiso tinge—e d'ella
Não lhe é dado despir-se, em quanto pisem
Seo chão o par que maculára o crime:—
Jamais da criação o sceptro n'elle

De rei empunha o homem—d'elle adôrno
A mulher já não é—ahi o homem
Sublimes que fruio perdêo direitos,
A mulher da puresa os altos fóros:—
Praseres mais que dar, glorias que offerte
O Eden já não tem aos, que no Eden
Rebaixarão-se á réos;—dois réos, que aguardão
De um Deos a punição no crime infando.—
Assim, cahidos de tão alto—em quanto
Os primitivos paes a culpa amargão,
E na sua á pensar passada sorte,
Em o mal de a perder tristes pranteião;
Em quanto em varias fluctuando ideias,
Só por áquella, que gosarão dita
De lavarem-se á culpa a dita medem,
E no desejo illuso á angustia aggravão—
Que scena a que offerece o negro abysmo!
Satan, por um tão misero tryumpho—
De jubilo bramindo o Averno atrôa:—
Folga do homem co'a funesta quéda;
De inteira ver a geração perdida
Pelo crime dos paes, em si não cabe
De praser, que por elle orrido lavra:
Os mais como elle espiritos rebeldes
D'esse praser compartem—á mesquinha
Applaudem-lhe victoria.—Então no solio
Satan por elles rodeiado acolhe—
Satisfeito, um medonho espectro—este

É a morte cruel, parto do crime,
Que rebelde á seo Deos fiséra o homem,
E o homem dispenhou.—Nos ressequidos
Braços estreita á Lucifer:—cumprido
O amplexo que foi—assim lhe falla.—
—Teo odio contra Deos dêo causa ao crime;
—Obra das suas Mãos completa o homem
—E divina a mulher co'elle perdeste;
—Cabo viste ao intuito:—eis-me, conforme
—A tua predicção, aqui surdida,
—Da geração por vir imiga; e d'ella
—Pelo destrôço avida.—Não fôra
—Para zombar de lagrimas creada,
—Se negáras por caso á culpa origem,
—E se origem com ella á mim não d'esses:—
—Em todo o seo imperio a Naturesa
—Jamais em quanto crie eterno scêllo
—Blasonar poderá; qu'hade implacavel,
—Qual não tivéra então, rival achar-me:—
—Do, que á dextra me arma, aqui moldado
—Ao fôgo intenso, que perpetuo lavra,
—Ferro, á, que d'elle ao lusidio gume
—Nos humanos fizer misera ceifa—
—Jús em parte hasde ter; qu'então n'este Orco
—Te hajão de contentar almas, que penem.—
Aqui no seo praser Satan redóbra;
E, pelo que lhe ouvio, osculo amigo
Na cavernosa face á morte imprime.—

Já nos dominios infernaes á mente
Traça em columna vêr abraseada
Atado aquelle; orridos gemidos
Soltar em dôr eterna—este volvêr-se
Em leito, qu'arde—no tormento alivio
Buscando, o mesmo ardôr soffrer na pena:—
Um, que lhe o corpo em meio aguda chamma
Lavrar sentindo, o desespêro dóbra,
Quando ao fôgo por dar se esforça embalde
Pela parte que abrasa a não queimada:—
Outro ao pêso vergado de vermêlha
Ligada barra por cadeia ardente,
Extenso giro faz—n'elle não pára
Um instante se quer:—cruel lhe aggrava
A lida ao ferro o pêso, o ardôr ao fôgo.—

N'estes apascentar orridos quadros
Depois que praz-lhe a negra phantasia—
E d'elles co'a certesa contentar-se
Pelas que hãode cair almas no Orco;
D'entre os, que estão espiritos rebeldes
Congregados com elle—os promettidos
Damnos, que hãode lastimar o Orbe,
E o Orbe perder—outros que traça,
Á quantos bastão Lucifer encarga,
E o tempo fatal do mundo aguarda.—

Em quanto o rei do Orco assim passava

Co' essas crúas ideias se alegrando,
O que o Rei dos reis no ceo fazia
Tinha de ser na terra executado.—
Deos e Pae—se, qual Deos, severo pune,
Dos culpados, qual Pae, doe-lhe o castigo:—
Dos seres dois primeiros que formára,
Origem co'elles dando á humana raça,
Se a miseria deplóra, escusa ao crime
Do seo Poder a alta Complacencia:—
Importa-lhe á Justiça—do, que d'elles
Feia culpa manchou, lugar, qu'outr'ora
Almos gosos lhes dêo—cumpre banil-os.—
Da celeste morada após um anjo,
Que na dextra sustem flammineo gladio—
Descendem outros;—rege-os o, que preme
A chammejante espada.—O anjo é este
Do banimento, que o Senhor envia:—
Aos culpados impoem do Eterno a ordem—
Escutão-na tremenda; angustia acerba
Em dôbro d'alma lhes fendêra os seios:
De gelido terrôr tranzidos deixão
Esse por elles profanado Eden.—
A, que violentar Satan fiséra,
E que, apenas tocou-lhe a mão culpada
Do homem, descahio da alta belleza—
Do Divino Preceito arvore pura,
Á voz do, que os dirige, os outros anjos
Tirão do maculado chão—com ella

Nos ares, d'onde pendem—stão parados:
Co'a ardente espada o chão toca do Eden
Dos mais o anjo regedôr—seos quadros
Da espada ao toque subito se abrasão—
O que encantos dêo é cinza e êrmo.—
Então aos mais do banimento o anjo
Remonta-se:—a excelsa arvore guia
Pelo ethereo espaço—transplantada
Nos divinos vergeis, egregia benção,
Fecunda do Senhôr repoem-lhe o viço.—

Da justa punição de Deos feridos—
Eil-os que vagueiando os paes primeiros,
Bens, que offertou-lhes espontanea a terra,
Para a vida manter, se os querem, n'ella
Com o suor do trabalho os sulcos regão.—
Só do Eterno dependia o homem;
Porém da sua decahida Graça,
Da crúa dependencia atado ao cêpo
De tudo ha precisão no chão que habita!
Oh—que funesta condicção da culpa!
Conjural-a podesse o homem, essa
Barreira, que do Orco o Orbe sepára
Ao tempo penetrando, em qu', á perdêl-o,
A traçára Satan no negro abysmo!
Quanto da, que ôje no mesquinho mundo
Por dita havemos, diferira a dita
Nossa, de troncos dimanada puros,

Pura este Orbe geração enchendo,
Enchendo tantos, que vasios lusem!
Tantas, com que o coração nos ferem
Cruêsas, não sentiramos no peito
O coração rasgar-nos—males tantos,
Que á terra infamão tôrpes, não causarão
Á existencia jamais dias acerbos;
Da vida a paz turbar com genio iniquo
Não ousára o perverso—e nem vertêra
Com entranhas de tygre o sangue á prêsa:—
Raio do Eterno Esp'rito, em nós ao pêso
De angustias crúas não curvára alma,
Nem lhe a passára a dôr co'agros espinhos.—
O filho, que nos rio na tenra infancia,
Que o nectar do praser nos dêo n'um beijo—
Flôr meia aberta da existencia, triste
Não viramos pender magoados d'hastea
Da morte ao toque, e desfolhar na campa;
Com pranto amargo gelidos os braços
Lhe não molhar houveramos, saudosos
Das vezes que animados nos cingirão.—
A mulher, que rendêo-nos, á quem demos,
Por dar-lhe tudo, o coração amante;
Que estremecida o coração nos soube
De affectos cumular e de delicias—
Nos não cortára a pena vêr p'ra sempre
Cerrar, n'elles já nevoa o que foi brilho—
Os olhos, em qu'um céo abria aos nossos:—

N'ella fechada contemplar a bôcca,
Então de encantos—desbotada e fria,
Que fallou-nos suave; onde travêsso
Amôr ora sorria, ora matava;
E nos momentos seos almos, propicios
Soiamos fruir da vida o dôce.—
O pae, que nos amou, que disvellado
Pensar nos soube—não custára á loisa
Vêl-o um dia descêr por nós carpido:—
Perdida lagrimar a, que sobejo
Nos quiz—mãy, que na vida acarinhou-nos,
E no sentir nos affagou mais leve;
Qu', entre amôr e a morte—inda no leito,
Quase á quebrar da existencia o fio—
Co'a baça vista nos procura affeita.—
Alheio esse nos fôra amargo acerbo,
Que tragamos, se ao, que ditosos dias
Nos dêo, e que o presamos—charo amigo
Fria nos fecha do sepulchro a pedra:
Se n'elle o corpo gelido sumir-se
Vemos do, que, sincéro á nós votado—
Parente, em cambio de os manchar infame,
Do sangue amou, e defendêra os fóros.—
Quadros, com qu'a tristesa e a dôr se extremão!
Oh que sem par ventura a Eterna Dextra
Deo-vos co'a solidão vasios Orbes!
Despovoados em querer-vos, Ella
Piedosa vos foi—que assim não vêdes,

E nem estas sentis magoadas scenas:
Lucrou-vos Deos de geração na falta;
Vos não commove lá misera gente
Nas amarguras, que por cá bebemos.—
Só á nós coube tudo isto:—acerbo,
Crú legado nos veio d'essa culpa,
Tremendo effeito da, que urdira iniquo—
Teia fatal Satan, em que da raça
Humana os paes miserrimos cahirão.—
Que oras, que ditosas mais á elles,
Como então—se escoassem! Na ampolhêta
Da vida, que tornára impura o crime,
Rarissima lhes corre, que da angustia
Agro o fel não amargue, a dôr não córte!
Curvados á seos pés os brutos vião
A innocencia acatar-lhes;—mas a prêsa
Já d'elles temem, que afiada, aguda
Os não retalhe—corrompidos seres
Assim dos brutos receiosos fogem.—
Como trage amplo o céo o negro manto
Da procella, que brame—frio susto
Côa-lhes pelas veias—n'elles alma
Esmorece á luz pallida do raio;
Do crime a punição no raio temem.—
Das injurias do tempo ambos abriga
Tecto de humilde palha; á ambos cobre
Fio de lan grosseira.—Desgraçados!...
Do mal, que os abysmou então minada

Brotão no mundo a geração primeira
Da humana inteira estirpe os dois motôres.—

Eil-a occupando o Orbe.—Arrepellados
Das negras furnas do medonho abysmo,
Quantos houvera d'elle o rei tremendo
Da missiva dos males, que traçára
Horridos encargado—pela bôcca
Flamminea do Orco reprobos esp'ritos
Surdindo, em negro bando á terra assaltão,
E por ella, quaes veem—lavrão damnosos.—
Da gente, que o habita—o mundo pasma;
E pelo qu'ella é se o mundo infama!
Mas co'a primeira pervertida raça
Não tinha ao universo inda patente
Sido esse horrôr de haver a mão do homem
D'homem no sangue se manchado impia:
Em tanto que de Lucifer tivéra
De encher-se co'esse horrôr o atroz intento—
Triste d'este Orbe rociando parte
Co'o sangue seo a victima primeira.—

Assanhando-se a furia—então o negro,
Cruel demonio do homicidio, n'alma
Ao primo fructo dos manchados troncos
Sopra, e ceva ambição funesta e dura.—
Como o nascido touro em campo êrmo,
Que, do dono não visto, em longe selva

Entranhou-se, e nutrio-se—quando achado
Por temerarios caens, d'elles batido,
Surdindo fóra, o chão co'a pata fere,
E curvada a cabêça urra, e fumeia,
Crava na terra as pontas, e demóve
Abraseados olhos, procurando
Feroz arremeter co'o agil vaqueiro—
Com ira igual Cain co'o irmão investe;
Talhado ao puro Abel da vida o fio,
Vertido sangue á tunica lhe tinge.—
Qual do lusente sol ferido aos raios
O mimoso penacho o lirio pende;
Tal do barbaro irmão fenece ao golpe
A innocente victima, e sua alma
Na celeste mansão c'roada fulge.—

O caso atroz nos infernaes dominios
Lavrou de prompto:—o regedôr do Orco
De reprobos co'a turma o negro espaço
Do inflammado reino eil-o discorre
De jubilo fremindo; e assim ao quadro
Folga, que lhe debuxa a mente hydionda,
Triste, quão lamentavel—do incruento
Fratrecidio; —lhe augmenta o fôgo aos olhos,
Horrido riso em denegridos labios
Frenetico praser—á ideia o monstro
Traçando-se, que este Orbe horrorisado
De humana especie vio—do doloroso

Golpe o sangue manando, que primeiro
Do mundo ao Throno Eterno alçou do homem,
E vingança bradou de Deos ás Plantas.—
E tremenda a Justiça não faltára
D'esse Deos á punir o crime atroce:—
Paga o obolo á morte o duro monstro;
Á medonha pousada essa alma impia
De Lucifer descende:—eternas penas
Estreia então da raça esse maldito,
Que as mãos em sangue seo cruel manchára.—
Do negro Averno as lugubres abobadas
Feridas com os lamentos do punido
Pavorosos resoão:—d'elle em roda
De gôsto saltão denegridas furias—
Contemplando-o Satan—se alegra, e risse.—

Quanto vai que no golphão desmedido
Dos tempos lá cahio essa era triste,
Que tão negra marcou o caso horrendo!
Mas o, que vira a primitiva idade—
Tronco, que o sangue salpicou vertido
De virtude tão sancta—e qu'elle esteril
De bens tornou—não foi que então ficasse
De vergonteas fataes brotar isento,
Qu'elle ao mundo as não désse; e que por dura
Influencia de Lucifer tivéra
De tão remoto vir ao tempo nosso
Essa mudar perniciosa origem

N'outros ramos tão máos!—Contraste horrivel
Co'á razão, qu'este seculo realça!
Cruel verdade!—Se o dizel-a é agro,
Releva confessal-a o recto esp'rito.—
Quem ha, que entre a geração presente
Que existão rostos desconheça, ou negue,
Em qu'horridos, ao vivo, não se amostrem
Traços d'esse maldito? O que negal-o,
Ousar desconhecer direi que mente.—
Não é que á vida unico afiado
Cerceie o ferro o precioso estame:—
Co'elle lanhando o coração—com elle
Viceras outras golpeiando ao misero,
Não é só que se mata.—O mundo pasma,
De horrôr se gela—a Natureza afflicta
Lamenta os fóros seos pisados sanctos,
Vendo irmão, que nos laços enredado,
Que feia lhe tecêo crua avareza—
O triste irmão, descaroavel, duro,
Matou de pura angustia,—outro, que embóra
Em o sangue fraterno as mãos não fôsse
Pessoal banhar—da sêde devorado
De aureos bens, em annuir vertêl-o insanas
Mãos outras—fero foi como o, que ás veias
Sangue esse esgotou fero.—O horrôr transpondo
Ambição dura e cega, até do filho
Rasgar as mãos ás paternaes entranhas
Ousado teem—ousado as mãos nefandas

De atroce pae verter do filho o sangue.—

Tremenda raça, qu'este mundo infesta,
Quanto não menos o apavóra!—Outros
Não em fóros de pae, de irmão, ou filho;
Mas em quem perto poz Natura o sangue
Do, que em outras veias pulsa—muitas
Vezes, por um vil calculo, e compondo
De hypocrita virtude um triste aspecto,
Sem n'isto dar co' a nodoa, que lhes fica—
Buscão os seos com fraudulenta lingoa
No credito matar, sem que mereção.—
Afora esse que dão do sangue os laços,
Em gráo de parentêsco o patrio ninho
Nos á todos ajuncta.—Porém n'esse
Enlace outro de civil familia,
Em que da Naturesa ao quanto falta
Vale á suppril-o da virtude a força—
Que diversos não teem mostrado os tempos,
Como ao discurso seo poem claros outros
Contrastes entre o, que animos egregios
De immenso hão feito—e o que de vil e baixo
Teem animos ruins no mundo obrado!
Erguendo o denso véo, que envolve as eras,
Dai-me essa Roma, quando d'ella os Brutos,
Seos Catões, e Fabricios—de altas glorias,
Que soubéra ganhar-lhe afoito Marte,
Em meio outr'ora eximios avultavão.—

Que contraste co'áquella a Roma d'ôje!...
De tão altivos brios desherdada,
D'esse estreme heroismo empobrecida,
Que os seos maiores inclytos legarão-lhe—
Quem reis e povos humilhou senhôra
Da prepotencia á voz se humilha escrava.—
De fecundos Solons mostrai-me a Grecia—
Essa de quando os justos Aristides
Davão de honra e virtude um raro exemplo;
Grecia de quando foi assombro e pasmo
Do inteiro Orbe, resplendendo o êlmo
Na fronte de Milciades, e quando
Egregio a rija assustadôra lança
Tryumfante cravava entre os estragos
Das descoradas legiões vencidas:—
Grecia á lusir co'a desmedida audacia
Do, qu'entre os seos heróes heróe foi summo;
Que em Marcio e puro ardôr fervendo á fama
Em Leuctres não dêo feitos dêo prodigios—
Que á ella em Mantinéa espanto fôra,
Depois á morte um nobre accinte, quando
De vista um lanço disferindo ao escudo,
Livre a Patria sabendo—Epaminondas
Do peito o dardo resoluto arranca,
Á morte encára, e sem temêl-a expira.—
D'essa Grecia qual foi quanto não dista
De agora a Grecia!... Outr'ora venerada,
Temida como foi de povos tantos,

D'elles a soberana vencedôra—
De alto custo e primôr, juncto á camilha
Do grão-Senhor curvada, co'a lembrança
Embotada do seo passado immenso—
Não ha que verter lagrima, que valha
Á orvalhar de antigos seos tryumphos,
De suas pompas á memoria:—toda
Do captiveiro se apagou na infamia—
D'ella nada ficou-lhe—e só lhe resta
Escutar, e cumprir tremente serva.—

E porqu'assim depois qu'esse tocarão
Da sorte extremo, ao ultimo descerão
Gráo de negro infortunio illustres povos?
D'elles porque uma illusão tornou-se
Essa grandesa, que pasmára ao Orbe?
Porque d'essas nações não fôra a gloria
Sup'rior á desgraça? Porque d'ellas
Igualou-se ao poder sua baixesa?
Porque!... Em quanto tudo era no homem
Da Patria o sancto amôr—em quanto unira
Como irmãos esses povos tal virtude,
D'elles fôra a ventura, e fôra a gloria:
Logo porém qu'entre elles do primeiro
Maldito os germens da ambição medrarão,
E mirrarão no chão, em que vicára
Fecundo de altos bens o patriotismo—
Esse immenso poder, esplendôr tanto,

Com qu'o mundo esses povos assombrarão,
Descahira por fim em tal vergonha.—
Esta a dos povos condição funesta!
Quando aos homens no peito a posse toma,
Que tinha o Patrio-amôr, e n'elle vinga,
Esta a mais nobre das paixões matando—
A fatal ambição—assim no mundo
É que egregias nações então se abysmão:—
Mas d'ellas sempre a condição se ostenta
Ditosa ao Orbe—a decadencia longe
De soffrêl-a estão misera, se á esse
Sordido amôr do interesse proprio
Do Patrio-amado ninho o bem excede.—
Assim, qual planta parasita, aquelle
Sem que o vigor á esse bem difinhe,
E antes desparêça á fôrça d'elle—
Prosperão as nações, seo brio avulta,
A grandesa e poder n'ella se extremão,
Em cambio de mudar-se em vil opprobrio.—
Vêde como o Bretão entre os mais povos—
Da lei á sombra, na união fiado,
Com altivez se mostra, e diz—sou grande!
Com qu'arrogancia de Albion se ufana,
E affrontando descorados sustos
Desfralda o pavilhão nos vitrios plainos!
Esses estados vêde-me, em qu'a sabia,
E esforçada mão de Franklin—o genio
Sublimado de Penn, essa constancia

De Washigton, d'elle o animadôr esp'rito
Ouvéra aos seos riquissimo cultivo
Legado de virtude e liberdade.—
Como essas Regiões de bens tão altos
Gosar amando os proveitosos fructos
Da gloria avultão na brilhante estrada!
Grandes, fortes por si—nações não temem;
Pasmadas antes observando-as estas,
Creem que por Deos fadadas forão ellas
Á ser no mundo archetypo dos povos.—
D'esta, que houvestes contemplado dita
Tamanha—declinai para a desgraça,
Negra partilha de outros povos.—Vêde
A França de seos brios decahida:—
Quem dizêl-o ousará que n'essa Europa
É a propria nação, que outr'ora vio-se
De antigas eras renovar as pompas,
Em si compendiar todo o heroismo—
Esse povo por lettras tão famoso,
Quanto o já foi por armas—que aos mais homens
Soube o rei igualar ao rei punindo?
Ninguem.... Mas crêl-o pêje.—Esse da gloria,
Do estreme saber alcaçar puro,
Hoje de feudo á condicção descido
De um infame traydôr—na vil deshonra
Da obra olhar magnanima desfeita
Da sua liberdade—d'esse apenas
Entre os genios do Orbe anão burlêsco

De uma fama sem posses—á sedenta,
Desmedida ambição nutre—á de quantos
Rodeião-no; que cegos d'esse brilho
De esmoladas mercez—cegos do oiro,
Que desairoso os corrompêo—de envôlta
Com esse oiro e mercez não dão co'a negra
Nodoa de servos.—Que infortunio, oh França!
A rasão, que como aguia em ti voava,
Fecundadôr clarão raiando á longes
Partes d'este universo—em ti calou-se—
Como em labios de escrava emmudecêra.—
E á nós.... Vêde-nos sim—para o que fomos
Ao que somos, vergonha é proferil-o.—
Embóra.... Inda p'ra uns ventura e gloria
Longo tempo durarão—tanta magoa
Não foi perdêl-as, qual p'ra nós recente
Nação livre n'este Orbe—á quem tão breve
O riso fôra da ventura e gloria:—
Pena, que á essa inexoravel pune
Criminosa paixão; por quem vertido
Primeiro—ao glôbo salpicára á face
O humano sangue.—Essa ambição!.... Por ella
Vêde como entre nós andão os homens
Se devorando! Alguns em quem um pouco
Suppoz-se haver de fé—á esse mesmo
Pouco por fim faltarão.—Pela Patria
Quanto houverão gritado, e pelo povo
Mentio sinceridade—um presuposto

Culpado foi do povo á colher honras,
Ao proprio bem servir á custa d'elle:—
Mas tanta infamia conhecêl-os paga
Aos que o coração, a voz e a penna
Pela Patria, leaes, e o povo empenhão:—
E cada qual se guarde por ventura
D'esses impios Cains da nova era.—

Com pouco mais de crimes qu'ôje vemos
Então no mundo a geração primeira
Inteiro o mundo de terrôr cubria:—
Ganho á perversidade, e ganho ao vicio
Negro imperio fatal por corrompida
Humana especie—em quanto assim nos antros
Tenebrosos do Orco ella avultava
Tryumphos á Satan—do azul espaço
Entre esplendôr purissimo o Eterno
Offendido á mirava.—Quantas vezes
Sua Dextra Infinita ao sol quiséra
O dado giro suspender ethereo,
Á que do astro magestoso o brilho
Jamais ficasse em alumiar tal raça
Por tanta infamia impuro—e vezes quantas
Recuou Justiceira, á qu'inculpada
A Naturesa não soffresse isenta
Do calôr, que a fecunda! Quantas vezes
De Deos a Mão, que o ardôr corou do raio,
Quasi ao vibral-o á profanada raça

Outras tantas susteve-o, de seos crimes,
E da sua cegueira apiedada!
Do Senhor a Bondade estava immensa
Em um intuito só immenso—o tempo
Deixar-lhe, em que por si propinqua a pena,
Prestes vendo a ruina, em seos desvios
Monstruosos parasse;—elles carpindo,
D'elles arrependida a contemplasse,
E pelos passos da virtude a visse
Adoral-o, e temêl-o.—Isto somente
Não foi porém que da Bondade Summa
Em bem da geração de Deos manára:—
Para com ella em complacencia o Eterno
Dobrou—patentes poz tantas que olhava
Iniquidades suas ao, que d'Elle
Regido é no fulgurante seio
Da Gloria—de Celiculas congresso.—
Todo estribava o Divinal desejo
Em haver quem remir á si tomasse
A geração impura.—Esse dos anjos
Congresso, qu'isto ouvio—mudo ficára:—
D'elles á tal um só não decidio-se—
Em todos dominou longo silencio;
Crerão d'elles acima empresa tanta,
Só do Infinito Creadôr possivel,
Ou de quem comportasse igual Essencia.—

Em tanto os ruins espiritos, que Lucifer

Á perverter á geração mandára—
Nas diversas missões suas horrificas
Apertavão tremendos:—afanosos
Do quanto impia a geração corria
Para um termo fatal, d'elles guiada—
Do Eterno em affronta, á negra scena
Dobravão o terrôr:—e Deos, que embalde
Via empregada a piedade sua
Co'á geração perdida—então suspende-a;
E contra ella do Senhor a justa
Cholera recomeça.—Oh—desditado
Quem d'Elle á tempo não conhece, e abraça
A' Bondade Suprema—quem vencido
Por feia iniquidade, a complacencia
D'Elle desaproveita—e quando os d'essa
Ira, de que se arma—effeitos prova,
Tarde invoca-as tremendo!—E d'essa ira
Dia á dia—á verter-se á raça impura—
De encher-se a taça começava, e cheia—
Do limite excedêra—e trasbordára.
Do Senhor a vingança ao ponto chega,
Em qu'a deve exercer.—Elle, á cumpril-a,
Raios não vibra, que o universo abrasem;
Os seios lhe não fende, á qu'engolida
Por elles seja a pervertida especie
Humana—o Creadôr ao mundo as manchas
Quer, com que ella o infamou—lavadas;

A tôrpe geração quer que dos crimes,
Que insana commettêra—veja, e sinta
O desmedido horrôr no horrôr da pena:—
Quer, e fal-o o Eterno.—A Mão Suprema,
Com qu'a torrente represava ás agoas,
De sustêl-a retira: quanto apraz-lhe
Á sevéra Justiça—Elle dilata
Das agoas a torrente estrepitosa,
E de innundar-se principia o Orbe.—
Qual setta, que veloz o espaço rompe
Do arco, em qu'embebêo-se, disferida—
De Deos á punição—assim do Orco
Ás temerosas profundêsas volvem
Esses fataes espiritos, que a raça,
Enviados de Lucifer—perderam:—
Promptos o caso pavoroso expondo,
Satan, de ouvil-o—em jubilo redóbra,
Ver aguardando a geração punida
Infeliz povoar-lhe o ardente abysmo.—

Em tanto do Senhor prosegue a ira,
E mais do seu castigo a furia cresce
Ante a culpada geração confusa:—
Inteiro o Ceo envolve negro—espêsso
Manto, á qu'o sol não dá lusir nem tenue:—
Parece que p'ra o cháos, de que surgira,
A universa creação tornára.—

Co'os lamentos em vão o ar ferido
Retumba:— imprecações embalde sobem
Repetidas á Deos—sua vingança
Nada já póde removêl-a justa:—
Complacente o Eterno á crimes tantos
Nimio fôra—e sobêjo co'Elle ingrata,
Da complacencia escarnecêo-lhe; e quando
Ella dos crimes seos no horrôr fulgia,
A vio, e despresou a raça iniqua;
E então o Senhor d'ella cançado
Por fim ensurdecêra á voz dos impios.—
Terrifica á seo têrmo intensa a pena
Hia—e á Deos co'imprecações, lamentos
De a cholera abrandar sem mais esp'rança,
Espavorida a geração corria
Em vão aos aprumados troncos—n'altas
Rochas em vão, nos empinados-longos
Sêrros, montanhas ingremes se apinha:
Todas, como o dispoz o Eterno—as agoas
Lá mesmo hãode chegar, e alem subirem.—
Assim realisou-se.—As, que de assidua
Chuva cahião sobre o mundo em lanças,
Do mar co'ás agoas em caudaes correntes
Misturão-se:—os limites seos transpondo,
Caso urgente ao castigo—iroso brama
Remontado o oceano:—alfim da pena
O praso cheio, que o Senhor marcára—

Sob a immensa punidôra enchente
Inteiro o quadro jaz sublime do Orbe:—
Do negro véo, que o firmamento enluta,
Escurecidas na extensão pasmosa,
Essas agoas horrisonas murmurão
Do Creador a maldição perenne,
Terrivel sobre a geração, que passa.—

Fim do Canto segundo.

NOTAS DO CANTO SEGUNDO.

Pag. 50, *vers.* 19.—*Em Leuctres*—&c.

Ha diversas cidades com esse nome—pode ser que alguem —e cabe aqui dizer que ainda mais os que somente pescão de orelha, mas que não discernem com o estudo—confunda a Leuctres, que demóra ao longo da Laconia, no reverso do Taygéte, e golfão de Messenia, com a da Arcadia—e conclúa que á alguma das duas refiro-me: a Leuctres, de que tracto—e que bastára á conhecel-a vir com ella o nome de *Epaminondas*, é essa famosa Leuctres pela victoria immortal do grande Grego.—

Pag. 50, *vers.* 20.—..... *em Mantinéa.*—&c.

Foi na batalha, que n'esse logar offereceo-se—que Epaminondas, ao par de admiravel pericia militar, mostrou toda quanta impavidez pode entre os homens constituir um verdadeiro heróe.—Dedicado e ardentissimo defensor dos Thebanos, elle, depois de atravessar tryumphante os perigos das mais renhidas pelejas, em quanto o quiz a bôa fortuna ajudar na coragem, cerrou em Mantinéa a pagina de oiro de seos feitos eternos, recebendo sobre o peito uma ferida, á que mui breve tempo sobre-viveo, deixando aos, que o cercavão em despraser profundo, e á todos sincéra dôr e saudade.—Estremei-o dentre os maiores homens do seu tempo, visto como á dianteira dos mais eminentes Gregos o poz Cicero, que rasão e sabedoria sobejas tinha para assim julgal-o; e é dever adoptar e seguir o que elle dice d'aquelle, que não teve menos ardimento que virtude.

CANTO III.

Irosa lucta no espaço quando
Euros e Aquilões berrando travão—
Quem vio, que—ao vêl-o, não pasmasse, o quadro
Que lá dos seos abysmos revolvido
Patenteia o Oceano? A, que macia
Viração, inda á pouco, encrespou leve,
Superficie anilada—extenso largo
É de irritadas mugidôras vagas,
Qu'umas d'outras após amontoadas
Em continuo recontro se espedação.—
Encapellado e verde ao longe ronca
Arremessado o mar á negra penha;
Alveja entre o negror da atra procella
Da arrojada espadana a leve espuma,
Que por cinzeiro salitrado finda:—
Da nua praia se estendendo ao longo
Freme, e recúa a debruçada onda;
O manto, que tisnado ao Ceo envolve
Golpeião os coriscos temerosos;

No espaço o trovão rolando rue;
Rompendo o bôjo ás condensadas nuvens,
Assoita o agoaceiro estrepitoso.—
D'esta scena espantosa entre os horrores
Veleja entregue da tormenta ás furias,
Das vagas embatido o fragil lenho:—
Ora nas vagas que resvala—ora
Pelas asas dos ventos rebatado,
Quando desce, e no mar a prôa embica,
Parece que do pelago revôlto
Nos medonhos abysmos vai sumir-se:—
Range o mastro aos abálos da procélla;
Pelas fendas do panno os ventos silvão:
Embalde esfôrço oppoem agil companha;
Destro embalde o pilôto a arte empenha,
Toma o estremeção seguro ao leme
O cauteloso experiente chefe:—
Palido susto á tudo o rosto tinge;
Tudo agitado o coração sentindo
Como agitado está o mar que sulca,
Decifra em cada cava o seo destino,
Vê em cada escarcéo erguida a morte,
Crava os olhos no Ceo, e em Deos confia.

Isto porém do mar n'um ponto apenas
É, onde a negra horrisona tormenta
Pesa, e rebenta subito bramindo.—

Do vastissimo Orbe então que fôra
De pavorosa innundação coberto,
Inteiro o Oceano á ella unido,
Tudo um só lago á extinguir culpada
Toda uma geração de Deos precita;
Na immensa extensão de um Ceo sem mimos
Relampagos rasgando, o feio estálo
Do raio assustador; assiduo e longo
Rebramando o trovão medonho e rouco!
Quem de affoito saber, animo affoito
Da universa punição nas agoas,
Que ao timão de um madeiro impavesado,
Té onde reger pode a humana vista,
Esse quadro tremendo dominasse,
D'elle affrontasse o assombróso, e d'essa
Terrivel pena accommettesse ás iras?
Quem!... Do Eterno a cholera se trôa,
Não ha destimidez d'alma, que prompta
Ante ella se não dobre—e despareça
Como a columna de ondeante fumo,
Que, apenas remontada, Euros dissipão.—

De todo esse terrôr no meio em tanto:
D'agoas n'essa extensão desmesurada—
N'esse conflicto de elementos varios
Tão temeroso do geral castigo
Sobranceira que aos impetos resiste

Fragil taboa, qual unico vestigio,
Que se aprouve deixar Divina Fôrça
Do mundo immerso—ou lenho, em que o Anjo
Do exterminio resguardado, os olhos
D'elle por esse dilatando immenso
Lago, os effeitos da Eternal Justiça
Em tal quadro de horror calcúla, e mede!—
Ou então essa taboa á que mysterio,
A' qu'arbitrio e poder occulto e grande
Toda essa isenção deve tamanha,
Com que serena se contém nas furias
D'essa de Deos condemnação pasmosa,
E no fragôr da desmedida enchente
De espedaçal-a em cambio, sente qu'antes
Resvalão n'ella respeitosas sempre
Erguidas serras de irritadas agoas?
Porqu'á Mão, que lavrou sevéra e justa
Pena assim tão fatal, qu'ouve com ella
D'essas agoas em toda a immensidade
De toda a geração vingado os crimes
Essa taboa salvou-se? Que destino
É o seo, que da sorte se estremando
Da raça, que este Orbe povoára,
Seguro a ampára então da Eterna ira;
E quando tudo se abysmou com o mundo
Impavida ao castigo ella só resta?
Nem mysterio, ou destino é que a preserva

Do furor d'essa enchente tenebrosa;
O arbitrio supremo, o poder summo,
Que isenta a poem da universa pena,
Está de occulto em vez patente e claro.—
Do centro d'esse espaço entre a, que espêssa
Abrange-o, negridão—cercado d'Anjos,
Esplendores vivissimos raiando,
Ao tempo que os effeitos da, que, recto,
Sentença—decretou, domina horriveis—
E, qual o póde unico, os limites
A' essa rege innundação funesta,
Da sua Providente Immensa Dextra,
Deos, no meio de um quadro, que ao terrivel
O solemne reune, co'um só Dedo
Esse lenho sustem:—com brando gesto
Lhe desce em p'rigo tal benigna vista:—
De tudo quanto fez Senhor Supremo,
Tudo ao seo, quando praz-lhe, acceno rende.
D'essa horrifica enchente esse madeiro
Quer que o respeitem as revôltas agoas—
Obedecem-lhe as agoas:—manda ao raio
Que d'elle se desvie—e d'elle passa
Torcendo o roixo trilho o raio ao longe;
D'elle diz ao trovão que perto o brado
Não derrame; o trovão distante ronca;
Impoem ao vendaval que o não abysme,
E urra o vendaval sem que o afunde:—

Obra, qu'Elle ordenára, então segura
A' anchora que Deos do Ceo lançou-lhe—
Na universa innundação a Barca
É, que juncto co'os seos o justo encerra.—
E da inteira geração foi unico
Elle o justo, e os bons os seos só forão:
No ponto, em que troou sua vingança,
D'elles valêo á amerciar-se o Eterno
Da, que no Orbe corrupção lavrára
No meio, jamais terem nos escolhos
Do vicio, nem dos crimes naufragado:
Quando em torpesas lastimando a raça,
E toda á iniquidade propendendo-a,
Co'a impia mão os reprobos, que ouvera
Contra o mundo enviado o rei do Orco,
Nunca o ditoso cabedal poderem
Das sans virtudes defraudar-lhes n'alma.—

De soes quarenta após quarenta noites
Cheio era o praso da Celeste ira.—
Quando os da sua emprega Alta Bondade
Thesoiros com os, que são nimio culpados,
E d'Ella, Immensa, por despeito impio,
Em cambio de extinguir-se, então prosegue,
E nas almas, que afeia, a culpa augmenta;—
Deos de offendido á se vingar disposto—
Da pena, que traçou, jamais excede,

No tempo, que marcou-lhe—exacto a cumpre.
Com o poder igual ao, de que ouvera
Revestida soltado-a contra os crimes—
A torrente de assiduos agoaceiros
Prompta suspende do Eterno a Dextra:
Irados ja se os ventos não debatem;
Nas grutas, d'onde arremessado tinha-os,
Refreia-os Ella;—faz que o raio pare,
E que cesse o trovão;—o Oceano
Volve ao seo leito da transposta metta;
Nas fundas urnas represára os rios;
Espanca ao vasto Ceo atros negrumes;
Do ponto, em que o reteve—ao Sol dispede
A magestosa lucida carreira.—
Brilhão no puro anil que os ares vestem
Os seos raios, que, tremulos, das agoas
Reflectem na serena superficie.—

Qual a donzella, cujo rosto ornára
Dos seductores mimos, dos encantos
De exemplar formosura a Naturesa;
Por aquelle, que o peito conquistou-lhe,
Sentindo-se dos zelos maltractada—
Turbadas mostra as perfeições estremes;
E dos zelos porém desfeita a nuvem,
Inda mais bella se parece aos olhos—
E mais subidas no primor ostenta

As graças do angelico semblante:—
Surdira assim da tenebrosa enchente
Desafogada a terra.—Nos seos quadros
Como que é mais o que alardeia encanto,
Do que na sua creação—agora,
Que do Eterno a Dextra Omnipotente
D'elles o vivo retocára ás gallas.—

Entre o que Deos pratica, e faz o homem
Que espantoso contraste! Aquelle, á cujas
Plantas os astros limpidos fulgurão,
E que á sua surgiram Voz Suprema;
Que de um cháos quiz, e deo ao mundo origem;
Em homem quiz, e transformára o barro;
Que da humana geração inteira
Na poderosa Mão feixa o destino—
Deos Incriado, e por Essencia Immenso—
Contra os delictos não retarda a pena,
Se punil-os resolve:—Elle disposto
A' jamais desfazer do mundo a obra;
D'elle somente exterminando a raça,
Em seo Poder criar estava á outra
Novos progenitores—sem d'aquella
Reservar esses poucos;—mas, punindo,
D'entre os culpados a virtude extrema,
Salvando Justo do geral castigo
O justo, e d'elle a não inçada gente

Do contagio de horridas torpêsas,
De horridos crimes, que aos demais perderam.—
O homem no espaço erguido barro—
De pó á nuvem semelhante, quando
Levanta-a o vento revolvendo a terra,
E no chão, d'onde alou, logo se abate;
O homem—de illusões misera serie,
Raro e breve praser por mil angustias
Na passagem do berço á sepultura:—
Aquella de seo Deos porção sublime,
Que aviventa-o, e ennobrece—escravisando
Alma á ruins paixões, e vis caprichos,
A' mesquinhas vinganças—do delicto
Nas duras penas aquinhôa insano
A innocente virtude; elle nos mesmos
Ferros, com qu'o sopeia, ao crime a igual-a;
Mata o seu semelhante antes que o puna
No abandono de asqueroso alcouce—
Podendo a lei salval-o:—outro, cumprida
A sentença—esquecido lá fenece!—
Desditado paiz, onde a justiça
Posta em desleixo tal, no caso, em qu'urge
Sua acção salutar, fallece ella,
E seo poder em desafôgo avilta-se
De immerecidos trocruentos odios;
Onde arredada a lei do fim que attinge,
Vale em servir á prevenções iniquas,

D'oiro á avaresa do, que, infame—em cambio
De cumpril-a, a polúe.—Assim da ordem
Ahi os fundamentos destruidos,
Perdida a paz, a confusão lavrando—
Á fortuna supprir vê-se a miseria,
Despeitada a moral, subir á tudo
Em vez do bem geral o bem privado.—

Passada a scena do fatal diluvio—
No mundo, que o immenso d'essas agoas
Da negra infamia da punida raça
Purificado ouvera—co'a familia
Sua poja Noé.—Pelas virtudes
Assim a Mão o preservára Eterna,
Á que de nova geração á terra
Erma repovoasse.—Longe os falsos
Motores, que o delirio em vão criou-lhe—
Pirrha e Deucalion—mentira d'homens.—
Grato á seo Deos, e de respeito entrado
Para com Elle—esse respeito e essa
Gratidão com os seos revéla o justo.—
Já sobre a face do deserto mundo
Rude se amostra levantada pyra:—
Joelhos curvos, humilhada a fronte,
Da sua gente rodeado pouca,
Em igual posição—entre as, que n'ella
Se ateião chammas, um cordeiro, qu'arde

Purissimo—elle vota em sacrificio
Ao Eterno, que á si e aos seos salvára.—
Que uncção immensa e singelez sublime
Ostenta esse acto de oblação tão puro
Na solidão do Orbe! Nem prodigios
De animado pincel, nem alta pompa
Valem que á elle a multidão attraião,
Que ôje peja os profanados templos,
Onde á Deos mais se insulta que venéra-se.
Da agreste ara, que no chão chammeja
Inteiro o mundo é só o sanctuario;
De abobada lhe serve o Ceo sem termo,
E de lampada o Sol, que d'elle esplende;
Dão-lhe o aroma no perfume as flores,
Cantos lhe vertem no gorgeio as aves:—
É só d'esse acto Espectador Supremo
Deos—do alto, em que fulge, e d'onde acolhe-o
Da familia, que o rende—alem do Eterno
Muda o assiste a Naturesa apenas.—

Assim n'este Universo, em que das culpas
Longo tempo assentou-se a iniquidade,
Inteira posse a fé toma, e reside.—
Excepto o, que ficou de herança á todos—
Mal do crime primeiro commettido—
Sem outro damno algum, que os tenha impuros,
Esses de vida san ditosos troncos

Novos ramos então de si brotando,
A, que na fé robustecida surge
Afortunada geração, importa
Para o Ceo um brasão, p'ra o mundo gloria.—
Não de outra sorte ao lavrador a planta,
Que a praga lastimou consumidôra,
Depois que os ramos lhe mandou despidos,
E fôrças deo-lhe com dobrado esmero—
De renovos coberta, quando a verde
Copa disfere abastecida, encanta-o,
É d'elle um galardão, da terra adôrno.—

Com tal progenie povoado o Orbe,
Das virtudes o bello contrastando
Agora co'esse horror, de qu'o cobrira
A que despareceo iniqua raça—
Como que todo em si comporta aquelle
Sublime, com qu'á Voz surgio do Eterno,
Quando do cháos, em qu'era, á luz tirou-o
A' ser ditosa habitação—felice
De immortal innocencia egregio assento.—
Que espectaculo immenso ! D'esse estado
Senhas parece dar do primitivo
Mundo—quando o revel e negro esp'rito
Antes que aos paes da geração perdesse,
Anjos ao Eden descendião puro,
E no seio á mulher os dons depunhão

Do Empyreo—as Graças do Senhor ao homem
Trasião—e de ambos pela fronte
Roçavão, remontando—a leve pluma.—

Ouvera a mesma, que innundára o Orbe,
N'elle gravado Omniciente Dextra
Da punição horrifica a lembrança :—
Temida quanto amada a Summa Essencia,
Em tudo á Deos então contemplão todos.—
Qual pagina sem fim o Ceo se ostenta
Aos olhos estendida—onde as estrellas
Esplendem como d'ella os caracteres,
De Deos em cada uma a immensidade
Com o poder junctamente translusindo.—
Da vastidão do mundo uma só parte
Não ha, que ao Infinito ardente culto
Escuse; e cheio se o universo amostra
De adoradores seos.—Cada floresta,
Cada montanha do Eterno é templo,
De cada uma arvore é altar o tronco,
A folhagem docel.—Deos as premissas
Tinha em off'rendas da lavrada terra.—
Dos que em tal culto ao Creador votavão
Com respeitosa mão os primos fructos
Do seo trabalho na sasão colhidos;
Que n'essa officiavão tão famosa
Simplicidade á Elle—á todo preço

Vencia essa grosseira lan, que ornava-os:
Ao coração de sanctidade estreme,
E puras almas revestia ella :—
De auri-fino lavor que as tellas d'ôje
Era essa lan melhor—mais importava
Que os crespos de tecidos transparentes,
De requintado esmero esses debuxos,
Que no tempo de agora ao sacerdocio
Dão extremado luxo.—Mais se paga
Da véra unção do acto a Providencia,
Que á Ella sob as vestes se tributa
Da singelez sublime—que de ornatos
Subidos no primor, quaes são no custo;
Que á muitos, em affronta aos seos altares—
Lustrosas roupas atavião ricas
O torpe infesto vicio, e o crime horrendo.—

Aos tempos succedendo os tempos ião:
Decorria-os o mundo n'essa augusta
Scena de egregia dita:—a fé mantinha-a :
Em vez de descahir, a fé nas almas
Dobrava de vigor:—fecunda em quadros,
Brotavão novos quadros d'ella ao Orbe.—
Do Libano soberbo os fundos valles,
Pallidas agoas, magestosos Cedros,
Vião das palmas desfructar os homens
Favores do Empyreo á grata sombra.—

Do paternal amor exemplos sanctos
Ensinava-os Nachôr, presando á Sára;
Mais que o prodigio da bellesa, n'ella
Translusia, exemplando, a castidade:
Da conjugal virtude, á ella unido,
Dava o divino Abraham normas sublimes;
Pasmava ao Moria Abraham, d'elle cumprindo
No cimo o seu solemne sacrificio.—
Alma se engrandecia á Deos louvando;
De Deos o puro amor para ás virtudes
No peito os corações afervorava:
Da morte o frio horror no brilho d'ellas
Apagava-se—a morte como porta
Somente aos paços a rasão julgava
Franqueada da bem-aventurança.—

De puro gôso, eras de innocencia,
Forão essas do mundo as eras d'oiro.—
Mais que as de agora esplendidas moradas
O humilde tugurio então valia:—
Sob os tectos ali de pompa extrema
Urde contra a virtude impia cilada
O ruim coração; convicio atroce,
Com qu'á deslustre pervertido inventa:—
Em quem o conta o merito odiado,
D'elle em damno o conluio infame lavra;
Dado á torpesa o que á moral se deve,

Recebe adorações alçado o vicio;
Entre os louvores de estragado senso
Em almas vis o egoismo impéra.—
Mas n'esses tempos sãos era o tugurio
Da virtude e moral modesto asylo:—
Da moral o amor n'elle dos homens
Se alimentava; n'elle o sentimento
De todos pelo bem feliz medrava:—
Ninguem o damno desejára em outro,
Que o não quiséra em si:—sacros os dogmas
Erão da igualdade venerados:—
Tinhão a honra, a lei culto os costumes.—
E, como a lei, com que simplicidade
Dos homens o governo era exercido!
Erão das villas trybunal as portas,
Julgando á ellas, se o conselho urgia:—
Aparatosa formula escusando
Tal punia a justiça, ou premiava.—
Não ôje assim a lei:—com estrepitoso
Acto aos olhos se ostente embóra ella,
Termo é que nada exprime;—longe o premio
De dar, e de punir longe o delicto—
Profanada, ás paixões serve aos caprichos.—
Aos qu'o poder incumbe agrada o fausto,
Dá tedio a singelez, a vida ingenua;
Nas fôrras horas do encargo á lida
Qualquer trabalho em humildade importa.

Aprasia á Booz na terra os sulcos
Com prestimosa mão abrir ás messes;
Elle mesmo ceifar lavrado trigo—
Que, alegre, Gedeão—depois, na eira
Batêl-o vai. —Na purp'ra que espontanea
Lhe offertão—Gedeão injeita a pompa.—
É assim que do Ceo ao prompto aviso
Feliz o coração salva-se em tempo
Do mal que da virtude os puros germens,
Sem podêl-o vencer, lhe empeste, e mate.—

Co'essa do mundo sublimada estrêlla
Ao extremo o praser do Ceo tocava,
Tocava do Inferno ao extremo o odio.—
Esperançava o Ceo pela virtude,
Ver salvo pela fé o Orbe á culpa,
Que o manchou primitiva; e d'esse esfôrço,
Que á si mesmo, em seo bem, devia o mundo,
Desesperava o Principe das trevas.—
Opposta aos planos seos do Orbe a dita,
Nodoal-a, e perder traçára iniquo :—
Poucas do Orco as victimas, que gemem
Eterna pena em carceres eternos,
Achava; e que fatal dêo-lhe o diluvio :—
Mais apinhado ver o negro abysmo
Almejava de miseros precitos.—
Intensa lhe avultar sentia a ira

No animo perverso—um termo á lucta
Co'o Eterno Poder sua affrontosa
Receiando; e, assim, do seo ludibrio,
Cessarem, em refens, cruas vindictas.—
Em tanto contra o mundo, á que de novo
Lavrem damnos fataes, e novos surjão—
Resoluto, Satan no desmedido
Infero espaço, á conferir com elles—
Aos mais anjos reveis rebate sôa,
Sôa ás furias tambem :—elles e ellas
Para o horrido conclave se apinhão.—
Qual lhe cumpre—do solio o negro assento
Lucifer toma—e, principe do Orco—
Cingem-lhe á fronte interlaçadas hydras
Por diadema—e orna-lhe pesado
A' impia dextra abraseado sceptro:—
Do throno espessa immorredoura chamma
Os tisnados degrãos subindo lambe-lhe;
Cobre-lhe extensa pavorosa abobada
Sobre longas columnas denegridas,
Onde robustas viboras coleião.—
Inflammados vesuvios quaes se fossem
Demovendo Satan rubentes olhos—
Mais carregando o tenebroso aspecto—
A', que o cerca, e vosêa, encára turba :
Ensaia-se á fallar, e logo pára :—
Co'o sceptro ao solio o pavimento fere;

Poem côbro á confusão—e reboando
Do golpe o rijo som no escuro abysmo—
Dos precitos os ais, gemidos cessão;
E tal com fera voz se expressa horrenda.—
—N'esta de eterna dôr lugubre estancia,
—Ao meo poder aditas potestades,
—Furias, que rejo—vós, que ao odio infrene,
—Que nutro contra Deos annuis de grado:—
—D'este odio, qual meo, em desar vosso,
—Aos damnos longo vai que é livre o Orbe,
—E assim folga elle, o Ceo tryumpha
—Ao culto que recebe o Deos, que habita-o.—
—Conspiração jurei á Eterna Essencia,
—Da geração nos males:—tudo perde
—O reino meo, se n'ella me acobardo;
—De mim longe a frouxesa:—nunca innuteis
—Dos que o Averno tem, martyrios fiquem,
—E nem as que tormentos varios cevão
—Almas lhe caibão sós.—Poderam agoas
—Do diluvio extinguir iniqua raça,
—Não apagar em mim da ira ás chammas.
—De novo conquistar o mundo quero,
—Co'esses damnos de outr'ora pervertendo-o,
—E de temente á Deos tornal-o idolatra.—
Dice.—E cousas diversas, varias formas,
Que hade representar no mundo, aos olhos
Do horrido Satan logo affigura

O Demonio fatal da idolatria.—
Referve a turba com o geral assenso.—
Tal, se das grutas procellosos Euros
Se arremessão Eólias, rebatendo
O estridente furioso adejo,
Ondeia curva a amplissima seára.
Presentido do Ceo o duro aresto—
A negra sorte, que de novo aguarda
O triste mundo co'um trovão signala;
E turva o brilho ao Sol espêssa nuvem.—

Por bôccas amplas que inflammadas abre
O Orco, tenebrosos frexão esses
Esp'ritos de ruina, á quem precede
Da idolatria van p'rigoso o Genio.—
Tôrvo e sinistro olhar lançando ao Orbe,
Se prasem de abrigar no leve Egypto.—
Aqui, onde o albôr surrio primeiro
Das sciencias, das artes—seo dominio
Alçou pernicioso esse tremendo
Genio fecundo em frivolas deidades,
De terriveis paixões fecunda origem,
De caprichos fataes, inventos futeis.—
Dos que arrojou com elle o fundo Averno
Devastadores reprobos, cercado,
Inteiro ao seo poder o Egypto curva.—
Promptas, occultas galerias se erguem

D'elle ao infernal prestigio:—asylão monstros,
Que impoem imbahidores sacerdotes
Ao vão povo depois.—Elle á Teutátes,
A' Moloch, á Bramá deo nascimento,
Mithra, Anubis, Odim phantasiára,
Irminsul ideiou—horrida abrira
Co'os seos segredos de Tryphonio a cova—
Aruspices criára, inventou Trypodes,
E tudo mais que á impostura aprouve,
E pôde imaginar a vil mentira.—
Sem que o sinta a rasão quanto se abate,
Adora ao Crocodillo illusa Thebas—
No culto que ao Boi Apis vota Memphis
Degrada-se.—Consagra, e tem a Persia
Por divindade o fôgo.—Atroz Demonio
Do homicidio, invertendo a forma n'esse
Das feridas batalhas falso Nume—
Na Thracia por Deos Marte é adorado.
Toma vulto o dilirio, e toma o êrro—
Aras se erigem, victimas se immolão:—
Lavra por todo o Orbe a idolatria.—
Porque do culto vão se a India ceve,
Dá o Egypto á India Deoses broncos;
Cria—elegantes dá á illustre Grecia.—
Rendidas no Taloê são á Mercurio
Oblações—e no Tenaro á Neptuno
Se amostra erguido templo, onde ideiaram

Caminho ao Orco frivolos esp'ritos.—
Muda o aspecto da volupia o Anjo
Torpe—e donosa Venus affigura:
No cinto aperta lucido, que o orna,
Brutaes desejos:—magestoso alcaçar
Grangeia em Sunio.—A' luz d'elle resplendem
As marmoreas columnas: surda a vaga
Beijar vem meigamente os pés ao Templo;
Dançáo dos Cyprios no pagão testejo
A' falsa Deosa semi-nuas Nimphas
Nas primorosas rescendentes murtas,
Dando fôgo as paixões, fôgo ao deleite.—
Honrando aos Deoses á rasão aviltão
Na culta Grecia ensanguentados Ludos.—
Co'o amor da sciencia, amor das artes,
Roma a superstição aure da Grecia.—
Tributa á Baccho adorações:—nas festas
Desenvoltas que faz ao surdo Nume,
Do mundo se deslustra a soberana,
Como de Flóra nos festins devassos.—

Fim do Canto terceiro.

NOTAS DO CANTO TERCEIRO.

Pag. 71—*v.* 7, 16, 17, 18, 19.

O homem . . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .

Mata o seu semelhante antes que o puna
No abandono de asqueroso alcouce,
Podendo a lei salval-o:—outro, cumprida
A sentença—esquecido lá fenece!

O crime é o effeito da desobediencia dos primitivos paes da geração humana—e a primeira culpa, como tryumpho iniquo do inferno contra a innocencia do homem, bastou á degenerar com elle toda a sua descendencia:—d'ahi o deploravel principio, de que vem que se olhem os homens em muitas occasiões como inimigos.—Mas um momento de fatal desaccordo, e que tem de custar uma expiação relativa, não destróe o futuro do homem:—é assim que a justiça pune á culpa sem nullificar ao culpado; porque ella tem como interesse real e unico fazer que se arrependa o homem do delicto, com que of-

fendeo á sociedade, e que á ella torne, depois do castigo, para ser-lhe util como todos os membros, de que se ella compoem.—Este argumento é irrecusavel:—infelizmente porem no Brasil a justiça é tomada em uma accepção, que desdiz de tão pura verdade—e tanto desadorando-se aqui pelo principio de imitação, até oje ainda no Brasil não é o favor da lei, não é a reverencia para com ella o que é na Inglaterra, quando a lei castiga, ou favorece—o que é nos Estados-Unidos, aonde moralisa-se corrigindo-se ao delinquente.—Força é pois dizer que eu o que ahi deixo n'esses versos é o triste abono do que por cá existe:—a acção da lei entre nós é a mais perfeita antithese do que ella é nos paizes mais classicos do mundo. —Tem havido infelizes, que devendo pelo seo crime soffrer de punição seis mezes á um anno, hão ficado reclusos dois e tres annos sem que tenhão sido processados!! Alguns, decorrido o tempo da punição, proseguido nas cadeias até que o acaso lhes haja deparado com o consolo indisivel da liberdade!! D'este abandono, em que é tida a promptidão da justiça, mais de uma vez—quando a innocencia é levada á decisão dos julgadores, tryumpha—porem depois de passar por todos os martyrios de uma reclusão, que a lei tem disposto para o verdadeiro culpado.—E os nossos carceres!? Oh—a razão, n'este sentido, não se conforma com excepções:—todos elles são focos de males, que damnificão á saude dos presos—são alcouces asquerosos—assim os classifico devidamente; porque ninguem dirá que sem grande incommodo pode-se uma pessôa coser com á porta de um só d'elles!—As prisões do Brasil estragão, e não conservão! Isto, e mais ainda o descuido completo no tractamento dos presos, tem á muitos originado incuraveis infermidades, de que fallecem em pouco tempo depois de soltos—e alguns tem morrido mesmo dentro das prisões!—A verdade é um dever para com Deos e á sociedade; eu a devia n'esta nota; e prasa á Deos que sempre eu a confesse—porque os bons resultados quando não emanarem d'ella, escusado é com elles contar, aguardando-os da exageração e da mentira.—

Pag. 73—*v.* 7, 8, 9.

. . . . . multidão. . . . . ,
Que ôje peja os profanados templos,
Onde á Deos mais se insulta que venéra-se.

Os templos já forão as casas da pura devoção—Deos e a reverencia, que lhe devemos, erão em melhores tempos os regedores das almas, que acudião fervorosas á elles para os actos religiosos:—tudo porem ficou de mistura com ás cousas, que nos vierão corrigir dos sanctos costumes e deveres dos nossos passados—e certa gente, adoptando como proveitosas as demasias da moda, assentou que tambem com á moda deve-se confundir o alto respeito ao culto.—As casas de Deos passarão então a ser para muitos os logares destinados ao tracto de negocios todos alheios aos preceitos da devoção—e por grande parte de irreflectida juventude praças francas de amoroso commercio, de abusos escandalosos—e, por tanto, de uma irreverencia que se não pode definir.—As decisões do sabio Prelado são a prova irrefragavel de tudo isso. O Exm. Sr. D. Romualdo Antonio de Seixas, que pode ter o brasão, de que na alta gerarchia da Igreja Christan nenhum melhor do que elle comprehendeo, e seguio o dever de pastor sagrado em procurar manter a reverencia á Religião de Jesus Christo—sim, o profundo e virtuoso Metropolitano—zeloso como o Arcebispo, que tanto honrou á côrte de França no reinado do inditoso Luiz 16.°—vio-se na colisão extrema de fazer cessar o uso de novenas á noite, pelos escandalos, que se praticavão n'esses actos á face do Deos vivo!—

Pag. 75—*v.* 17 *á* 23.—*Pag.* 76—*v.* 4 *á* 13.

. . . . . Deos as premissas
Tinha em off'rendas da lavrada terra.—
Dos que em tal culto ao Creador votavão
Com respeitosa mão os primos fructos
Do seo trabalho na sasão colhidos;

Que n'essa officiavão tão famosa
Simplicidade á Elle—á todo preço
Vencia essa grosseira lan, que ornava-os :
. . . . . .
. . . . . :—
De aure-fino lavor que as tellas de ôje
Era essa lan melhor—mais importava
Que os crespos de tecidos transparentes,
De requintado esmero esses debuxos,
Que no tempo de agora ao sacerdocio
Dão extremado luxo.—Mais se paga
Da véra unção do acto a Providencia,
Que á Ella sob as vestes se tributa
Da singelez sublime, que de ornatos
Subidos no primor, quaes são no custo—
Que á muitos, em affronta aos seos altares,
Lustrosas roupas atavião ricas
O torpe infesto vicio, e o crime horrendo.—

Não vou de encontro á todo quanto acceio seja possivel á decorar o culto á Divindade:—elle ficou auctorisado no mundo d'esde o esplendor estreme do Tabernaculo—d'esde que o linho finissimo com o mais de precioso enfeite vestio aos Patriarchas.—Isto porem não exclue o sublime d'aquella simplicidade, com que nos primeiros tempos erão á Deos tributadas ovações—erão-lhe offertadas as premissas da terra com animo tão puro como o Céo—e, por certo, que todo o sublime d'essa simplicidade excede aos adornos de grande custo n'esses deploraveis e perniciosos exemplos, que envergonhão á muitos bons ecclesiasticos que temos, e que tão dignos são do grave estado que abraçaram, quanto da veneração e estima da sociedade.—

Pag. 78—*v.* 23 *á* 26.

Aos qu'o poder incumbe agrada o fausto.
Dá tedio a singelez, a vida ingenua;—

Nas forras oras do encargo á lida
Qualquer trabalho em humildade importa.—

Quem sabe pela historia que as mãos, que heroicamente desferião os pendões das famosas victorias da antiga Roma, e aquellas que manejavão o timão do soberano dos paizes—aquellas, em que lusio o sceptro da realeza n'aquelle assombro dos povos do mundo—sim, quem sabe pela historia que essas mãos honravão ao arado—ri-se, deplorando das vaidades dos tempos de agora, em que á muitos parece que lhes vai um desar com uma ou outra distracção nas oras remidas ás funcções do emprego que tem. Não é assim em todos os logares: a Inglaterra, por exemplo—é uma excepção feliz em tal sentido.—

Pag. 82—*v.* 13. *á* 16.

Esp'ritos de ruina, á quem precede
Da idolatria van p'rigoso o Genio.—
Torvo e sinistro olhar lançando ao Orbe,
Se aprasem de abrigar no leve Egypto.—

O Egypto, cuja antiguidade já foi no mundo de um impenetravel mysterio, mas que ôje está ella tirada de toda essa confusão, em que perdia-se, foi o paiz, em que assentou-se toda a idolatria—e d'elle, com as suas invenções burlescas e perniciosas—partio para os diversos pontos do mundo n'esses tempos antiquissimos.—

Taléo—&c. *Pag.* 83. *v.* 25.

Monte de Creta:—n'elle recebia Mercurio adorações. Foi d'esse monte que procedeo a fabula, pela qual fizerão-lhe os poetas de um monte esse gigante de bronze, que depois de pelejar com os Argonautas morreo á força dos encantamentos de Medéa.—

Tenaro—&c. Pag. 83. *v.* 26.

Chamado oje Cabo de Matapan—então promontorio ultimo da Laconia.—No templo que n'elle ergueo á Neptuno o cégo espirito de idolatria—criou-lhe a illusão communicação com o inferno.—

Sunio—&c. Pag. 84. *v.* 6.

Cabo Sunio—aqui, ás vezes—desferia Platão a voz sublime nas suas immortaes lições—e foi aonde o famoso Demosthenes, declamando ao romorejar das ondas—contrahio o habito de fallar ante as turbas.—N'elle havia um templo consagrado á Venus.—

Pag. ibid. v. 17 *á* 20.

Tributa a Baccho adorações: nas festas
Desenvoltas que faz ao surdo Nume,
Do mundo se deslustra a soberana,
Como de Flóra nos festins devassos.

Em Roma—aonde uma vez a devoção pela castidade conjugal fez banir a realeza—aonde lusiram as Cornelias—ahi mesmo chegarão á taes escandalos as festas de Baccho, que a Curia vio-se forçada a tornal-as supressas. Na perseguição porem contra a christandade restabeleceo-as o impio e dissoluto Galério — e ellas se apresentarão com desenfreamento incrivel.—A festa de Flóra consistia em uma devassidão tão horrivel, e de que se comprasia Galério—que parece impossivel que de outra forma se possa exprimir senão pelo exemplo da mais torpe immoralidade.—

CANTO IV.

Como assim desvairado o humano esp'rito
A' negra influição do negro Orco,
No que lhe urdira perigoso laço
Fatal, tremendo, embaidor delirio,
Declinando da fé, cégo enredou-se!
Oh—que inteiro á colher seguro senso
O quadro do que foi o mundo idólatra,
Como que á tal excesso á crer se escusa
Que os fóros da rasão manchasse o homem!
Porém elle os manchou!... N'esses horrores,
Em taes devassidões, da vida estranho
O jús—nada era a vida, quando o êrro
Por Numes vãos a reclamava exposta.—
Qual ao soccôrro tem, qual ás caricias
Direito a infancia desvalida—triste,
Perdia-o ella d'esse culto á fôrça;
E davão como fructo os Idolos d'elle,
Do que do coração, mais da torpesa,

Em entregal-a á infamia, a infancia á morte.—
Tinha á sciencia vigorado impulso;
E d'ella assiduo na cultura o esp'rito,
Despedidos de si quaes são estremes,
E vividos mostrára os seos luseiros,
Se n'essa van, intempestiva crença—
Raiando-os—os não de-se, e os embotasse.—

Nem sempre á que montou deliriosa
Ostentar-se a rasão, e, então—segura,
De si dar lisongeira e util prova?
A' desvarios mil, á mil abusos
Póde acaso pagar um raro acêrto?
Que vale, quando o ha, um bem, que em males
Muitos depois se perde?—Homens houverão
Profundos no saber; porém o senso,
Do fanatismo idólatra estragado,
Aos que tantos brotar podéra fructos
De sem-par lucidez, sem-par valia,
Por desvios supprio.—Base, em que houvesse
Segurança cabal não vira o Orbe
O edificio social:—que importão
Aqui, além doctrinas semeadas
Sans, quando as leis, qu'ellas conteem, avultão
Em tão fataes, tão miseros abêrros?
Dois, que á todos os mais venceram, dogmas
Escaparão ao tino—um Deos somente,

E véro, e Creador, ninguem ao culto
Dar soube—ninguem soube ao ser humano
Como á si proprio amar, e soccorrêl-o.—
Bem não houve legitimo onde esses
Dogmas falharão sacros:—de ventura
Real nada existia, quando o ente
Um só Deos não amava, e nem temia—
Nem quanto á si amar sabia á outro.—

A' taes deveres a rasão alheia,
Pelo caminho desvairou do êrro—
Crimes desconhecendo os crêo virtudes.—
Da Summa, Eterna, Creadora Essencia
A sublime unidade indivisivel
Por Idolos sem conto se reparte:—
Por um, qu'é o real, piedoso e justo,
Poder, fonte immortal de luz e graça,
Que poem alivio á dôr, freio á desdita,
Poderes vãos, innumeros se invocão.—
Do, que na creação ao homem coube,
Supremo gráo se disprimóra o homem,
Quando á mentira, que o illude, curvo,
Na face adóra de ediondos Numes
De Deos á radiante formosura;
Quando crê do Eterno a Face Augusta
No rosto reflectir de Idolos broncos.—

Do Deos, da vida Auctor, Auctor dos Mundos,
Suppre ao recato que requer o culto
A desvergonha de devassos quadros,
Com que folga essa tôrpe, illusa crença
De falsos Deoses, do delirio filhos.—
Pela paz, que ante as aras suas sanctas
Ao Infinito contenta—pela pura
Uncção, pelo amor que exige ante ellas—
Nas impuras vertido aras idólatras
De victimas o sangue lá murmúra:—
Scenas prasem de morte á Deoses do êrro,
E Numes infernaes de horrôr se pagão.—
De assim contar avassalado o Orbe
Ao seo duro poder—Satan no Barathro
Louvores, pelas furias rodeado,
Descarta aos que, emissarios seos, no Mundo—
Taes, levantando-o, da ruina o templo
Sustentão—n'elle, miseras, perdendo
Almas, cujo tormento hade aprasêl-o.—
Intenso como o fogo, que, ondeando,
Por todo o reino seo perpetuo lavra—
Ferve, e lavra de Lucifer no peito
O jubilo.—E Satan, porem, quão longe
Era, de que illudia-o, que o cevava
Lhe á mente dando enganadôra idéa
Contra o Poder do Céo certa a victoria!
Então, infausta prêsa, em quanto o Mundo

Por seo á fôrça da illusão contava—
Entre os luseiros vividos da sua
Gloriosa morada, no que ao Orbe
Convinha em lance tal Deos decidia
Na sua Omnisciencia.—Lá do alto
De luz estreme co'arraiados olhos
Um por um devassava d'esse culto
Impostor os sacrilegos arcanos:—
Um novo desafio audaz ás justas
Iras do seo Poder se lhe antolhavão
Scenas de um culto assim tão vão, quão misero.—
E co'elle o que importava á Eterna Fôrça?
Punil-o—e de impio, qu'é, d'elle vingar-se.—
Mas outra vez cubrir de agoas o Mundo,
E outra raça exterminar com ellas—
Pena não é que fulminal-a agora
Resolva a Omnipotencia.—Ella contempla
Do Orbe á geração:—vê que um principio
Immenso, e d'ella Creador, da terra,
Origem Immortal do Ceo, dos astros,
A geração o crê:—ao bem propensa
A reconhece Deos.—Porem em tanto
Que de tudo o Motôr procura ella,
E vai após o bem no quanto obra—
Colhe igualmente a Infinita Essencia,
Que de alar-se a rasão á pura esphéra,
E n'ella co'o Poder véro e Divino,

De quem o quadro dimanou soberbo
De toda a creação—Poder Eterno,
Que attesta-o nos rosaes soprando a brisa,
Que o confirma na rocha o mar bramindo,
No manto da procélla o raio accêso—
Deparal-o a rasão, amal-o, e crêl-o
Só o que amor, e adorações merece,
E á quem cumpre temer—transvia infando,
Iniquo o Anjo reprobo, inclinando-a,
Escravisando-a á Idolos sem fôrça,
E d'elles sob as formas venerado,
A' sombra de impio culto elle temido,
De Deos seja um deslustre á Magestade:
Qu'esse esp'rito fatal do negro Orco
A' geração os passos no caminho
Do bem tolhendo, á geração impelle
Dos crimes pelas sendas perigosas,
E com o oiro da verdade puro
O êrro, e lhe o delirio aformosenta,
Com qu'á céga, e seduz.—E como visse
Isto o Eterno Ser—do triste engano
A' geração por Lucifer tecido,
Doe-se, e d'ella, por crêl-o van, tão misera:—
A' sua d'esta vez cabe Justiça
Infinita e sevéra, pois, os duros
Planos de dominar o inteiro Orbe
Ao tenebroso Rei frustrar dos reprobos.

Supplantar-lhe, e vencer-lhe á fera audacia,
A' conquista fatal baldar ao Orco.—

Assim a, que—do mundo, a Providencia
Entre os thesoiros seos guardava—dita
Vai resplender sublime:—a terra digna
De Si tornal-a Deos—e Deos os Paços
Felices franquear da Eterna Gloria
A' humana raça com remil-a á feia
Culpa, que os troncos seos manchou primévos,
E legado fatal ficou-lhe—immensa
Obra é que vai soar, dar brado ao mundo.—

E do projecto seo, alto e supremo,
A' dar rebate no universo espaço,
Dos poderes, que tem, nem um Celeste
É que o Eterno elèja:—Elle entre os homens
Quem o faça, e a estrada aponte egregia
Para o da salvação porvir sublime—
Ao Mundo descendendo—hade escolhêl-o.—

Como n'isto assentasse o Rei dos Orbes,
Os seres Divinaes no Céo se movem:—
Em grande abrilhantado ajunctamento
No diafano chão do ethereo Reino,
Reverentes, ao som de alternos hymnos,
Arredão largo espaço ao Eterno Padre,

Que á dar começo vem á obra immensa
Da remissão da terra.—Já rompendo
Pela Celeste via, á estrada toma,
Qu'ampla ao Orbe dirige, a Increada
Essencia:—pasmão, suspendendo o giro,
Da Magestade do Infinito os mundos:
Co'o estreme fulgôr, que raia excelso,
Milhões de accêsos Soes seo brilho augmentão:
Nem leve sopra nos macios ares
Fresco Favonio—do sereno espaço
Vingando á immensidade, o Eterno poisa
Na fronte do Sinai em nuvem d'oiro.—

Aqui, porção da terra, em que reside
Do Mundo o mais idólatra dos povos,
De esplendor sem igual fulgindo o quadro
Do Divino Poder, furta-se aos olhos
Da gente, que sacrilego cultivo
Dêo de um aureo vitéllo ao impio culto.—
Rompe do sacro memorando monte
Do Creador a voz solemne e grave;
Ninguem da gente van tal voz escuta:—
De tantos de um só homem no ouvido
Fére essa voz, e dá-lhe estranho abálo
N'alma, aonde calou-lhe imperiosa.—
Ao prodigio, que sente, e quão diversa
A voz, que n'elle o obra, escuta, e julga

Da que a natura dêo ao ser terreno—
Presta p'ra d'onde sôa attentos olhos :
E d'esse homem tão somente á vista
Manifesta-se a Face do Supremo
Arbitro Augusta:—ao monte se encaminha,
E curvo reconhece ao Deos, que o rende.—
Da bôcca do Senhor ouve o destino,
A' que fadado o tem, grande e egregio—
Eleito seo divino, á obra iniqua
Destruirá de Lucifer na terra;—
Da vontade do Céo hade emissario
Desbaratar do Orco ás potestades.—

Qual no vergel, que á assidua mão cultôra
Pompa e mimo deveo nas varias plantas—
Mas, em descuido posto, o lindo adôrno
Se estragou-lhe, vingando agreste arbusto,
Do tempo no correr do, que pendêo-lhe,
Ultimo vegetal, nascera acaso
A perdida semente, e flôr brotára—
Entre o enrêdo do silvestre mato
Distingue-se, enlevando a flôr mimosa,
E mostra que ali foi jardim de encantos—
Da idolatria assim attesta esse homem
Nos horrores e van credulidade
Um mundo, em qu'a moral, como a virtude,
Quanto de um Deos a fé cultura ouveram.—

A agoa, que—de longe despedida
Em torrente veloz, da parda rocha,
Murmurando, debruça-se—no seio
Do ardente vulcão a lava intensa—
Tal a imagem do fervor—o quadro
Fiel do zêlo de Moysés sublime.—
Diversa das de mais a infancia sua,
Attento sobre ella o Céo velára,
E d'esde ella divino o Céo fiséra-o.—
Do Ser Eterno o escolhido alumno,
Que tem a Deos por Mestre, e que lhe falla,
Certesa é por prodigios confirmada:—
Brada o trovão no desmedido espaço—
Do Sinai descendendo, em rubras chammas
Abrasêa-se o monte—e n'este fulge,
Qual d'elle esplende vivido no rosto,
Raio do brilho da Infinita Essencia.—
Surdo ao voseio de inimigas turbas,
E de d'outras á lisonja indifferente,
Mesmo de Faraó, tyranno e impio,
Enviado de Deos—troveja á face:—
Urge-lhe a terra por manter-se apenas;
Que o domicilio seo real parece,
Pelo como se porta, alem dos astros.—
A lingoa, de qu'ornou-lhe a Mão Divina,
Qual espada invencivel, que moldou-se
No puro fôgo da Celeste forja,

Do torpe culto e frivolo fendendo
O resplendente véo—do leve povo
O nada dos mysterios patenteia,
E clara ostenta a impostura aos olhos
Da van crença, que envolve, e qu'ante aras
Profanas, para Idolos burlêscos,
Defrauda para Numes impudicos,
Impia, as adorações, que á Magestade
Devidas são, á sem igual Bellesa
Do Ser Immenso, que dêo ser ao nada.—
Sobre o Mundo, que, amplissimo, com tudo
Parece estreito espaço ás obras suas,
E que fadara-o Deos, á que famosa
Scena fôsse das suas maravilhas—
Não se amostra com vagas conjecturas,
Nem á futeis systemas apegado,
Para qu'o tempo seo com presumidos
Filosophos, embalde, e sem tryumphos
A' verdade colher, sem gloria d'ella,
Nas contendas escôe.—Mais que Lucrecio,
Não divinisa os átomos, errando;
Mister não ha de em movimento pôl-os,
Vai de Epicúro alem—e, qual Descartes,
Não lhe importa idear subtil materia;
Da attracção não precisa—é mais que Newton.—
Sem de palavras co'abastança inutil,
Com poucos sim, porém fecundos termos,

Destróe aos olhos das pasmadas turbas
Tudo, em que a rasão cançou sem fructo—
De sobre o nada trabalhando o Eterno
Presenta-o elle:—no principio cria
O estelifero Céo—e cria o Mundo;
Da sua Dextra unica sahido
O mór prodigio seo no homem formado.—

Co'esta doctrina altissima, que arroja,
Fulge entre as sombras do funesto êrro
Um Deos, que existe—a Unidade sua.—
Quanto brotára escandecida a mente
Desparece de fabulas:—o Orbe
Feitura qual traçára o vão capricho,
Que a materia immortal cunhou de falso—
Não é—mas producção, qu'immensa, ostenta
Da Eterna Origem sua a Immensidade.—
Da vida o movimento o só Principio
Em Deos se aclará: ao nada, de que veio,
Torna o, que em Promethêo sonhou delirio,
Fogo roubado ao Céo, que o bravo anima.—

E lá por esses tempos, quando todo
Era da mente o cabedal apenas
De mentidas ficções—de quem ouvira,
Em que vertente limpida libára
Taes palavras esse homem, que por ellas

Achou á creação tão certa origem?
A' Deoses vãos durissimo tributo,
Co'o sangue, que vertido em honra d'elles
Requerião de victimas infaustas
Sacerdotes crueis d'esse impio culto—
Não havia um só povo, que a mão féra
De Satan averbado não tivesse
Como idólatra á base d'esses Numes:
Desvairada a rasão na crença illusa
Impossivel lhe fôra alar-se á tanto;
Só o pôde Moysés—qual da Suprema
Eterna Fôrça unico inspirado.—
Criando-o, sob intuito o fez sublime
O Arbitro Infinito:—Elle depara-o
A' lastimada geração em toda
Essa aridez de fé horrivel como
Rica Oáse de bens, segura guia
N'um mundo sem sabor de véro culto.—
Como que a penna á instruir meneie
Que esphéra antes da sua, que subisse
Té onde elle chegou? Nem um tão vasta
Mostrou erudicção, de que fecunda,
E abastada tivesse a mente.—Energico,
Simples, á mais não ser, como evidente,
Escusa ao quanto falla, ao quanto escreve
Affectado boleio:—a penna sua
D'asa d'um de seos Anjos estremára,

E ornou-lhe com ella o Eterno á dextra.—
Da Aguia sua reforçando os surtos,
Deos mesmo é que a dirige, quando frecha
D'alta verdade ás regiões sublimes,
D'onde banhada em luz volvendo ás gentes,
Nas sombras densas do fatal engano
A' illudida rasão clarões derrama,
E com principios sãos á esteia eternos.—
Magnanimo não menos do qu'intrepido
Segue em sua missão; e porqu'atteste-a
Qual missão do Senhor somente havida,
Prodigios, que p'ra tanto urgem, planeja,
E, amparado do Céo, cumpre assombrosos:—
Co'a vara toca excelsa á rocha ingrata,
D'ella resalta cristalina veia;
Transpoem o mar vermelho á planta enchuta.—
Que mysterios alem irião d'estes,
Que ante os olhos pasmados abonassem
Mais claro sobre a terra o alto destino
D'esse homem immenso? Quanto aprouve
A' Deos, que senhas d'esse de qu'ao Orbe
Seo legitimo eleito elle surdira,
Foi de sobra á lusir em taes prodigios,
E n'elles foi sobejo á confirmal-o.—

Inspirado do Céo, quadros, que ao Mundo
Bosquejassem o Céo, traçar somente

Devia em phrase como o Ceo amena;
Co'o terror, que infundia, elle gelando
O amor, que ateiar queria extremo
Para com Deos no coração dos povos,
Sua augusta missão contrariava.—
Tal presume, e o diz quem leve julga,
E tudo sem criterio sentenceia.—
Justifica o seo fim qual fôra immenso
Esse terror, que a sem rasão condemna.—
Nunca foi véro bem o bem, que é facil;
Em pouco o havereis, se é facil têl-o:
A ventura real mil transes custa;
E, porque para nós menos se alonguem,
Rir-se anceiamos ver mais breve a dita.—
Que dita, por mais alta, ahi, que em prêço
Corra co'á sorte de remir o homem
Pela culpa perdido? O bem, que libra
A dita de trocar eternas penas
Pelos dons sem iguaes de Eterna Gloria—
O captiveiro vil de falsos Numes
Pelo culto de um Deos real e Justo—
A servidão á despotas infrenes
Pela doce, aprasivel liberdade;
É bem, que de nem um ao par é posto,
Antes que á todos vence.—Do que havia,
Unico, em si trasêl-o ao mundo oppresso,
De Numes sem valor triste alagado—

Nuncio egregio Moysés patente ao Orbe,
Anças no feio horror dava ao desejo
Pelo vindeiro Ser do Ser Eterno.—
Orgão solemne de um futuro immenso,
Do Deos, que em tal porvir á terra salve,
Muito embóra importasse elle a figura—
Com tudo—á qu'o Poder Summo provasse
Que em leis pensar, e escrever não era,
E que nem suas perfeições continha—
Nada temendo, intrepido ameaça;
Das mãos lhe sai o punidor flagéllo,
E do Céo contra o impio as iras chama.—
E tudo assim da fôrça dimanava,
Que teve, o cargo havendo alto e sublime
Do Creador á predizer seo Filho:—
Nada foi do ardil, de invento d'elle;
Em tudo a só vontade resplendia
Do Senhor, que o guiava.—Qu'elle a bôcca
Fôra do Infinito—que por elle
Expressava-se Deos—o maior facto,
Que aos sãos principios da moral mais pura
No coração humano inteira aberta
Houve, e perenne pôz divina base
Do véro bem ás immortaes doctrinas—
No monte, que eternou a Sacra Imagem
Do Celeste Poder—authenticára.—
Curvado de Jacób o inteiro povo,

De gelido terror transido treme;
Cuida que vai soar-lhe a ora extrema
De perigada vida :—os alterosos
Cedros dobrão do Lybano as virentes
E bastas ramas, humilhando a pompa
Soberba e magestosa da folhagem :—
E tudo!... Um homem no Sinai erguido,
E chammas todo, que lhe o corpo cingem,
Que á pallida Israel a voz eleva.—
Deos—amar sobre tudo—e juncto ao d'Elle
Do proximo o amor soou no mundo.—
Taes, com ellas, as outras promulgadas
Essas regras encerrão.—Vira o Orbe,
E pela vez primeira assim tivéra
A mais justa das leis, a mais perfeita,
Que d'antes por ventura conceberão,
Derão homens na terra.—Grande fôra,
Legislando—Confucio—foi Licurgo
Famoso, qual Solon—como foi Numa :—
Em vão porem do Genio o alto esfôrço,
Profundo meditar, cabal sciencia
Tentára á perfeição—em cada um d'elles
Par á par co'o acêrto anda o delirio.—
É que aos povos então cabia varios
Leis crial-as, e dar homens diversos—
E certo uma só lei ao Céo coubéra
Em bém, por sua vez, impôl-a á todos.—

E de lá feito immenso, e não da terra,
Do saber e rasão veio do homem
Essa divina lei provar o nada :
Não foi dado atinar co'os bens que libra
Em suas producções ao humano esp'rito :—
Reservada no Codigo Celeste
Para o mundo aditar estava ella :—
Trouxe-o da Gloria Summa o Eterno ao Orbe,
E d'elle, tão fiel como a traçára,
Fêl-a insculpir na memoranda pedra
Ao enviado seo, attento ouvindo-a.—
D'ella, por Deos, Moysés—depositario,
Exacta, como á houve, á transmittira.—
Sublimada occurrencia ! Ella á verdade
Do dogma esteiára-lhe famoso
De um Ser Essencial—de quem supremo
Orgão, inteira dá com brilho estreme
Da sua alma a grandesa, inda na benção
Derradeira, que aos povos, que o ouvirão—
Magnanimo lançára, quando ao perto
Da Providencia a Mão sente que o fio
Vai aos dias cortar-lhe, á que sereno
Poise seo alto esp'rito radiante
Dos justos no congresso laureado.—
Horrores, que o desanimo lhe incutão,
Não lh'o prediz—á Israel exalta
A dita, que lhe vem do Deos, que escuda-a :—

Insta á que n'Elle só se ampáre, e creia—
Lhe abona que nem uma á ella iguala
Pelo Senhor, que á salva.—Como espada
Agoira-lhe o Eterno, que ao tryumpho
Inteiro a guiará n'aureo futuro.—
De Moab á planicie então se eleva
De Nebo sobre o monte—e passa como
Quem a maior missão cumprio na terra,
Victoriosa a fé primeiro alçando
Nas ruinas da céga idolatria.—

Em tanto que no Mundo altos prodigios
Do Céo por homem tal exercitados
A vontade do Céo consolidavão—
Já de Solyma os sacro-sanctos muros,
Qu'elle em asylo divinal fundára
Da lei, que houvéra e convertido povo—
O pêso, que—invencivel, esmagava
Erão do Orco á tumida soberba :—
Cada excelsa verdade, que do Arbitro
Eterno desferia o summo eleito,
E que, ao solto raio igual, fendia
O insensivel marmore dos Idolos—
De Lucifer no peito insano e féro
Mais as funestas iras avultava :—
Arrojada no Mundo em bem dos povos,

Nas inferas abobadas soava-lhe
Tremenda, certa a quéda de seos Divos,
E do seo falso culto annunciando.—
P'ra logo lhe rompêo mais vivo e denso
O fôgo, que perenne o abrasêa,
Pelos horridos olhos, que se igualão
Ao feio e temeroso do semblante :—
Da coma as hydras com dobrado assanho
Destendem-se, e no corpo lhe colheião:—
Nos negros labios da medonha bôcca
Freme-lhe atroz vingança, como freme
Em tormentosa noite o mar na penha.—
A' que reforce então dos que enviára
Ao Orbe, genios ruins, do Orco filhos,
O poder, que esmorece, a fé medrando;
De lá do pavoroso, ardente Abysmo
Esses genios fataes inspira iniquo,
Para qu'ás gentes a final jasida
Do orgão do Senhor patente apontem—
E á quem trovejou opposto aos Idolos,
Contra a lei do Eterno—Idolo adorem.—
E mais o Anjo fez de Deos maldicto—
Do Barathro assomar do mundo á face,
Tal scena á contemplar, e ver com ella
Cahir vencida a fé, se promettêra.—

Como no fundo Averno isto passou-se,

O Arbitro Infinito, que o dominio
Estende lá de cima alem dos Orbes
Ao triste reino de perpetua treva—
O impio conhecendo presuposto,
Com que da geração traça ao resgate
Oppôr-se o rebellado, insano esp'rito—
Na fatal tentação prompto á atalhal-o,
Sem que aos poderes seos consulte excelsos,
Ao Anjo dos seos Anjos predilécto
Ordena de descer á terrea estancia.—

Deixa os paços Miguel do sacro Empyrio:—
Pela amplidão asul de neve as plumas
Adeja, os ares limpidos cortando: —
O gladio, com qu'á Lucifer nos prelios
Divinos abatêo a audaz soberba,
Na dextra lhe reluz victoriosa;—
O laureo, que lhe cinge do tryumpho
Eterno á fronte candida, embebido
Da Gloria nos purissimos aromas,
Pelas diversas regiões, que passa,
Verte do Ceo balsamico perfume;—
D'oiro nos hombros espalhada a coma,
Tão extrema fulgúra encantadôra,
Que o Sol, que aquece o habitado mundo,
O vivo brilho embaciou de inveja.—

De Deos medianeiro o Anjo heroico
Que eternas soffrem, de pavor tremeram;—
A' terra em fim chegava:—era no ponto,
Em que dos genios infernaes tentada
Com mór afan a multidão buscava
A campa, que Moysés guarda sepulto.—
Era Miguel no monte, que o jasigo
Ultimo abrira do Eterno ao Orgão:
Não visto de ninguem, á todos via
No impio anhêlo, que influia o Orco;—
Entre o sepulchro e multidão as asas
Pandas oppondo alvissimas, que esplendem,
O anciado moimento occulta:—
D'ali, co'as plantas, que, mimosas—firma,
Flammea pisa á garganta horrida ao Barathro;—
Baldo, á por ella arremessar-se ao Mundo,
Força Satan á infera sahida:—
Em vão dirigem no fatal empenho
Os satellites seos á céga turba:
Termo ao desejo o frio desengano
Poem—e cumprir-se o sacrilegio escusa.—
Que seja influição do Céo beni'no
Dá tino o negro Lucifer—e como
Que a Fé mais um tryumpho assim lograsse,
Incendido de colera, que o turba,
Com arruido tal nas abrasadas
Furnas do Orco baqueou fremindo—

Que mais que ás penas miseros precitos,
E do Senhor o confidente Guarda,
Cheia a sua missão—remonta á Gloria.—

Fim do Canto quarto.

NOTAS DO CANTO QUARTO.

Pag. 91—*v.* 14 *á* 18; *pag.* 92 *v.* 1.

Qual ao soccôrro tem, qual ás caricias
Direito a infancia desvalida—triste,
Perdia-o ella d'esse culto á fôrça;
E davão como fructo os Idolos d'elle,
Do que do coração, mais da torpêsa,
Em entregal-a á infamia, a infancia á morte.

A infancia é o quadro, que nos poem aos olhos a puresa do Ceo na creatura, que na sua primeira idade acarêa pelo seo estado de innocencia todo coração verdadeiramente christão:— quando a innocencia da infancia pede-nos acolhimento, protecção e caricias no seo infortunio, ella por si é o que para isto vale, que a sua origem em nada importa com o desempenho de um dever, que se prende immediatamente á Deos.—O innocente não tem quinhão algum nos costumes desordenados, e vida impúra d'aquella de quem veio: o mundo o recebe como á todos—e rastrear-lhe os principios de origem não lhe está em ordem de preceito; é uma frivolidade ridicula. — Os labios, que recusão imprimir-se na face de um menino—esses labios recusarão impios beijar na face á Deos; — porque o animo, que nega a protecção e caricias á infancia no seo desvalimento, jamais poderá reconhecer, acatar, e cumprir o amor e reverencia que todos devemos á Magestade Infinita.—

São verdades, que, no seo tanto, desconhece-as, miseravelmente, ainda ôje muita gente—e que nos seculos do paganismo erão geralmente com o maior abuso despresadas. O falso prestigio da idolatria n'esses tempos cegou á tal excesso á geração, que o infortunio da innocencia infantil era um

motivo para o abandono d'ella—e o menino desvalido tinha as poisadas da infamia em cambio dos soccorros da piedade! Roma não lhe bastou ser herdeira lidima de tanta illustração para que senão inscrevesse na lista negra dos deploraveis exemplos á respeito d'esse despreso para com a miseria do engeitado:—pode-se cabalmente verificar pela apologia de S. Juliano. — O sentimento de charidade, já depois do nascimento, martyrio e morte do Redemptor, desenvolvendo-se então em Roma pela Christandade, que heroicamente luctava ainda com todos os impetos da idolatria, foi que no eterno berço dos Fabricios fundou asylos para todo o infortunio; servindo os valores pecuniarios recolhidos nos Ágapes para soccôrro com os pobres, que os tomava a Igreja sob o seo grande e saudavel ampáro:—justificão isto as actas do martyrio de S. Lourenço. Com tudo, o impio Galério desempecia-se dos pobres, mandando-os lançar á voragem do mar.

Pag. 98—*v.* 17 *á* 18.

Da gente, que sacrilego cultivo
Dêo de um aureo vitéllo ao impio culto.

E' sabida pela Escriptura a occurrencia dada no povo escolhido, quando Moysés demorou-se no monte Sinai á ouvir do Creador os preceitos sanctos da lei escripta.— A sua descida offereceo-se esse espectaculo triste do bezérro d'oiro, que mediante a sua ausencia havia esse povo preparado, e achava-se curvado ao falso culto d'esse ridiculo e vão idolo. — Não podendo reprimir-se na sua justa indignação —á face d'esse culto Moysés despedaça o traslado da lei, fazendo que assim reconhecesse o povo que de tão grande bem não era digno, uma vez que se deixava vencer da falsa idéa de uma religião, que nada mais significava que um crime contra o Céo.

Chegou ao verdadeiro arrependimento o povo, que o seguia —e o orgão da Divindade, volvendo ao Sinai, proseguio na sua famosa missão.

Pag. 102—*v.* 18 *á* 20.

. . . . . ao nada, de que veio,
Torna o, que em Promethêo sonhou delirio,
Fôgo roubado ao Ceo, que o barro anima.—

A fabula de Prometheo—os versados na mythologia a conhecem—sabem-n'a outros pela referencia.—

Tanto tempo estragado em phantasiar cousas, que bem valia aos antigos suppril-as pelo que nos não fizesse rir o bom senso!—A phantasia ninguem lhes negará que a tiveram muito fecunda—e em grande parte muito bonita; mas como se póde tanta gente embair na possibilidade e existencia de tão futeis cousas!

Ora, quem óje nos viéra contar que vio um homem trazendo fôgo do Céo, que lá o roubára, e com elle vio que animou, e dêo movimentos á uma estatua de barro—que de prompto lhe não mandassem rapar á nuca, pôl-o em camisa de lona, e rigorosa dieta?—Custára-lhe assim, e sem duvida, um remonte ao juizo a tal historia.—Mas óje fôra loucura um Promethêo;—já o foi no mundo uma realidade! Quantos por lá n'esses tempos tão longes não diceram que virão o punido de Jupiter atado com fortes grilhões ao Cáucaso—e o abutre a devoral-o nas entranhas sem descanço! Todos diceram ser uma verdade.—

Pag. 102—*v.* 23 *á* 25; *pag.* 103 *v.* 1.

. . . . . .—de quem ouvira,
Em que vertente limpida libára
Taes palavras esse homem, que por ellas
Achou á creação tão certa origem?

O espirito de incredulidade traçou, e julgou possivel pôr em pratica victoriosamente a sua conspiração contra o primeiro homem dos seculos.—A verdade é tão grande e eterna como Deos:—as armas da incredulidade tão fracas como os proselytos do seo falso tryumpho cahiram com o tempo, e

dispontadas pela rasão aproveitadamente esclarecida e meditadôra—e até ôje a realidade da divina missão de Moysés raia aos olhos do mundo tão pura e evidente como a Fôrça Infinita, que revestio-o do poder, com que elle, zombando de tudo, preparou o mundo para a obra de sua divina redempção.—E de feito— ninguem que sobre os livros sanctos ja consumio inteiras oras, e sobre elles meditou, e o que n'elles ha comparou com ás epochas differentes do universo— póde jamais convencer-se senão de que um espirito celestemente inspirado foi o que presidio á esse homem nas suas extraordinarias obras.

Deixando mesmo de aqui mencionar a occurrencia mysteriosa, que déo-se na sua infancia—basta lembrar o estado de idolatria do seo tempo, porque se conclúa que as doctrinas de Moysés não poderam senão partir da Omnipotencia Divina, que o dirigia—e que jamais poderam ser a combinação de obras anteriormente escriptas, e outras mesmo em sua epocha—ou parodia que d'ellas fizesse o immortal legislador dos Hebrêos—não:—o que elle dice, alem dos prodigios, que executava—nem um seculo conheceo por ninguem escripto — e entre os povos idólatras era apenas conhecido o romance entre os egypcios.

Pag. 107—*v.* 14 *á* 23.

. . . . . — Vira o Orbe,
E pela vez primeira assim tivéra
A mais justa das leis, a mais perfeita,
Que d'antes por ventura conceberam,
Deram homens na terra.—Grande fôra—
Legislando, Confucio—foi Licurgo
Famoso, qual Solon—como foi Numa:—
Em vão porem do Genio o alto esfôrço,
Profundo meditar, cabal sciencia
Tentára á perfeição—em cada um d'elles
Par á par co'o acêrto anda o delirio.—

O Decalogo foi a primeira e a maior das occurrencias que vio este mundo: — só dos Labios Divinos do Eterno emanariam tão harmonisados—tão perfeitos esses preceitos, que são em si o thesoiro verdadeiro e unico de toda a moral, em que pode assentar o bem legitimo, a ventura de toda a geração humana:—os fundamentos reaes da sociedade ahi estão solidamente estabelecidos pela Mente Divina, que se apiedou do mundo, fazendo-lhe n'essas doctrinas incomparaveis a doação de um bem perfeitamente Celeste.—A rasão humana sempre será nada, quando com esses artigos não traje as gallas do Divino Senso para de si produsir em utilidade do genero humano.—

De toda a legislação antiga do mundo collige-se que ouveram grandes cabeças—mas tambem depára-se com grandes êrros:—as leis não conhecem verdadeira harmonia—todas ellas differindo por tanto, entre si—rarissima combina com o que esteja estabelecido em outra.—Assim as leis do segundo Zoroastro—as leis Indianas, as Egipiciacas—as de Minos—as primitivas de Roma—as dos Gallos e Druidas—as de Pythagoras—são um contraste perfeito com os preceitos do Decalogo: cahiram com os povos:—a lei de Deos durará com os seculos.—

Solyma.—*Pag.* 109 *v.* 12.

Estado que fundou Moysés em um sertão esteril:—seu intuito foi digno d'elle.—Extremando um povo de todos os mais inçados do contagio da idolatria—quiz fundar o verdadeiro culto, e dar-lhe força com essas leis sanctas, que lh'a adquiriram.—

As eras foram vencidas pela perseverança da fé ensinada pelo seu famoso pregão—e de Solyma ella esplendêo para todo mundo.—Foi o bêrço da Religião do Crucificado.

CANTO V.

Em auge tão feliz já era o mundo,
Quando..... Mas atequi, Celeste Musa
Da Verdade, que ao seio luminoso
Do Ser Eterno inspirações bebeste,
E com ellas, de lá frechando os vôos,
Vieste enriquecer-me ás fontes do Estro—
Se, como sinto, ao Genio o esfôrço afraca,
E temo que, de todo estanque, ao Vate
No grande desampáre excelso assumpto—
Esse, co'o teo poder, alto e divino,
Esfôrço me alimenta—e novo sópra
Sacro fervor da Poesia á veia,
Que, abondosa, em prestar-se ao fim prosiga
Da minha audáz e sublimada emprêsa;
Que mais do qu'em tomal-a, grave e longa,
Em completal-a avultará a gloria.—
Bem vejo que da Patria o bem, que anima
O Genio, não é bem que a Patria o gose—
Que ôje entregue só á vil tristesa,

Baldo é que o filho seo n'ella discante:—
Porem, se o tempo muda, e torna á Patria
A dita á lhe sorrir, que tem perdida—
Certo não canto em vão, porqu'ella um dia
Resurja em lettras ricca e liberdade.—
Que tem qu'o, que á altas obras ao talento
Persuade, lhe dando fôrça e vida,
Premio, á diverso emprêgo destinado,
De laureo á ignorancia agóra sirva,
Seja do vicio e galardão do crime?
Longe de dar satisfação, dar lustre
A'quem o não merece, o premio avexa:—
O talento é a paga de si mesmo.—
Muito, e sem outro, que lhe iguale em prêço,
É o meo galardão, á mente quando
Dando este trabalho illustre e grande,
Sobre mesquinhos animos elevo-me,
Que vencidos do sordido interesse,
Honra, crenças, firmesa sacrificam;
E d'esse baixo estado, que os contenta,
Passam de innutil vida á escura morte.—
Que não venha a paixão, tyranna e céga—
De novo me affrontar, chamando culpa
Aquillo, que mais livre dêo-me o Eterno:—
No pensamento em mim não puna um crime,
Ao mais sagrado embóra excelso assumpto,
Dando um desdoiro á lei do qu'um direito.—

Ao Genio immenso, que lusio no monte,
Onde escripta a moral soou divina—
Succede Josué.—Da Mão Suprema
Do Infinito Creador dos Orbes
Tocado o seo espirito se amostra.—
Da Graça do Senhor o novo eleito
Cheio, em abroquelar prosegue o mundo
Do Barathro aos assaltos perigosos:—
Do seo sublime antecessôr ao zêlo
Faz fôrça em não mentir:—qual trovejára,
Trovejando tambem opposto aos impios,
Vencida a idolatria, enfia, e treme.—
Do Céo vem-lhe o ardôr, de que se abrasa;
E com elle os tropêços aplainando,
Que arma contra o mundo o inferno irado;
Da remissão por vir o mundo digno
Continúa á fazer—e digno d'essa
Primeira e sancta das virtudes todas,
Com qu'as gentes um Deos, Real e Unico,
Hade na terra unir, e irmanal-as.—

Firme em seo presupposto a Omnipotencia,
Em cumpril-o immutavel—quer no Orbe
Lingoas, que pela sua alto o proclamem,
E magnanimo, qu'é—esp'ritos, qu'ajam
D'elle nas almas com divino empenho
De o anhêlo avultar, puro e sublime,

Pela consumação.—Assim, no mundo,
Surdem homens, á quem o Eterno entre Anjos,
E homens lugar assignalou distincto.—
O véo, qu'entre os mortaes oppôz espêsso
E o porvir, o Senhor co'um Dêdo erguendo,
O quadro lhes confia, immenso e vivo
Dos vindoiros successos.—Quando os casos
Fieis trasladam d'elle aos olhos pasmos,
Qu'hão de horriveis punir um dia aos ímpios,
Igual lhes rompe a voz estrepitosa
Ao feio som do rio e temeroso,
Que, das hybernas chuvas engrossado,
Feroz transpondo ás espaçosas margens,
Alaga os plainos dos visinhos campos.—
Trôa então de Judá pelo peccado
Triste Jerusalem co'o horror punida
De nutrir-se da carne de seos filhos:—
Memphis trôa em seos muros abysmada—
Os edificios seos mudas ruinas;
Bastas as praças de bravio arbusto;
Sepulchro ella de seos habitadores.—
Babylonia, brasão de altivos reinos,
Não menos do qu'esplendida orgulhosa,
Gemendo inconsolavel destruida,
E misera dos seos deshabitada:—
Apagada do seo fulgôr estreme,
Jamais hade nos seculos erguer-se.—

Do que porem remir virá Divino
Do seo Eterno Pae creado o Orbe,
Elles os bens supremos explanando,
De duro, qu'é—em brando o som variam:—
Sonoroso murmurio é do arroio,
Qu'entre seixos alvissimos serpeia.—
Assim da salvação os dons subindo;
Mas os damnos aos impios predizendo—
De inspirados Amós, dos Isaias,
Dos Joél, Jeremias são as lingoas
Destemidas espadas, que tryumpham
Nos combates da fé—e conquistando-a
Inteira ao Céo, não deixam que no Orco
Satan blasone um átomo de gloria.—

Como assim tudo isto acontecêra—
Do resgáte universo á obra immensa
Predita, succedêo longo silencio:—
Era a Vontade Eterna origem d'elle.—
Deos, do seo Unigenito, inspirando
Aos que, p'ra vinda, o mundo dispossessem—
Quando de ao Orbe annuncial-o deo-lhes
O dom Celeste—d'essa dita ao praso
Reservou tal silencio:—entre os designios
Impenetraveis seos este envolvêra.—
Que nem convinha assegural-o ás gentes
Previa em seo Juizo a Providencia;

Que do tempo, que foi do alto augurio
De tão Supremo Bem ao gôso d'elle—
De sec'los quatro o remansado espaço,
Em que a predicção immudecêra—
Valêra em vulto dar, firmesa á crença—
De qu'o Céo quando avisa o Céo não falha:—
Quiz da fôrça provar não visto assombro;
Um Anjo annuncio dêo do homem forte,
E veio o homem forte—que á vil prêço
Adormentado Dálila trahira.—
Differem os successos na grandesa:—
Posto que o predicesse—o Céo em fito
Só do valôr mostrar tinha o prodigio
No, que dos Fylistêos assoite e aggravo
Tornou-se:—elle da fraca humana origem,
Do barro como todos descendêra.—
Mas na Essencia igual ao Eterno Padre,
Como Elle Creadôr—tão Infinito—
Divino o, que porvir estava ao mundo—
Tinha da obra completar magnanima
Do seo feliz resgáte:—a mudez longa
Dos orac'los, que á terra o prediceram,
Como o dispôz na Gloria o Omnipotente,
Urgia á magestade do successo.—
Só cabe ao Ceo prever futuros casos,
Conjecturar aos homens.—Não dêo brado
Ninguem—nem tempo assignalou seguro

Antes que um Alexandre, que nascesse
Um Sesóstris, um Cesar, um Cambyses,
Que ao Orbe, de conquistas fervorosos—
Os confins co'ardua fama devastaram.—

Porem na profundez do eterno abysmo
Satan, em quem referve—á quem conturba
A ira, com qu'ao Céo revél detesta,
E que lhe avulta mais, quando arriscada
Pela causa do Ceo suspeita a sua—
Assim, qual certo é, pensar não póde :—
Perdidos resgatar negros intentos
Libra n'essa mudez; seguro conta,
E de contal-o paga-se—que valha
Ella em arrefecer, de toda extincta
Nas almas a feliz tornar esp'rança
Da remissão futura—e qu'apagadas
D'ella os puros clarões, que ás illuminam—
Vôlva de trevas cortejado o êrro
A' abafal-as de novo; e que de novo
O delirio fatal avassalando-as—
Possa ao culto pendêl-as, impio e leve
De Idolos á dôr, á magoa surdos,
A' sorte dos mortaes indifferentes.—

Cégo!... Aos do Céo vencer, do mundo em pêrda,
Cuida qu'hão de Satan seos duros planos.—

No turvado conceito não lhe assoma
Que a Fé, como a semente, que ao terreno
Por mão, que assidua o lavra, confiada,
E da propria estação favorecida,
Como que desabroche ao dado praso,
Viceja, e vinga, em fructos abondosa—
Nas almas, á quem dêo feliz amanho
De Deos por voz dos seos a Dextra Immensa,
Progredirá fecunda.—Contra o quente
Infesto bafo de revéis esp'ritos,
Do ethereo assento seo lhe accóde o Eterno
Co'almo, aviventadôr, frequente rocio.—

Em tanto que do mundo a Providencia,
Immutavel, no Céo o bem dispunha,
E Satan contra o mundo em vão tramava—
Co'apupos gente Hebréa, por esteril,
Na terra uma mulher dissaboreia.—
E de sêl-o, em que justo era um capricho
Não seo, porem pagar da Naturesa?
E n'essa infecundez iguaes á ella
Quantas entre esse povo existiriam!
Mas, sem outros ferir, n'ella somente
A pungente irrisão se desfechava.—
Assim de lá de cima é que os decretos
Soberanos, ás vezes, do Immenso
No animo insinuam-se dos povos.—

Então essa mulher com dôr e pêjo
Soffrendo o vil ridiculo das turbas,
Não resta-lhe ao, que d'elle um dia á vingue
Esperança nem leve.—A mão do tempo
Quebrando-lhe o vigôr, murchando o viço
Dos annos—lhe apagando o vivo ás graças
Do rosto—e lastimando-lhe do garbo
Os encantos—havia-lhe accintosa
Cerrado o tóro á recatados gosos.—
Qual todos, que no mal se desenganam
Dos recursos do mundo, o Céo fitando,
Para quem tudo póde, e tudo ordena
Seguro appêllo pôem—tal, supplicante,
Alçára pesaroso ao Juiz Supremo
Essa mulher o coração.—Ouvio-a;
E por forma ao desejo deferio-lhe
Como ella não cria, e nem cuidava;—
Que de todas mulher a mais ditosa,
De todas mais ditosa uma menina
Do ventre á luz sahio de Anna bem-dicta.—

N'este caso, em qu'o Céo se manifesta,
Vê-se como não era o, de qu'a apoucão—
Deffeito natural, mas lei de cima:
De modo que de Deos por mando occulto
O utero fadado á qu'encerrasse
Quem o Verbo Increado encerraria,

Não era de crear profano fructo.—
Porem sem que o Celeste imaginassem
Aresto, que á alcançar Celestes cousas
Pequena sempre fôra a humana esphéra—
Não sabiam que um fructo só de Anna
Ao mundo, á geração excederia.—
Assim, em quanto ella entre as mulheres
Prêsa á um só consorcio era julgada,
Por dita, que lhe o Ceo guardada tinha,
Em outro com o Ceo unida estava:—
N'aquelle, em que juntou-a o mundo ao homem,
Qu'ella reprodusida em fim não fôsse
Determinou quem tudo determina;
Porque, como á nem uma, em gráo supremo
O titulo de Mãy como estivesse
Ao Céo p'ra conferir-lh'o reservado,
Só lh'o daria o Céo, como lh'o déra,
No sem macula havido excelso fructo,
Que o tinha em si disposto:—na virtude
Maravilha em candura e gentilesa.—

Pompa de altas ficções na culta Grecia
D'ella os engenhos immortaes ostentem;—
Nem sobre o que sonhou se mais sonhára
N'ella pasmosa a fantasia e varia:—
Quando, ao genio transpondo á esphéra ousado,
Não farto de attestar talento e arte,

De uma e de outro o primor em Phryne alegre,
Na estatua, que o desejo exprime, e inspira-o,
Sentada Vesta—e com qu'outr'ora ornados
Do grande Tito os paços blasonaram—
Na mente revolvendo extremos novos
Brotasse-os de bellesa eterno Scópas:—
Nem o que o mimo do ideal em Juno
Expôz, famoso, de Agrigento aos olhos,
Mais brincadas feições imaginasse:—
Não em Ténedo Helena, após as lastimas
De Illion, quando o pé mimoso move
Em dôce distracção ao mar visinha,
A vaga o movimento suspendendo
Pasmada contemplava-lhe os encantos:—
Nem quanto lhe ferio olhos illusos
De formosura ao, que dêo leis e ordem
A' denodada Sparta, quando cria
Ver no Eurótas disfarçada em Pallas
A Deosa dos Romanos protectôra:—
Não Susana e Esthér, não de Tobyas
A, por extremo bella, esposa—nada,
Ou fôsse imaginado, ou verdadeiro,
O alto mimo, graças, formosura
De Nasareth á Ave pleiteára.—
Deos, attentando ao fim p'ra qu'á formava,
Pela primeira, assim qual vio-a o Eden,
Antes que o pomo cobiçasse infausto,

No rosto alardear do Ceo a copia—
Da remissão a Eva modelára.—

Orgulhosos de nós, em tudo quanto
Pensamos segurança presumimos:—
Cégos, porem que o somos não cuidando,
Certos nossos juizos, evidentes,
A's vezes, dentro em nós quanto mais cremos
Tanto mais distam elles da verdade:—
Ha casos, que direitos entendendo
Julgal-os, do que d'elles deduzimos
Vai perdido o theôr:—sem que o atine
Nossa fragil rasão, anda com elles
Segredo lá de cima, occulto e grande.—

Em eras como essas já tão longes
D'aquelle humilde obreiro a virgindade—
Tal virtude n'uma alma, que em mantêl-a
Todo pôz seo brasão em afagal-a,
E onde a disputar-lhe á feliz posse,
Affrontal-a co'assedio perigoso
As impúras lembranças nunca ousaram
De passageiros, sensuaes deleites—
Tal virtude—que innutil, que vão tymbre,
Que vão comprasimento, e não fundado
Capricho—ostentação méra de vida,
Que furtivas delicias desdenhando,

Nem um prêço lhes dava—quantos n'elle,
Desattentos que erravam, não lh'a creram!
Mas esse homem, á quem jamais desvairam
Da feia impudicicia os breves gosos,
Na virtude, que heroica nutre n'alma,
Como á elle accontece, ninguem sente
Que ao destino do Céo obedecia.—
Ella, e da vida sua o humilde estado
Eram alvo, em que, fraco, o humano senso
Seguro não feria:—altos principios
Da terra lá na Gloria se prendiam
Do Eterno Poder ao plano immenso.—
Deos, que d'essa virtude o amôr sobre elle
Do Ceo tão efficaz lh'o propendia—
Co'esse amôr, como urgia-lhe, dispunha-o
Para o brasão fruir o mais formoso
De quantos já no mundo homens gosaram.—
Puro garfo do tronco, que altas culpas
Co'arrependidas lagrimas lavára—
Eleito pelo Céo attento Guarda
Da Virgem, de David progenie sancta,
Se como espôso á ella o Ceo junctou-o,
Constante Guarda immaculado véla
José somente á, que em vergéis colhêra
Divinos—Rosa Mistica—o Eterno,
E ao Mundo a descêo predestinada:
Fôlha excelsa e primeira qu'Elle ao Orbe

Desenrolou d'essa Epopeia immensa
Dos prodigios Christãos.—E assim purissimo
Sob o Celeste auspicio o par vivia.—

Não todos—mas alguns—porque profundo
Golpe lhe abra no impio presupposto,
Com que contra elles tente o negro Lucifer,
Dos seos projectos Deos dá que no Barathro
Sôem.—Sabe-o Satan o fim excelso
Dos dois excelsos Conjuges.—Ou seja
Qu'elle em seo desatino por seguro
Tenha o que para logo atróz concebe,
Ou seja que á surtir no effeito iniquo
Sinta mesmo importar-lhe aventural-o—
Porque, escravo á culpa, escravo ao homem,
Para o mundo remir—o Eterno Verbo
Na Virgem não encarne, e homem nasça—
O plano traça, temeroso e duro
De a puresa immolar do par divino.—
Satan, porqu'o intento encha torpissimo,
No Anjo estriba da fatal volupia;
E do solio, em que tal ruinoso urde,
D'esse Demonio á furna se arremessa.—

Onde têrmo não tem nem dôr, nem pena,
Poisada, aonde os ais, nem prantos cessam,
E sôam sempre em vão gemido e queixas—

Entre as cavernas lugubres, que existem,
De todas mais medonha uma se rasga,
Que habita da volupia o Archanjo infausto.—
Pendula negra infusa, um ferreo caitre
É tudo o que contém.—Em frente um lago
Demóra-lhe fervente e denegrido
De sordido, atrocissimo veneno.—
Foi d'esse Anjo ao poder que d'esse lago
As vertentes horrificas outr'ora
Em Gomôrrha e Sodóma rebentaram,
De que embriagadas succumbiram,
Da maldição do Céo feridas ambas.—
Tragos dando á libar d'esse veneno,
Esse espirito em Roma precedia
De Diana os festejos:—infiltrando-o
Nos animos—ao ultimo requinte
Elle a devassidão levára, quando
Na ovação immerita que ao improbo,
Cruento Néro Tigellino rende,
Faz qu'entre outras meretrizes núas
Núa accôrra igualmente desenvôlta
A mór nobresa feminil de Ausonia.—
Co'a limpha corruptôra o Anjo impio
De muitos reis á purpura alagando,
Tem-nos feito antepôr ao bem dos povos
Prazeres de brutal incontinencia;
Que mais do que em si no gôso attentos

Da venérea paixão, que tanto os céga,
Esquecidos do seo, no d'ella intendam
Maior poder, á quem vassallos sirvam:—
Em tanto que atolados na torpêsa
Enrêdos feminis na vida os mandam,
Sem direito importar-lhes, nem justiça;
N'elles um dia dos vexados povos
Pune a tormenta o que a moral soffrêra.—
No feio lago do licôr impuro
Fatal embébe perigosas settas,
Que enfeixadas do tóro á furto esconde
Entre as roupas, que o cobrem:—uma á uma,
Com ellas á mulher depois ferindo,
Não paixão, crime horrendo, amôr adultero
Leva-lhe ao coração—e porque ella,
Quebrando os votos, perfida trahyndo
Do consorte á singéla confiança,
N'alma, á que desleal fôra por outro,
Dá que em vez de praser angustias reinem.
D'esse negro veneno é que os enganos
O Archanjo atrocissimo repassa,
Com qu'arma a perdição á incauta virgem:—
D'elle inçado o hypocrita—é que ao tempo
Que acatar na donzella á honra finge,
Triste á devassidão insano a arrastra.—
Nem o infando tentador esp'rito
Da limpha corruptôra o sacerdocio

Guardado deixa.—A' muitos d'este sancto
Emprêgo, co'essa limpha, nos deveres
Sacros desaccordando, que lhe incumbem,
Fal-os que, ao bem, e da Igreja á ordem,
Quanto aos costumes publicos contrarias,
Tanto ás profanações amem, que seguem,
Que d'ellas, á moral, ao pejo alheios,
Com tôrpe ostentação impios se ufanem.—

Do fôgo eterno ás ondeantes lavas,
Rios transpondo amplissimos de lagrimas—
Chega á funebre gruta o Rei dos reprobos.—
No duro leito recostado o Archanjo
Fatal, refocilando parecia
Dos causados desastres:—não lhe ratam
Nadando em vivo lume os olhos—n'elles
Esse amortecimento apenas tinha,
No rosto leve assomo d'esse fôgo,
Que interno lavra—naturaes indicios
Da funesta paixão que symbolisa.—
Com elle frente á frente o seo Dynasta
Vendo, se alça da volupia o Anjo—
E o, que ali o movêra—attento aguarda.—
Satan, com estas vozes, que do peito
Lhe veem rompendo—assim ao Anjo falla.—
—Potestade—de quantas n'este abysmo
—Rege-as o meo poder, á quem se curvam

—A' mim, por mais fatal— mais chára e util :—
—Tú, á cuja influencia tem no mundo
—Em sangue se banhado agúdo ferro;
—Que estreitos laços da união das almas,
—Que honradas, virtuosas se queriam,
—Tens podido afrouxar com mão tyranna;
—Que no seio de miseras familias
—Tens da ventura envenenado o gôso,
—Accendido a discordia; e entre povos
—Tens ateiado assolador incendio :—
—Tú, de crimes e horrôr fecunda origem,
—A' quem por inauditas culpas devo
—D'almas a mór porção aqui punidas :—
—Na prompta execução de urgente plano
—Apraser só me pódes.—Este reino
—Quem vença, em meu desar, com leis, que plante,
—Com doctrinas, que funde em bem do Orbe—
—Libra em ti não haver, como que inteiro,
—P'ra isto—ao meu poder o teo ajunctes.—
—Vai—e do mundo no lugar, que habita
—O par, de quem sem macula na carne
—Hade vir á nascer o Deos predicto,
—Poisado sejas, d'esse par corrompe
—A' innocencia feliz:—certa a victoria,
—E maior a teremos; pois que o filho
—Do Eterno, que á salvar se apresta o Orbe,
—Nascer não poderá de ventre impuro.—

Tal do Orco expressou-se o rei tremendo;
E dobrado ao preceito o impio Archanjo,
A negra infusa desce; ao negro lago
Toma o veneno atróz, que n'ella encerra,
E subito á Judéa arranca iniquo.—

Tinha, e á muito já, da terra á face
Delio o seo rosto esplendido occultado,
E o plumbeo sceptro a estrellada noite
A's oras estendia dominando,
Em que descanço os trabalhados corpos
Aos lassos membros dão.—José dormia
Sereno como em leito perfumado
Repoisára no Ceo, se lá dormisse.—
De venturosa paz entra o asylo
O espirito fatal:—se aproximando
A' José—em um sonho sob aspecto
De quem pendido ao bem de um bem lhe avisa,
Afigura-se, e diz-lhe:—Em alto prêço
—Tens de sancta virtude um vão capricho;
—De frouxo te murmúra e trouco esteril
—O povo, que te olha.—Em qu'aproveite
—Estranha assim em homem tal puresa—
—Falso heroismo chama, que te illude;
—Existir, e morrer sem ter vivido.—
—Fóge ao apêgo d'esse tymbre innutil;
—De amôr nos laços recupéra á vida

—Quanto á ella has negado: a só ventura,
—E unica, de amôr nos laços libra;
—Nem ao par abençôa o Céo, que ao meio
—De dar prole se escusa.—Hoje ligado
—A'quem, exemplo de bellesa, inveja
—Tudo, qu'ha de mais alto em formosura—
—Do qu'insuspeito, te aconselho pódes
—A verdade sentir n'um gôso apenas.—
Assim fallou o perigoso esp'rito
Da funesta volupia—e, prompto, aos labios
Chegando de José a negra infusa—
Verte-lhe d'ella o tentador veneno,
E volve ao negro, pavoroso abysmo.—

Deos, que velava attento o homem puro,
Logo á elle Uriél do Céo dispéde
A' destruir do Orco o féro damno.—
Ao leito de José unido o Anjo—
Pelas entranhas corruptôra a lympha
Já se lhe actúa atróz;—no somno incerto
Um brando rosto de não visto encanto
Afagar se affigúra.—Ao coldre eburneo
Do casto amôr tomando então o Anjo
Uma aurea fléxa—de José no peito
No ponto, em qu'a embébe—elle disperta
Salvo á traça infernal—e vê que a pluma,
Que ligeira do Anjo ás mãos lhe escapa,

Era o brando objecto, em que tocava.—
Do temerario intento o Céo tryumpha,
E Satan, por perdêl-o, irado brame.—
José, qual sempre foi, prosegue puro;
Pura a Celeste, Divinal Maria,
Como lua de estio reflectida
Em cristalino lago—e innocente
Como pomba, que afaga o filho implume.—

Depois que tudo isto era passado,
Como estava do Céo disposto á muito,
D'essa mulher no ventre, que sublima,
Como o dirige o Céo, entra, e encarna
Quem já do Seio Eterno era nascido.—
Da gran ventura um Anjo á esposa avisa;
Ao esposo outro da Gloria mensageiro
Vem depois, e do caso inteira immenso.—

Não é que de orgulhoso poderio,
Cesar, pela idéa então vencido,
Por um edicto seo recenceados
Quer os povos, que á Roma pertenciam:—
Mais que humana vaidade, que o effeito
Das fôrças conhecer, que rege, e manda
Quem quasi todo mundo possuia,
Occulta influição do Ceo beni'no
N'este seo presuposto o guia, e move.—

Segura, como é, por varias causas
Chega ao fim que dispoem a Providencia :—
No que César resolve Ella confirma
O qu'oraculos seos então diceram.—

Cada qual no lugar que origem teve
Prompto acóde á alistar-se.—O longo estadio
De Nasareth áquelle, em que a ouvéra
Tem o par de vencer.—Apercebida
Sobre o proximo horóscopo Divino—
Ao seo unida áfortunado espôso,
Eil-a em caminho a Candida Maria.—
A' ingrata extensão pisa tão firme
E d'ella isenta a delicada planta,
Qual se ella mimosa a deslisasse
Em verde chão de aveludado arbusto :—
Vida em tudo, que vê, encanto influe
Co'as graças, que o semblante ornam-lhe puras :
Nem leve apenas lhe o caminho affronta,
Que pequeno de longo lh'o fazia
O fructo, que no ventre ella encerrava.—
Decorrida a distancia—alfim a terra
Aonde nado foi David o sancto :—
Era toda Belém um mar de povo;
Um só poiso não ha, em que se abrigue
O par Celeste.—Da cidade em fóra,

Obra tôsca das mãos da Natureza,
Uma gruta se rasga, em qu'era d'uso
Coitarem-se dois brutos—e onde ambos
Seo grosseiro sustento ruminavam.—
Ali, quanto lhe baste, e como era
Do mais alto Poder determinado,
Asylo co'o esposo achou Maria,
Do tumulto arredado.—Meia noite
Do vigesimo quinto do mez ultimo
Do anno—e era já ante essa gruta
Nada o Universo, suas pompas nada,
Nada todo o poder dos reis e faustos,
Nada era a grandeza, o orgulho do homem.—
Em tôrno d'ella em conformado accento,
Com que humana voz jamais se iguala—
Gloria á Deos nas alturas—e na terra
Paz de bôa vontade aos homens—cantão
Mimosos Cherubins, annunciando
Que tanto para o Ceo, como p'ra o mundo
Tudo quanto ha de Immenso ali se achava.—

Memorando lugar—ditosa lapa!
Em quanto ao maior bem não fôste o bêrço,
Dos homens esquecida, e despresada,
Grata apenas aos brutos, que asylavas,
Nem de longe á rasão fôra suspeito,

Que pelo o, que o espaço te occupára,
Mais excelso espectac'lo—tú, vencendo
Gloriosa do mundo o fôfo alarde,
Confôrto o mais saudavel, só, e unico
Serias para o triste, á quem sopeam
Os caprichos da sorte.—Co'a lembrança
Em ti—o que de bens despossuido
N'este mundo ficou—pesar-lhe a magoa
No semblante não sente, quando um filho
Vê nascer-lhe no canto do infortunio,
E envolvido nas roupas da miseria
A' desvalida mãy pender do seio.—
Em ti co'a idéa, satisfeito, á cava
Entra da rocha, e n'ella repoisado
Bem diz sua fortuna o que se escápa
A's vinganças da séva tyrannia.—

Ali pois de Belém n'aquella estancia
Estampada na fronte ao Verbo Eterno,
E Virtude, em que toda hade Divina
Assentar a missão, que o trouxe ao mundo—
Raia co'Elle nascida a—Charidade.—
Nada antes contava o inteiro Orbe,
Que valesse um tal bem.—Quantos haviam
Por cabaes no saber n'elle avultado,
Nos vôos, que o engenho disferia,

Co'esse bem nunca deram.—Muito acima
Da esphéra atilada dos que ouveram
Filosofia e leis creado á Grecia—
Dos Cecrops e Licurgos no profundo
Meditar—e assim dos Aristóteles,
N'altas combinações nunca dos Socrates
Um raio só de sua luz estreme
Descartára de si essa virtude:—
Co'ella nunca atinou o agudo genio,
A sciencia de Ortencios e dos Ciceros: —
Apenas entre o quanto se ideára
De proveito aos humanos—nascimento
Ao que ufana chamou—beneficencia,
Déra a Philosophia presumida:—
Creou—mas uma acção, e não virtude;
Tem ella no orgulho a sua origem—
No coração a sua a—Charidade.—
Depois d'elles porem, mais do que elles,
Mais do que o mundo, igual só á Si si mesmo—
Quando d'elles a fama havia os nomes
Já por todo o Universo apregoado—
Quando já dos seos Porphidos vaidosa
Tinha n'elle explendido Alexandria,
E a soberba Corintho esmêros d'arte
Blasonado, que o fausto lhe compunham:—
Quando de verde cinta de Oliveiras
Do Hyméto amostrando-se donosa

Athenas entre pompas, sobre o palco
Sophócles declamado ella já tinha,
E Roma inda pasmava co'as Arcadias
Magestosas de Livia—de altos quadros
Dos mais inclytos Genios guarnecidas—
O homem, que primeiro ousára entre homens
Deos chamar-se—da Gloria descendido,
Filho como seo Pae Eterno e Summo;
Foi quem pôde somente essa virtude
Aos humanos legar.—No Seio Immenso
Da Creadôra Fôrça ella encerrada
P'ra o fim, á qu'a destina, immenso e unico
Do resgate Universo—não coubéra,
Do homem á rasão fôra impossivel
Attingil-a, e brotál-a.—Então na terra
Aquelle, em cuja voz soára ella,
Que a plantou—e com ella grandioso
A redempção prefez—de tudo acima,
Deos, qual se elle chamou—fôra por certo :—
Deos na corôa do Abrarim orando,
Ou no monte pregando, e desferindo
Luzeiros de Celeste sapiencia,
Como jamais no mundo ouvéra homem
Que igual, por mais profundo, a proferisse—
Deos quando ás auras que perdêo da vida
Lásaro restitúe—Deos tryumphando
No Gólgotha, ou no carcere que d'elle

Demorava em caminho, ressumbrando
De um sobre-humano ser a paciencia,
De pungente cingida a fronte excelsa
Diadema de espinhos dolorosos :—
Deos no combro Calvario, quando aos impios,
Que o perseguem incredulos, a duvida
Delindo sobre a sua Omnipotencia,
O martyrio da Cruz—n'ella, como homem
Não..... porem como Deos soffre, e expira.—

Co'o sangue, que do mundo em bem vertêra,
Dêo p'ra o mundo á esse dom uncção eterna;
D'elle em fazêl-o venturoso herdeiro,
A vida como homem lhe custára :—
A missão, á que veio, e que exerceo-a
Na terra como Deos—toda ella fôra
O uso d'esse dom, esse dom mesmo:—
Com elle á seo Eterno Pae subira
A raça pela culpa degradada :—
Esse amôr, que devemos-lhe remidos,
E só o, qu'ha de grande—é a—Charidade.—
Fóge á ostentação como elle humilde,
E co'elle n'uma gruta ao mundo vinda—
D'elle a Immensidade compendia
Tal virtude na terra.—Annel seguro
Em qu'o Deos do Thabôr, Heróe do Gôlgotha

Como irmãos aos viventes estreitára.—
A grandesa dos bens, de qu'é fecunda,
O que val por sublime essa virtude
Só sente o coração, quando a pratica.—

Fim do Canto quinto.

NOTAS DO CANTO QUINTO.

Pag. 122—*v.* 22 *á* 27.

Que não venha a paixão tyranna e céga
De novo me affrontar, chamando culpa
Aquillo, que mais livre déo-me o Eterno—
No pensamento em mim não puna um crime,
Ao mais sagrado embóra excelso assumpto,
Dando um desdoiro á lei do qu'um direito.—

Refiro-me á perseguição que soffri quando responsabilisou-se-me em juizo pelo primeiro poema, que em minha vida animei-me á compôr.—

Ninguem haverá, que, tendo abraçado á profissão de litteratto—a mais nobre e deleitavel, que por ventura conheço—lendo muitas, ou algumas das producções de escriptores diversamente perseguidos, não saiba que ao homem de lettras é fiel a remeniscencia do martyrio, porque o fizeram passar—e que d'esse martyrio não se aqueixe em alguma de suas composições—ou que não respire em quase todas a lembrança do seo soffrimento.—Assim em Camões, por exemplo—d'esde muitas de suas producções até o eterno—*Lusiadas*—vê-se, e tambem sente-se como são seos pensamentos, em grande parte, repassados de uma sensibilidade e dôr com a idéa viva na persiguição injusta e iniqua, de que o fizeram victima, porém sempre nobre e resignada—o odio mesquinho da inveja, o preconceito ridiculo da aristocracia estupida.—

Fazer-me excepção da regra—e no meo novo poema abafar essa recordação dolorosa do muito, e injusto quanto iniquo que me fizeram soffrer por motivo da—*Escapúla do Diabo*—, eu não podéra, nem o devera jamais.—Ainda ôje supporto com

animo superior os effeitos d'esse absurdo inqualificavel, com que n'este seculo em um paiz, que me garante pela primeira de suas leis—a constituição—o uso do pensamento, responsabilisando-me legalmente pelo abuso, traçou-se, e levou-se ao cabo contra mim essa vingança pequenina, que indignou á todos os homens generosos e reflectidos.—Filho porém da religião das grandes verdades—já perdoei á todos esses animos leves e vingativos, que esse iniquo soffrimento me armaram—e por que o Divino fundador d'essas doctrinas pelo Christianismo no suplicio do Gólgotha ensinou-me a perdoar.—

Pag. 126—*v.* 7 *á* 10.

Quiz da fôrça provar não visto assombro;
Um Anjo annuncio dêo do homem forte,
E veio o homem forte—que á vil prêço
Adormentado Dálila trahira.—

Está entendido que fallo do homem forte da Escriptura.—O nascimento de Samsão foi prognosticado pelo Céo, e um anjo o fez primeiramente á sua mãy—que dizendo-o ao marido, este o não crêo, desenganando-se depois que lh'o anjo affirmára.—Ao prognostico seguio-se a realidade, que não podéra falhar—e os Phylistéos batidos por esse phenomeno de fortalesa, não poderam jamais atinar com o principio, de que procedia toda essa fôrça, com que Samsão victoriava sempre d'elles.—Que estava ella em os seos cabellos, e que tanto, ou sobre tudo é o Céo—que para realisar qualquer de seos prodigios fal-o por forma, e como é rasão depois surprehende—não podiam conceber, e acreditar os Phylistéos.—O muito amór que á Dállia tributava Samsão—vencéo-o á que lhe revellasse, como desejava ella, e muito—o mysterio da sua fortalesa:—o que ninguem sabia—ella chegou então á alcançar.—Depositaria Dállia de tão importante e grave segrêdo—quando Samsão confiava na sua fidelidade—acontecêo que á fôrça de vantajosos interesses conseguiram os Phylistéos corromper á essa mulher sobre o mysterio que occultava—e ella adormentan-

do ao marido, foram-lhe os cabellos cortados—e á perfidia d'essa mulher deveram os Phylistéos enfraquecer, e acabar a fórça do seo maior inimigo.—

Pag. 126.—*v.* 17 *á* 18.

. . . ? na Essencia igual ao Eterno Padre,
Como Elle Creadór—tão Infinito.—

Não basta dizer que se tem lido para d'ahi tirar-se a inferencia de que em tudo se póde fallar, e tudo julgar:—ha pontos de questões, sobre os quaes o espirito ou vacilla, ou erra, uma vez que não tenha sobre elles um estudo essencial, e meditado:—aqui temos um ponto, que precisamente prende-se á este principio que exponho.—Litteratos são muitos, e d'esses muitos ha quem se admire da infallibilidade de certas cousas:—ha quem duvide ainda que Jesus Christo podesse ser, ou seja Creador como seo Eterno Pae.

Sem duvida que óje para muitos é questão decidida pela affirmativa, acceita, e seguida como verdade incontestavel.—Porem para quantos escreve quem o faz n'este mundo? Muitos não serão jamais peados pela duvida—outros litteratos dirão que errei:—indispensavel é pois que eu diga que não, e que tambem por minha vez o prove.—Méro ente e puro como já fôra considerado pela filosophia de então, não é Jesus Christo.—Pelo preceito—*Omnia in ipso constant, sive quæ in cælis, sive quæ in terris*—deduz-se evidentemente—que sendo o Verbo consubstancial á Deos, e sendo o caracter de sua substancia, e de toda a eternidade gerado, e que n'elle está a plenitude da Divindade por essencia—Filho, que não differe de seu Pae—que déo nascimento aos Céos como aos seculos, e á quem devemos tanto o movimento como a vida—Jesus Christo, em quem se encerra o mundo fisico, e assim o mundo moral—em cujo seio traz a gloria, a bemaventurança e a eternidade—é o Ente essencial, que á tudo presente—une por excellencia tudo, e não poderamos existir sem Elle.—

Quando tudo era confusão, e que seo Eterno Pae não havia ainda dado ordem á ella para d'ahi tirar o mundo, Elle nos diz pela Escriptura que—já estava gerado; e mais ainda, que as nuvens achavam-se sobre as corôas das montanhas suspensas pelo Creadór—e quando apenas impunha ao mar as leis, que lhe prescrevêra—presente á tudo era Elle. D'aqui procede o juiso de Tertuliano, dizendo que Deos Padre antecedera-se nas feições de seo Divino Filho antes que traçára ás do primeiro homem—e igualmente dimana d'ahi a presumpção de Scott e Malebranche sobre Elle incarnar independente mesmo da culpa do primitivo pae afim de que tornasse o mundo um feito digno do Eterno:—mais se incrementa esta verdade, se attendermos, como cumpre, as palavras de S. Paulo, dando a Jesus Christo como tudo tendo feito sobre a terra e sobre os Céos.—

Assim pois cabe á rasão geral reconhecer ao Messias não só como Redemptor, mas ainda como Creador; e quando á isto se não cedesse—occorreria a grave circumstancia de tornar-se impossivel a interpetração das passagens de S. João Evangelista, fallando do Verbo como existente em tudo, como tudo tendo feito:—*Omnia per ipsum facta sunt, et sine ipso factum est nihil.*

Estou certo de que tenho sustentado tão importante ponto como é permittido nos acanhados limites de uma nota; e vale para não tomar-me de receio por qualquer contestação, amparar-me de auctoridades, quaes as tão eminentes, que ficam citadas.—

Questão brilhante e tão evidentemente delucidada, eu me dispensára mesmo de reprodusil-a, restringindo, se não fossem as gentes de muitos *escrupulos*—e mesmo para esses bastava em muito poucos termos lembrar-lhes que em pontos de fé não ha duvida—e que tudo aquillo, por tanto, que está fóra do mundo, unicamente pertencendo ao Céo, é mais para crer, e seguir, do que para theses:—para tudo ha contestações—e a verdade de tudo, que se liga immediatamente á Deos, tem a prova em si mesma.

Pag. 131—*v.* 1 *á* 4.

. . . . . Phryne alegre,
. . . . estatua, que o desejo exprime, e inspira-o,
Sentada Vesta—e com qu'outr'ora ornados
Do grande Tito os paços blasonaram.

Na emposta, que a cavalleiro elevava-se do Circo na antiga Roma, de ricos paços destroçados de Nero, aproveitou Tito lavrar o seo palacio.—

Esse palacio foi um apuro de gosto e luxo, aonde obras estremes da Grecia eram vistas com admiração, como eram admirados igualmente salões com primorosos embutidos de marmores Eóos —Tudo de maravilhoso ali não faltava:—Hermes de Zenódoro roubado á Arverno—e, afóra o mais, ali estava a formosissima Phryne, tendo á seos pés a Leôa deslingoada, symbolo agudamente imaginado da sua fidelidade para não trahir á Harmodio, e nem ao seo companheiro—Aristogiton:—a estatua do desejo—Vesta—e Marte repousado—obras, que abonavam o original e eterno talento de Scópas.—

Tudo tem a sua crise de infortunio! Esse mesmo palacio, assim adornado, foi depois o asylo do monstruoso Galério—que lhe póz de mais o bronzeo touro de Perillo.

Pag. 131—*v.* 7 *á* 8.

Nem o qu'o mimo do idéal em Juno
Expóz, famóso, de Agrigento aos olhos.

Zeuxis:—tão feliz foi na concepção do seo painel de—Juno,—que, effectuando-o com igual sorte, parecia que houvera dos Agrigentos moças núas, pelas quaes o modelára nas suas maravilhosas perfeições.—

Pag. 131—*v.* 10 *á* 11.

. . . em Ténedo Helena, após as lastimas
De Illion—&c.

Depois de deploravelmente destraida Troya, Helena, cuja

formosura, como refere a historia—déo lugar ao seo rapto, de que proveio essa guerra vivissima, e longo assedio de Troya, e em que no mundo provou-se como nunca a destimidez dos Gregos, até que em suas proprias cinzas envolveo-se aquelle bérço de heroismo estreme—Helena, estando em Ténedo, aqui entretinha-se roubando conchas ao mar.

Pag. 131—*v.* 15 *á* 19.

Nem quanto lhe ferio olhos illusos
De formosura ao, que deo leis e ordem
A' denodada Esparta, quando cria
Vêr no Eurótas disfarçada em Pallas
A Deosa dos Romanos protectôra.

Foi Licurgo—que, illudido por mentirosa ficção, crêo vêr no Eurótas Venus disfarçada em Pallas, dando as manilhas ao rio.

Pag. 131—*v.* 21 *á* 22.

. . . . . de Tobyas
A, por extremo bella, espôsa—&c.

Sára.—

Pag. 142—*v.* 5 *á* 8.

Cada qual no lugar que origem teve
Prompto acóde á alistar-se.—O longo estadio
De Nasareth áquelle, em que a ouvéra,
Tem o par de vencer—&c.

É corrente a noticia do edicto de Cesar Augusto para o recenceamento dos povos, que perteneiam ao imperio Romano.

—Cada um devia de alistar-se no lugar de que lhe vinha a origem.—A Virgem Maria e S. José, procedendo de David, que havia sido nado em Belém—acudindo ao cumprimento do edicto, embóra os Hebrêos fossem governados por um rei particular, que era Heródes, mas constituido pelos Romanos—partiram de Nazareth, aonde habitavam—cidade da provincia de Galiléa, para Belém, pequena cidade da Judéa, distante vinte quatro legoas de Nazareth, e duas de Jerusalém.—

CANTO VI.

Vencido, e conculcado então no Orco
Pelo Deos, que tryumpha—embóra trame
Contra o Orbe Satan—essa virtude
Que ao mundo, que á seo damno resgatára—
Preciosa do Ceo trouxe o Messias—
A' muitos desamal-a, e com iniquas
Obras, d'ella fasendo impios contrarios:—
Embóra..... Do Averno o rei tremendo,
Qu'almas, como lhe praz, co'o que revolve
Côlha, e juncte ás que o fôgo eterno cevam—
Mal grado seo, do Ceo á Potestade
Hade sempre ceder.—De destruido,
De aniquilado em vez—sobrepujal-o
Hade victoriado, e sempre immenso
Aquillo, que da terra em Deos se prende.—

Ante as aras pagans despida a espada
Sem que receie, e tema quem negando
Pelo Deos verdadeiro incenso á Idolos,

Dá, constante, a cerviz aos fios d'ella:
As, que os postes impavidas encaram,
Gentes, que á elles barb'ros atam nuas,
Castigo, que á infamia une a torpesa,
E que, firmes á fé, o extremo alento
Quebram da existencia aos duros tractos:—
Sem qu'a constancia afrouxe, ou que se extinga
Para co'á lei do Redemptor sanctissima—
As soffridas cruesas com qu'o Ponto
Martyrisa, e dá morte;—o lento fôgo
Com que Mesopotamea alonga a pena;
O cutéllo da Arabia—o derritido
Chumbo, que atroz nas victimas o verte
A Capadocia—o mais que do abismo
Sopra, inventando Lucifer tyranno—
Tudo com heroismo supportado,
Como o houve jamais, é propendendo
D'elle co'o alto exemplo almas impuras
Ao dogma de um Deos, unico e véro,
Que inspira tal valor no soffrimento—
Quantos, leaes á Christo, assim fenecem;
De Christo no amor, que exulta n'elles,
Resplendece, exultando a—Charidade.—

Não é que d'ella os eternaes tryumphos
Avultem só nos martyres divinos;
Grandiosos, que são, á mais se estendem.—

Nos animos que rege o negro Lucifer,
De possessões o destemido anhêlo
Accende, e n'elle os afervóra iniquo.—
Ante cultas nações, ou povos broncos
Sopesada, e cruel lampeja a lança
Da conquista oppressôra—o brado horrendo
A's bastas selvas no assombrado seio
Das bombardas mortiferas dispenha-se.—
Qual bando espêsso de sylvestres aves,
Que no chão, em que poisa, em quanto escava,
E recolhe o seo modico sustento,
Tranquillo em tal mister nada o dispersa;
Porem de imigo açôr ao perto ouvindo
Fatal soar o arcabuz, que estoira—
Sofrego arranca—e n'arvore, que dista
Mais que todas d'ali timido assenta:
Prosegue o p'rigo, e d'elle á que não caia
Victima infausta—alfim de novo o bando
Arranca; e dispartindo-se, cada ave
De cada um coito no incerto rumo
Duvida receiosa e mal segura—
Taes das virgens florestas dispartidos
Os filhos, duvidosos vagueando,
De cada abrigo timidos receiam
Co'a dura escravidão surdir-lhe a morte.—
Cedem polidos, e bisonhos povos
A' fôrça em fim do prepotente assalto.—

Do dominio á paixão, tyranna e céga,
A' crua inveja da opulencia estranha,
A segurança das nações sagrada
Immolando, e a paz; d'ellas os livres
Direitos sugeitando—insana folga
A conquista fatal quando outros penam.—
Nos faustos do poder sem que o seo nada
Rastrear possa o homem—elle a obra
De Deos a mais sublime impio se julga
Com fôrça á desfazer no homem remido:
Desvairado, sem crêl-o, á seo arbitrio
Presume que lhe é dado com imperio
Submetter violento a liberdade
Do homem, em quem pôz do Eterno o Filho
Com o sangue seo inviolavel tymbre.—
Mas em tanto que os despotas respiram
Satisfeitos da sua iniquidade,
E que em ondas de jubilo perverso
Arfam, do alheio rindo-se infortunio—
Do alto, d'onde os fita, e d'onde as suas
Exercidas cruêsas lhes contempla,
A medida regúla o Omnipotente
Da paciencia dos opressos povos.—
Cheia..... A' essas campinas que se eriçam
De instrumentos de morte—esses guiando
Povos por justa causa a Providencia—
Sobre as ruinas o tryumpho alçado

De vencidos tyrannos—essa gloria
Que em fervido alvorôto os ares fére;—
De alto heroismo, e da ardidez dos homens
Que effeito são—desacertais, se o crêdes.—
Sobre si accordada a—Charidade,
No captiveiro mais que o soffrimento,
Que lhe cumpre calar, vendo um desdoiro—
N'esses povos, que mutuos se soccorrem,
E que á lide briosos se remessam,
A vencedôra é ella: esse tryumpho
É seo—sua essa gloria; e magnanima
Da victoria senhora sublimada,
Da peleja entre os miseros despojos,
Aos que então prepotentes lhe faltaram
Estremecida mãy adoça os transes.—

Oh dom maior que o mundo, igual somente
A'quella Omnipotencia, que o creára!
Qual de Deos revolvendo a Immensidade
Maravilhado o espirito se arrouba,
Tal meditando em ti se arrouba elle;
Igual effeito dás, de Deos transumpto.—
Tú és p'ra vida o qu'é limpido arroio
Ao que assedentado afflicto versa
Em desertos e aridos caminhos:
Tú és o que emanar do Céo podia
Para a obra tornar este universo

Do Creador augusta—e dar-lhe face
Da sublime de todas as virtudes:
Com tigo o Redemptor foi que entre a dita
E á existencia pôz justo equilibrio—
Sem ti ao humano ser fugira a vida
Triste, sabendo só o qu'é amargo,
E o que doçura é não conhecêra.—
Como o Eterno a—Charidade—é tudo.—

A mulher que o amor tyranno e cégo
Das sensuaes delicias desvairára,
Em cujo coração o derradeiro
Affecto lhe extinguio feia volupia—
Qual o effeito só de prole a idéa
Tem da que apressa desenvôlta vida:—
Misera escrava da paixão, que a abrasa,
Nos ferreos laços de torpesa immunda
Alma lhe não sobeja ao qu'é ventura
Da mulher sendo mãy; não prova o jubilo
Que dá ao coração o amôr de um filho.—
Em tal devassidão, que lhe seccára
De toda a fonte ás sensações mais nobres,
Aos praseres mais licitos, mais gratos,
Do gôso que vendêo fructo sem dita
Um filho bróta á luz.—Quadro, que ás féras
No peito o coração amolentára,
Ellas, que afagos dão, cuidado á prole—

Só não move a tal mãy! Ella aviada,
Em socego estendida—ao chão envôlto
Em andrajos o filho abandonado!.....
É o chôro a linguagem da infancia:
O materno calor chorando pede-lhe;
Chorando o leite, que o sustente—lembra-lhe:
De leite os peitos boleados arfam;
Nas roupas, que o embebem, se esperdiça,
Mas do filho molhar os labios—nunca!.....
E morrerá á mingoa esse innocente?
Se o monstro, que o gerára o abandona,
Em quem elle terá um jús, que o salve?
Ante a lembrança da fatal volupia
O filho que á luz dêo p'ra ella é nada,
Poem-lhe um entrave á desenvôlta vida:—
Ou outra, ou ella, apadrinhada ás sombras
Da noite, o fructo, que em botão disponta
Inda tenro da vida, expoem-no insana
A' roda ao infortunio destinada:—
Volve-a—a sinêta que, soando, avisa
Menino, que impia mãy ao dó entrega.—
Não a abrandára seo chorar de infante;
Afagadôras mãos aqui lhe acodem
Promptas, que o alçm ao tranquillo poiso
De seos tenros irmãos na desventura.—
Despida a roupa sordida, que o cobre,
Enfaicham-no gentis cuidadas vestes:—

Nutrido, e satisfeito—ri-se, e o riso
Enlava á pela graça mãy, que suppre-lhe
A' mãy por natureza, que o despresa.—
Esta nem qu'elle existe, ou qu'aos soccorros
D'arte rebelde, o dispenhou no tum'lo
Enfermidade atróz, se quer se lembra:
Mas elle vive.—E quem, minino, á sombra
De asylo tal, com tigo desvellada,
Te assim ampára? Quem salvou-te a vida
Ente, que o desamôr orfão fizéra?
Quem?!.....—A que com Jesus nascida, o Orbe
Dá salvo á culpa, salvo ao captiveiro:—
A mãy, que te gerou—crúa te engeita,
E por filho te adópta a—Charidade.—
Em tanto essa mulher, que ao filho esquece,
Desmedida na sua incontinencia,
A' promessa rendida, que nocturno
Requestador lhe faz—na mesma rua
Do asylo protector, que o filho encerra,
Alguma vez parou.—Vagir de infante
De lá descendo, o desattento ouvido
Do infortunio á morada vem ferir-lhe.—
Em um momento só pôde o remorso
O que não pôde nunca a natureza:—
Sobre-salta-se a mãy descaroavel—
Lança olhos ao asylo, e a si pergunta—
—O que chóra infantil será meo filho?!.....—

N'ella passou a sensação tam rapida
Como lume de raio—e, qual sentença,
Que a fulminasse, receiando o chôro—
Como sempre cruel, d'ali deserta.—
Ao innocente as lagrimas cessaram;
Da—Charidade—o Anjo, que o velava,
Na leve pluma lhe embebêra o pranto.—

Mãos bençoadas do Eterno foram
As que edifficios ao infortunio ergueram.—
Se falhassem á terra almas tão pias;
Se o oiro com qu'a dita oppulentou-as
A' um tão grande fim se não prestasse,
E que mais praz á Deos;—se d'elle a parte
Negando avaras, que pertence ao triste,
Lhe recusassem charidoso ampáro—
Do Universo o que fôra? A puericia
Na misera orphandade entregue aos vicios,
Depois aos crimes duramente affeita;
Na corrupção a desvalida infancia—
Muitos de ambas perecendo á mingoa—
Horrôres só de si daria o mundo,
De si mór parte a geração perdêra.—

Em quanto n'esses animos Celestes
A dilécta de Deos virtude sancta
Tudo vence em favôr do desampáro—

Satan no negro abysmo se arrepéla.—
A serie de tryumphos gloriosos,
Que opposta aos planos seos á ella adorna—
Ira-o; mas na soberba assim calcado,
N'elle em vez de quebrar, illuso afia
Do Céo contra o mór bem seu impio motu.—
De tudo que traçou contrario á elle,
Atróz deslustre, harrôr de tal virtude,
Uma ambição no coração do homem
Arraigou invencivel.—Quando ella
Influio-lhe de lá—o desacato,
O desbrio do crime—á lei suprema
Do Ser Eterno o desamôr junctou-lhe.—
Então n'essa ambição dilirioso,
Ao Céo furtando os olhos, estendendo-os
Do mar na vastidão, e o mar medindo—
—Oiro amontoarei—o homem dice;—
—Co'a fortuna correr pobresa importa;
—Dá-se franco á romper o largo occeano—
—Ao mercado exporei humana carne.—
Bastou dizer—de Lucifer tentado,—
Sanctos direitos de nação tão longe
Porque violentar ou vá, ou mande,
Por mais arrisca o que possúe de menos.—
Ao duro braço, que o dinheiro armára,
Céde—e o sólo desampára escrava
Triste Africana gente, á quem remira

De Deos o sangue qual remio á todos.—
Toma a ambição de hypocrita virtude
A masc'ra—e dá do bem com falsas córes
Dissimulo á seo crime, impondo anhêlo
De um Deos á luz trazer animos brutos.—
Cégo engano da sordida avaresa—
Quem mente á lei do Céo, mentio á tudo.—
Se ao gremio dos Christãos trazer tal gente,
Saudavel, pede a Fé—a Fé, que a alma
Eleva ao Creador—manda vendêl-a?—
—Dou-lhe no captiveiro a dita, quando
—Por esse, em qu'era misera, troquei-lhe
—Polido estado entre polido povo.—
Prosegue, e em que se abone, o traficante.—
Fortuna a escravidão, ser livre—um damno!
Impio, que o interesse acurva proprio—
Homem fatal dos mais á liberdade:—
Quem te dice que ao Arabe o deserto,
Que ao Esquinão folgando sobre o monte
De gêlo pelas vagas baloiçado,
E rindo-se aos furôres da procélla—
Menos querido fôsse o patrio bêrço,
Porque em solo estranho mais amasse,
Mais lhe importasse o brilho da mais sescia
Sociedade do mundo? É sempre triste
Por melhor o praser da patria longe:—
Dá-nos consolações no infortunio

O chão, em que nascemos:—Deos Supremo
Ao coração unio a patria do homem.—
Foge da corrupção quem simples vive:—
Oras amargas de afflicções soffridas
Na sua—não trocára o Africano
Pela satisfação na alheia terra.—
Despe o caracter vil da vil mentira,
E teo crime confessa, homem insano:—
Dobra de culpa quem na fé se finge—
O mal do bem fingido a idéa aggrava.—
Dise antes que a sêde insaciavel
De oiro, com qu'o Orco te atormenta,
É que te faz em abjecção tão misera
Vendido dispenhar teo semelhante—
Quase sempre á dominio dal-o barb'ro,
Onde o vibrado flagellante assoite
As carnes, descosendo-as, lh'as devóra;—
Nudez e fome, á não isto, o matam.—
Dise que a sêde só de oiro tão crúa
É que a mulher á Africa usurpada
Faz-te á exame expôr infame e tôrpe,
D'aquelle, que a comprando, a quer sadia.—
Serves tua ambição, e com servil-a,
Tens em nada a moral, quando os costumes
No horrôr da escravidão sociaes corrompes:
Tu ensinas com ella ao homem livre
O despreso ao trabalho, e dás á infancia

De feroz barbaria o quadro n'ella:
Com ella infringes da razão os dogmas,
E do Eterno a lei, qu'é mais que tudo.—
D'esse homem que avilta o captiveiro
Co'a idéa, como estou, no quadro fita,
Co'os olhos qual se a visse importa o mesmo.—
Eil-o cumprindo o seo mister de escravo:—
Amanhando ao plantio a dura terra,
Fere-o n'um vasto plaino um sol continuo:—
Antes que ao sulco fertilise a chuva,
Já o molhou co'o seo suor lidado.—
Co'o ferro, que a lavrar o chão lhe coube,
Compassa elle um canto, que disfere—
E dos ares, que rompe—no ouvido
Saudoso vem do viajor verter-se.—
Que magoas n'essa lingoa aspera e dura
A canção lhe estará d'esse selvagem
D'alma desentranhando?—Iniqua sorte
A' que veio um torrão do seo tão longe
Será que maldizendo-a esteja agóra
N'esse, que á ella o degradou, mercando-o?
Ou quem sabe se ao tom d'aquella inculta
Poesia em lembranças desabafa
De Africa, d'essa Patria, qu'inda ama—
Recordando o seo lar—quando seguia
Do Elephante apóz, apóz da Zêbra?—
Elle porém seo canto só entende;

Seo hymno elle dizêl-o só podéra,
Se antes de saudades repassado
Terna reminicencia é, e sentida
Da mãy, que lá deixou, do pae decrepito,
Que, unico, amparava—dos queridos
Filhos, que lá os teve, e lá ficaram,
Que mares lh'os separam tão distantes,
Sem que a mais tenue ao coração lhe aponte
Esperança de vêl-os.—Tristes filhos!...
Talvez que tambem ôje, agora mesmo,
Por senhores diversos repartidos,
Qual d'elles dóe-se o pae, do pae se doam:—
E d'outra coisa ainda... oh—quem o sabe!
De outra coisa expressão póde essa endeixa
Ser, em que pêse ao misero captivo—
Paixão de amôr em seo albôr cortada
Pelo fado, que opprime-o.—A virgem lembra-lhe
Africana, que vaga-lhe por alma,
A' quem á sombra da Palmeira amiga
Na face lhe beijou, lustrosa e negra.—
Rís?... Do que? E crês tú no teo orgulho,
Homem, que te vês livre—qu'á esse homem,
Por crúa violencia escravisado,
Menos dôce lhe foi, e menos charo
O beijo que imprimio na face virgem
Da mulher, que a paixão n'alma accendeo-lhe,
Do qu'esse que á mulher por nós amada

No meigo rosto avidos furtamos?
Em nossos corações a Mão Divina,
Que o germen nos plantára dos affectos,
Por caso ao do escravo o recusára?
Deliras, quando o julgues.—D'elle a pelle
Essa Mão, que a tisnou, para ás caricias
Não lhe mirrou o coração no peito;
Dêo-lh'o, como fiséra aos homens todos,
Para sentir, para querer propenso.—
Do escravo mesquinho a côr, que o tinge,
Como o crês, leve espirito, não monta
A' que seja diverso dos mais homens:—
Aquillo, que não pensas libra ella,
Qu'essa esvaece distincção tão futil.—
Flôres, que os prados deleitando bordam,
Não orna um só matiz:—côres variam
Nuvens no horisonte infileiradas;
De verde na tormenta o mar se traja;
Tintas divergem de aves na plumagem—
Tudo interessa variado ao esp'rito;
Tedio só o monoto lhe causa.—
Mas, tú, que desattento não contemplas
De Deos na ordem fisica os prodigios—
Prêso ao teo prejuiso, desconheces
Que até encanto achou a Providencia
Nas côres variar á humana especie.—

Cheio ao trabalho o seo tardio praso—
No hombro o ferro agricola poisado,
De abundante suor banhado o rosto,
Volve ao tugurio o misero captivo.—
Uma expressão, que seja, sobre os labios
Lhe não ouve ninguem, com que lastime
A' ardua vida que leva:—antes um riso
No semblante lhe adeja.—De qu'idéa,
Na fatal condição, que avilta esse homem,
Vem á elle o praser?—Feliz acaso
Lembra-lhe, que um senhor lhe deparára
Humano—em cujo coração por elle
Da—Charidade—a influição sentindo,
Deixa-lhe inteiras do descanço as oras—
Generoso o recebe, o veste, e nutre,
Pio lhe acode, quando enfermo geme.—

E tú, emanação do Céo sublime,
Até na sua abjecção ao escravo
Dás momentos de jubilo!—Assim como
O pipilar dos filhos emmudece
A ave sob as asas acolhendo-os,
Se perto o reptil vê coleando—
Qual as queixas aos miseros tú calas,
Guardando-os do furôr de avêssa estrêlla.—
Tú és a companheira inseparavel,

Que ameigas o tyranno soffrimento,
Quando se tóca do infortunio á metta.—

Mesmo porque de Christo á augusta e sancta
Virtude não escuse irado Lucifer
Cousa das que tramou-lhe em crúa offensa;
De toda a usança barbara de outr'ora,
Com que era dos Circos á voragem,
Tinha-o sido no mais, a humana vida
Por passa-tempo, superstição, ou êrro,
Dada em atróz, horrendo sacrificio—
Do homem no espirito extinguir-se
Difficultára iniquo.—Então vestindo
Ao caracter de lei impio absurdo—
O crime o homem proseguio no homem
Por duro arbitrio em lh'o vingar co'a morte.—
Em tanto que do Barathro o rebelde
Anjo dominador com tal cruêsa
Seos justos fins á—Charidade—affronta;
No horrôr d'essa pena é que esplendendo
Ella, vence, em qu'o pêse, ao rei das trevas,
Quando elle contando em transe horrivel
Colher impaciente alma, em que fita—
Co'o Céo edificando-a, a—Charidade—
Conforta essa alma, e do Inferno a salva.

Quem foi que em meditar oras da vida

Já gastou nas fataes inconsequencias,
Nos dilirios, paixões ruins, tyrannicas
D'esse adjuncto de homens, á qu'o nome
Sociedade—coube, e não tivesse
De condoido recordar o misero,
Que por feito, não raro, em qu'a virtude
Do que animo iniquo se extremára—
Ou acção, á qu'a fôrça imperiosa
Dos seos brios de honra o condusira—
Ou por facto, em que pôde mais que a sua
Tendencia outra, não prevista e forte—
Soffre, qu'essa lhe impoem sociedade—
Dura pena de morte?—Outro, que aguarde
Tão tremendo não ha estado ao homem.—
Do aresto fatal prestes ao transe,
A solidão abrange-o.—Tal deixando-o
Os seos, se os tem, sem animo de vêl-o,
D'elle os demais, abandonando-o, fogem.—
Os soccorros do mundo ahi cessaram—
E sós com elle n'esse espaço ficam
Negras idéas de infortunio e morte.—
E ellas d'esse misero travando-lhe
Co'o esp'rito combate doloroso—
Com que quadros conculcão-no terriveis!
E quem o turbilhão de idéas póde
Inteiro avaliar, qu'essa alma occupa?
Como á esse infeliz inda se aggrava

Mais da situação o horrôr, não tendo
Se quer uma pessôa, com quem elle
A angustia desafogue, que lhe opprime,
E o coração lhe abafa! Estremecêra....
Da sua solidão a ferrea porta
Sobre os gonzos gemêo:—dentro no peito
Pulsa-lhe o coração accelerado:—
Cuida que vinda é já a ora tremenda,
Em qu'ao supplicio o levem.—Mas do Eterno
O ministro é que unir-se ao condemnado
Vem—á que mais que o soffrimento o faça.—
—Benção de Deos te cubra infortunado—
O sacerdote diz-lhe.—De ventura
—São os dias, que ao homem no caminho
—Da eternidade o poem.—Jardim escasso
—O mundo, rara flôr n'elle se abre
—De verdadeiro bem—e nem por isso
—O que a pôde colher eterno vive.—
—Trouxe ao nascer co'a existencia o homem
—Obrigação, que á morte hade cumpril-a:
—Quer dos homens o praso lhe adiante
—O poder, de qu'abusam—quer no leito
—Succumbindo á doença enchêl-o caiba,
—Tudo é morrer.—Sentida, o horrôr desmente
—A morte, do que foi imaginada.
—A's vezes, magoas ha na vida, qu'esse
—Vencem supplicio—á que tyranna ao homem

—A mão dos homens vota.—Elles á terra
—Dão o que d'ella é—porém não tiram
—Na melhor vida o reservado premio
—A' virtude, se a houve.—O que se estriba
—Na pura fé das tradicções divinas,
—Ao lembrar-lhe Jesus por bem de todos
—Suppliciado—ao lugubre espetac'lo
—Do cadafalso sobrepuja, e finda.—
Não foram termos vãos, balsamo sancto
Palavras taes no coração verteram
Ao comdemnado—á quem o sacerdote
Com fraternal abraço ao peito cinge.—
Desfeita a nuvem, que o turbava negra,
Tornada a fôrça ao animo abatido—
Então assim ao sacerdote o misero,—
—Ministro do Senhôr, bem vindo sejas;—
—Como a treva, que ao sol nascente foi-se,
—Fugio ao teo aspecto venerando
—O pavôr, que em mim era.—Eu doia-me
—Aqui de mim somente, e já agora
—Só me dôo dos homens, quando vejo
—Que Deos não desampára ao desgraçado,
—A' quem foge essa raça abjecta e crúa.—
—Pouco vai que agitado em mim sentia
—Um largo mar de reflexões terriveis—
—Em qu'era eu quase á sonobrar.—De longe
—A' alma em sua penuria lhe apontava

—Na horrida tormenta uma verdade
—Do qu'homens sejão.—Quem me aqui ha posto?
—Elles:—e elles com que jús á morte,
—Qu'heide logo soffrer, crueis me votam?
—Embalde não gastei annos, que conto;
—Dei-á bôa leitura d'elles parte.—
—Do qu'em livros colhi junctado ás minhas
—Meditações—conclúo que de—morte
—Quando a sociedade ao homem pune,
—Não é direito, é sim ferocidade.—
—É jús punir, eu bem o sei—com nosco
—Tal direito nascêo:—elle exercia-o
—Da natureza no estado o homem.—
—Porem isto á que monta, porque a outro
—Da vida despojar os homens possão?
—Quando ás continuas violencias d'esse
—Estado natural para salvar-nos
—Immolou cada um da sua propria
—Liberdade um quinhão—e d'ahi veio
—O poder, de qu'as leis emanão todas—
—Entre as penas, que urgio contra infractores
—Das leis crear—ninguem o bem mais charo,
—A vida—que da Mão Eterna ouvéra,
—Em sacrificio dar jamais podia.—
—De punir o direito não remonta
—A' um tão duro excesso—um êrro é crêl-o.—
—Se da vida o amôr, se o firme anhêlo

—Pela conservação d'ella somente
—Nos laços sociaes nos estreitára;
—De um estado que bem librou tiral-a
—Quando n'outro igualmente ella periga?
—Nem tal coubéra na rasão, que ao homem
—Guiou, á que se unisse.—É vão principio.
—Que porque eu matei—salvo lhe fique
—Ao poder social igual direito.—
—Quem pôz-se em ponto de aggressor, se á vida
—Tem assim despresado—não me escuso
—Eu o direito de guardar a minha:—
—Se, do que elle á mim, primeiro o mato,
—Qual me cumpre, esse jús tenho exercido.
—O só qu'eu tinha e unico recurso,
—Quando á sociedade outros abundam,
—Que ao homem não, em apurado risco.—
—Ella matando usurpação commette
—D'aquillo, que não dá—que ao proprio homem
—Veda-o divina lei dispôr sacrilego.—
—Matar é destruir—punir justiça:—
—A força, á que cedi matando á outro,
—Não é por certo a mesma, qu'impellindo-a,
—Faz que a sociedade sobre a vida
—Decida-se, e com jús d'ella me prive:
—Isto não vem de lei, vem de vingança;—
—Ella desaproveita, quando vinga-se,
—Castigando, conserva—e do punido

—Uteis serviços no porvir aguarda.—
—Com sigo mesma inconsequente, o crime
—De morte, que expiar manda co'a morte,
—Quando tal pena impoem, ella não pesa
—Que o mesmo, que condemna, então commette.—
—Mas, porqu'a sua perversão disfarce
—Em cousa, que lhe acuda em prol da pena—
—Dá por justo principio dura offensa
—Que soffre, e perda na extincção de um membro.—
—Irrisão!—Se uma offensa houve por grave
—No homem, que á meos golpes soccumbira—
—De outra sorte punir não póde o aggravo?
—Meios lhe não fallecem.—Quando perde
—Um homem, e por isso á outro mata,
—Dobra-lhe a perda do segundo a morte.—
—Longe de um fructo de tremendo arbitrio—
—Dou que seja de morte a dura pena,
—Qual todas, do direito salvo e justo
—Que a sociedade tem.—Mas porque ella
—Vota á eterna abjecção tão negra
—Da pena o executor? Então esse homem,
—Quando no cadafalso outro assoberba,
—E os dias lhe extingue, tem por caso
—Cumprido mais qu'um social mandato?
—E porque horroroso é elle e infame?
—Porque dos mais á communhão separa-o
—A sua condicção? Como o que cinge

—O grilhão, que a lei manda, aos pés de outro,
—No acto, que pratica, um instrumento
—Não é elle da lei?—Se detestavel
—O faz então a obra, que preenche,
—A pena tambem é, que a determina,
—E quem a desfechou.—Oh—infallivel
—Consequencia do quanto incompetente
—O poder social é para impôl-a,
—No horrôr, na abjecção está d'esse homem,
—Que o terrivel mister tem de cumpril-a!—
—Não vejo n'essa pena mais que unido
—Um monstruoso arbitrio á iniquidade
—De uma idolatria, áquem somente
—O antigo theor se houve mudado:—
—É d'ella o absurdo o falso Numen—
—O cadafalso é ara—o sacerdóte
—Impio, o executor, que o culto cumpre—
—Eu, infeliz, a victima, que immola-se.—
—Lá dobrou..... e por mim, que ainda vivo!.....
—Oh—como os homens são!..... á naturesa
—Da vida a pêrda é obulo pagavel—
—Mas um consôlo vai em não sabermos
—Quando ao praso acudamos.—E dos homens
—Pode a vontade ao som de um cavo bronze
—Assim mandar assignalar ao homem
—Amargo, tenue praso de existencia!
—No leito, muitas vezes, vai-se a vida

—Sem sentir quem a perde; e o breve espaço,
—Té seo termo fatal—ao condemnado
—De angustias sem iguaes vôa cortado:—
—Dá-se-lhe contemplar ainda em vida
—Todo o aparato lugubre da morte!—
De toda lhe esfriou aqui nos labios
Sua expressão de dôr.—Co'elle o ministro
De Deos se abraça—e, no amplexo, ambos
Vertem unidos lagrimas á mares.—
O ponto veio, em que, cedendo á pena—
O destino cumprio, qu'homens lhe deram.—

E quem em tal situação podéra
Dar á esse infeliz esse confôrto,
Que em ora tão tremenda elle ostentára,
Pasmando á turba, que assistio-lhe á morte?
Quem d'elle não fugio—a—Charidade:—
Ella fêl-o um heróe no soffrimento—
Ella, que só podia; e qu'ao afflicto
Para acudir, de horrôres não receia—
Sem perigo temer, com elle arrostra.—

Jamais te olvidarei n'estes meos hymnos
Generoso Simão:—tú, que animado
Da maior das virtudes—sobre as vagas
Agitadas de horrida procélla,
Pela vida dos mais a tua arriscas;